

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

**IMPACTOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA SOBRE A DIVERSIDADE
CULTURAL NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO
PIRACICABANO-SP**

MARIA DALVA DE SOUZA DEZAN

Orientador: Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho

**Dissertação de Mestrado elaborada junto ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia -
Área de Concentração em Organização do
Espaço – para obtenção do título de Mestre
em Geografia**

Rio Claro (SP)
2007

572.7c Dezan, Maria Dalva de Souza
D532i Impactos da imigração japonesa sobre a diversidade cultural na organização do espaço geográfico Piracicabano – SP / Maria Dalva de Souza Dezan. -- Rio Claro : [s.n.], 2007
157 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Fadel David Antonio Filho

1. Etnologia. 2. Geografia humana e cultural. 3. Processo histórico-cultural. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI – Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Comissão Examinadora

**Prof. Dr. FADEL DAVID ANTONIO FILHO – Orientador
IGCE/UNESP/ Rio Claro – SP**

**Profa. Dra. OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON
FE/UNICAMP/Campinas – SP**

**Profa. Dra. BERNADETE APARECIDA C.DE CASTRO OLIVEIRA
IGCE/UNESP/Rio Claro - SP**

**MARIA DALVA DE SOUZA DEZAN
- aluno (a) -**

Rio Claro, 22 de Agosto de 2007.

Resultado: APROVADO

Dedico este trabalho ao meu pai Paulino,
meu avô Jucundino e ao meu irmão Sidney
(todos in memoriam) que me permitiram
vivenciar o amor Ágape.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela proteção que me concedeu nesta jornada.

Ao meu mestre e orientador Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho, pela aceitação, compreensão, acompanhamento, participação, incentivo e respeito, que me foram concedidos.

Ao meu esposo Otalei e meus filhos; Mateus, Tiago e Elisa, por me compreenderem e auxiliarem, durante a execução desta pesquisa.

A minha mãe Maria, pelo seu carinho, apoio, incentivo e formação humana que sempre me concedeu.

Aos meus depoentes, por disponibilizarem parte de seu tempo, por me receberem com afeto, confiança, por tudo que me ensinaram e por me deixar partilhar de suas vidas, seja através dos depoimentos, documentos, fotos, cartas, livros, etc.

Ao Clube Cultural e Recreativo Nipo – Brasileiro de Piracicaba, na pessoa de seu Presidente Naoki Kawai (Pedro), que abriu as portas e colaborou na descoberta de parte deste universo tão amplo da diversidade.

As minhas grandes amigas, irmãs, cúmplices, Célia e Denise, que em todo instante estiveram ao meu lado, me oferecendo forças e ombro amigo.

À Malu e Gilberto, pelo incentivo e apoio desde o início desta pesquisa.

Às Professoras Doutoras, Solange T. Guimarães e Olga Von Simson, por participarem de minha banca de qualificação, colaborando para melhoria desta pesquisa. E que me permitiram através de suas disciplinas aprender muito sobre Percepção e História Oral.

Às bibliotecárias da Unesp, em especial a Nilza, que dedicou horas de seu trabalho com presteza, delicadeza e simpatia, sempre atendendo em tudo que necessitei.

A todos que participaram desta pesquisa, através de incentivos e colaboração.

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma do nosso corpo e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da **TRAVESSIA**... e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.

Fernando Pessoa

RESUMO: Esta pesquisa foi pautada na descoberta no processo de imigração japonesa para o desenvolvimento econômico e cultural de diversos municípios brasileiros, tendo como exemplo, especificamente o município de Piracicaba – SP. O objetivo é apresentar a importância da imigração japonesa na diversidade cultural do espaço geográfico piracicabano, não nos desvinculando do processo histórico-geográfico. Recorremos a duas metodologias, ao método dialético, e a história oral, que consubstancializaram o levantamento dos dados. Através de contato com a direção do Clube Cultural e Recreativo Nipo Brasileiro de Piracicaba, formamos uma pequena rede de informantes, priorizando a qualidade dos depoimentos e não a quantidade. Selecionamos a partir das narrativas os seguintes eixos temáticos: Condição no Japão, Viagem, Trabalho, Percepção da Paisagem, Moradia, Alimentação, Utensílios usados no cotidiano, Educação dos Filhos, Situação dos Imigrantes durante a Segunda Guerra Mundial (1919-1945), Casamentos, Caminhos para uma vida independente. As diversas etnias, entre elas a japonesa, contribuíram para a formação da diversidade cultural brasileira. No município de Piracicaba – SP, os imigrantes além da participação no processo de desenvolvimento econômico, deixaram marcas no espaço geográfico do município, no qual encontramos traços culturais de diversas etnias que imprimem uma paisagem cultural diversificada.

Palavras chaves: Imigração Japonesa, Diversidade Cultural, Processo Histórico-Geográfico, Piracicaba.

ABSTRACT: This research was based on the discovery of the process of Japanese immigration in several Brazilian cities, with the city of Piracicaba – SP, specifically. The goal is to present how important is the Japanese immigration for the cultural diversity of the geographic space of Piracicaba, always thinking about the historic and geographic context. We use two methodologies: the dialectical method and the oral history, which increased the data. Through the contact with the directions of Clube Cultural e Recreativo Nipo Brasileiro de Piracicaba, we got a net of informants, we decided to give priority to the quality of depositions, instead of quantity. We select the subjects: Condition at Japan, Travelling, Working, Perception and Landscape, Houses, Food, Materials used everyday, Children Education, The situation of immigrants during the Second World War, Marriage and ways to an independent life. The several ethnies, between the Japanese, had contributed to the Brazilian cultural diversity formation. At the city of Piracicaba – SP, the immigrants, beyond the participation in the economical process of development had left marks in the geographic space of the city, in which we find cultural traces of various ethnies that print a diversified cultural landscape.

Keys Works: Immigration Japanese, Cultural Diversity, Historical Geographic Process, Piracicaba.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	09
A METODOLOGIA DA PESQUISA E OS SUPORTES EMPÍRICOS UTILIZADOS.....	13
CAPÍTULO I – IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL	
Subsídios Históricos Geográficos.....	17
1.1 – O Japão no início do século XX.....	26
1.2 – O município de Piracicaba e a Imigração	30
CAPÍTULO II – OS IMIGRANTES JAPONESES COM DESTINO A FAZENDA PAU D’ALHO EM PIRACICABA.....	42
2.1 -Os Portraits dos entrevistados e narrativas organizadas tematicamente	47
CAPÍTULO III – IDENTIDADE CULTURAL – Manutenção através de diferentes estratégias.....	96
3.1 – Histórico para manutenção da cultura do Clube Cultural e Recreativo Nipo Brasileiro de Piracicaba – C.C.R.N.B.P.....	103
3.2 – Manutenção e Integração através das artes, língua, música e esportes.....	108
CAPITULO IV – RELAÇÕES DA IMIGRAÇÃO JAPONESA COM A ECONOMIA PIRACICABANA.....	116
CAPITULO V – OS JAPONESES NO ESPAÇO GEOGRÁFICO PIRACICABANO NA ATUALIDADE.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	132
ANEXOS	
ANEXO I – Contrato de Autorização para Reprodução de Imagem.....	138
ANEXO II – Quadro VI – Distribuição por famílias – 1917 e 1922.....	149
ANEXO III – Relação de Sócios e Não Sócios do C.C.R.N.B.P.....	154

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O presente trabalho se incorpora como um dos instrumentos que possibilitam a apresentação dos resultados da pesquisa a qual nos propusemos, apontando premissas sobre o debate dos temas que são os escopos desta pesquisa; imigração japonesa, diversidade cultural, formação do espaço geográfico e econômico do município de Piracicaba – SP.

Durante o período a nós destinado para realização desta pesquisa fizemos uma análise da importância da imigração japonesa para o desenvolvimento da diversidade cultural no município de Piracicaba – SP. Para tanto, estabelecemos o panorama social e a situação econômica vigente na época das imigrações, no Brasil e no Japão e através de entrevistas, levantamento bibliográfico, estudo de outros trabalhos referentes ao tema, como dissertações e teses e artigos em periódicos, analisamos o porquê da vinda dos imigrantes japoneses para o Brasil e especificamente para o município de Piracicaba.

Nesse sentido, o estudo e a compreensão da imigração como fator social que interfere no espaço geográfico e as inter-relações provenientes desse contexto fizeram parte do escopo desta pesquisa. Com o objetivo de demonstrar como o município se desenvolveu economicamente, pautado na agricultura, e como recebeu a contribuição para este desenvolvimento de diversos imigrantes, delimitamos dentro do tema, a análise da influência social, política, econômica e cultural dos imigrantes, que vieram para o município, em consequência dos fluxos imigratórios, para trabalhar nas lavouras de café.

Ao analisarmos o contexto histórico-geográfico brasileiro, constatamos que na segunda metade do século XIX, a cafeicultura trouxe o desenvolvimento econômico para o Brasil em especial para o Estado de São Paulo. O café predominou como o principal produto da exportação brasileira, superando o açúcar, o fumo e o cacau, entre outros produtos da economia brasileira.

A pressão externa pelo fim da escravidão em especial por parte da Inglaterra, fez o Brasil ceder gradativamente ao longo do século XIX, com a abolição do tráfico de escravos em 1850 – Lei Eusébio de Queirós, e a promulgação da Lei Áurea, em 13 de

maio de 1888, com a libertação dos escravos, mas não com a sua inclusão como trabalhadores livres em nossa sociedade.

Com o objetivo de suprir as necessidades de mão de obra e colonizar as áreas ainda vazias, foram introduzidos no Brasil, ao longo do século XIX, grupos de imigrantes estrangeiros. Para o trabalho nos cafezais, foram trazidos principalmente os alemães, italianos, espanhóis a partir da década de 1880, e os japoneses a partir do início do século XX.

Como justificativa da escolha deste tema, entre diversos fatores aventados, contam-se a influência de minhas origens, como filha de migrantes nordestinos. Este foi um forte incentivo, quando procuro, em meus estudos saber o porquê as pessoas migram.

Em minha história de vida, analiso desde a chegada de meus pais, em São Paulo, na década de 1960 e a convivência com diversos migrantes e imigrantes, num bairro onde havia diversas famílias japonesas. Esse bairro citado - Ponte Rasa, fica entre os bairros da Penha e Ermelino Matarazzo, na zona leste de São Paulo e possui em funcionamento, até hoje, o Clube Ponte Rasa Nihonjinkai. O bairro é também próximo a uma das mais influentes colônias japonesas, de São Paulo, a do bairro de Itaquera.

Embora não sendo de descendência japonesa, convivi durante toda minha infância e adolescência com vizinhos e amigos japoneses. Tive a oportunidade de conhecer parte de sua cultura, que era transmitida às novas gerações. Conheci através de amigos, colônias em São Paulo, no bairro onde vivia e em outros bairros como o de Itaquera, nos municípios de Atibaia, Mairiporã, Suzano e Mogi das Cruzes.

Concluí a Licenciatura em Geografia no ano de 1987 e a Licenciatura em Pedagogia no ano de 1998. Mudei de São Paulo e continuei tendo contato com amigos japoneses. A cultura oriental sempre me causou interesse. Ao chegar em Piracicaba no ano de 1995, observei que havia diversos descendentes japoneses, principalmente no comércio local.

Sendo professora da rede pública, desde o ano de 1985, lecionei em diversas localidades e a partir de 2003, leciono num bairro de Piracicaba onde os primeiros imigrantes japoneses se instalaram. No bairro rural ou distrito de Ártemis, distante 20 Km do centro do município no qual a história dos primeiros imigrantes japoneses se

mescla com a história da cidade, atuo como professora e para melhor compreender a realidade desse bairro, senti-me motivada a empreender esta investigação.

Ao iniciar os caminhos preliminares desta pesquisa, fiz um levantamento bibliográfico nas diversas repartições públicas e privadas do município. Notamos, porém, a pequena disponibilidade de estudos que apresentassem uma análise histórica - geográfica em relação aos imigrantes japoneses, quanto à sua representação entre os fluxos populacionais imigrantes dentro do município piracicabano.

Tendo em vista o multiculturalismo, a partir das várias imigrações que para aqui se dirigiram, chama-nos a atenção o fato de existirem escassas pesquisas que abordem a importância da imigração japonesa em Piracicaba, considerando que o número de habitantes descendentes de imigrantes japoneses é relativamente considerável. Segundo o cadastro do Clube Nippo existem atualmente mais de 400 famílias de origem nipônica na região.

Ao nos aprofundarmos no assunto, partimos tendo como referencial um projeto, em estágio de especialização na Unesp – IGCE – Instituto de Geografia e Ciências Exatas - Rio Claro –sob o tema “**A Importância da Imigração Japonesa no Espaço Geográfico Piracicabano – SP**”, sob a orientação do Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho.

Na escolha do tema preponderou o interesse pela cultura japonesa, o vínculo da vivência com descendentes e a possibilidade de explorar o tema da diversidade cultural. Como questionamento, levantamos as possibilidades de conexão entre os fatos escritos e relatados, por imigrantes e descendentes, não deixando de lado a possibilidade de analisarmos o tema, através da ótica geográfica, que envolve as perspectivas de tempo e espaço.

Para a organização desta pesquisa, além dos dados encontrados em repartições públicas e privadas do município, visitamos o museu da Imigração Japonesa, o Memorial do Imigrante, a Fundação Japão, o Centro de Estudos Nipo – USP e o Centro de Memória da Unicamp. A partir da coleta de dados, foi necessário elaborar uma organização dos mesmos que fosse de forma clara e objetiva, procurando adequar os procedimentos às necessidades que nos foram apresentadas durante a pesquisa.

Consideramos que a Diversidade ou Pluralidade Cultural constitui um tema importante para a compreensão do contexto político, econômico e social de Piracicaba, que passou a ser discutido em diversos campos das ciências, mais recentemente.

Por ser um assunto amplo, e dentro do tempo a nós destinado para execução desta pesquisa, gostaríamos de salientar; que abordaremos no transcorrer dos capítulos algumas conjecturas, estabelecendo relações espaço-temporais, para compreendermos as inter-relações sócio culturais no espaço geográfico piracicabano, como também contribuir para o entendimento de questões relativas ao tema.

A METODOLOGIA DA PESQUISA E OS SUPORTES EMPÍRICOS UTILIZADOS

Para a realização da pesquisa proposta, levantamentos bibliográficos em repartições públicas e privadas do município de Piracicaba, como também visitas para levantamento documental e iconográfico em São Paulo ao Museu da Imigração Japonesa, ao Memorial do Imigrante, ao Centro de Estudos Nipo-Brasileiros na Universidade de São Paulo, e ao Centro de Memória da Unicamp na Universidade de Campinas. Foram necessários no sentido de traçar o panorama do estágio dos conhecimentos já elaborados pelo tema.

Neste sentido, podemos afirmar que esta etapa, correspondente ao levantamento bibliográfico, foi de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa e para embasar a metodologia que iríamos utilizar.

Por se tratar de uma pesquisa na área de organização do espaço e dentro do contexto ao qual nos deparamos ao fazer o levantamento bibliográfico, optamos por recorrer a duas metodologias, ao método dialético e a história oral, que consubstancializaram o levantamento de dados.

Ao adotar essas metodologias, aceitamos que os dados não falam por si só, mas se estabelece uma relação dialética entre a teoria e a prática.

O método dialético (materialismo histórico dialético), cujos argumentos teóricos nos permitem interpretar uma sociedade, que através de ou sob os moldes e/ou padrões do capitalismo, visa à obtenção de lucro, através de relações sociais e de poder sob a égide do capital. Em suma, a natureza, sob esta perspectiva, é compreendida como mercadoria afetada, pelos meios de produção correspondentes a um determinado momento histórico.

Este método também, sem deixar de ser lógico e objetivo, demonstra sensibilidade pela face social dos problemas, isto é, não perdendo a perspectiva das visões macro-sociais.

Partimos do pressuposto que, toda metodologia supõe uma concepção de realidade, sem o que, não teria o que explicar.

Para tanto, no uso desta metodologia entendemos por formação social a realidade que se forma através do desenvolvimento histórico. A dialética privilegia o fenômeno da transição histórica, que significa a superação de uma fase por outra.

Nesse sentido, aceita a dialética como uma forma de privilegiar certos fenômenos em detrimento de outros, não vê nem explica tudo. Assim, a dialética não escapa à condição comum de ser uma interpretação da realidade, ou seja, de ser uma das formas de se construir uma interpretação do real.

Nosso objeto de pesquisa se encaixa no contexto das mudanças sociais. Na metodologia dialética, as mudanças sociais não são ocasionais e muito menos anormais. São regularidades históricas, que fazem parte da estrutura da História e da formação do espaço geográfico.

Por outro lado, o método de História Oral ou também conhecido como método biográfico utilizado em pesquisas de caráter sócio-histórico, que não visa como única preocupação à reconstrução de fatos do passado, é grande colaborador nas tentativas de capturar e compreender as visões do mundo, de diferentes grupos sociais, envolvidos nos mesmos fatos e os mecanismos da propagação destes fatos.

Este método objetiva com o auxílio da memória de informantes, construir versões sobre o passado que as narrativas permitam elaborar. Nesse sentido, complementando as informações obtidas, por meio de outros suportes empíricos, como realia, documentos escritos (como certidões, diários, cartas, passaportes) ou imagéticos, (como fotos, gravuras e filmes). Esse cotejamento dos dados colhidos com outros documentos é fundamental, uma vez que a preocupação com um certo grau de veracidade é significativa para a pesquisa sócio-histórica. **(ANEXO I – Contrato de Reprodução de Imagem).**

Rompendo as dificuldades inerentes a esse processo metodológico, através de contatos com a direção do Clube Nipo de Piracicaba, formamos uma pequena rede de informantes. Salientamos que no caso priorizamos a qualidade dos depoimentos e não a quantidade, pois os depoimentos representavam o universo estudado.

Selecionamos, a priori, vinte depoentes, de acordo com as fases da imigração japonesa para Piracicaba e finalizamos a coleta com quinze. Posteriormente dentro do

contexto da pesquisa, esses informantes e seus relatos serão apresentados por eixos temáticos.

Um outro fator, que salientamos, é a não descendência nipônica da pesquisadora. Para tanto, tivemos que aprender a utilizar algumas formas de etiqueta, comuns nas relações sociais nipônicas, para nos inserir no grupo e obter informações, colocando em prática a autocensura, que inibe a colocação de certos temas nas entrevistas/depoimentos. Um dos fatores que auxiliaram nesse contato foi o fato de ser docente da escola do bairro e por isso ser reconhecida por alguns depoentes. Os outros depoentes aceitaram de forma gentil, após apresentação prévia do diretor do clube ou da apresentação de outros depoentes, como também examinando a declaração oferecida pela universidade, que esclarecia meu vínculo com a mesma.

Assim, os informantes, depois de certo tempo, estabeleceram uma relação de confiança e disponibilizaram objetos, documentos, fotografias que depois de devidamente explorados no processo de identificação e catalogação, contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

Tivemos que considerar os poucos documentos encontrados no levantamento bibliográfico sobre os imigrantes japoneses de Piracicaba, que estes seriam insuficientes para o embasamento da pesquisa. As entrevistas, utilizando a metodologia de história oral, complementadas pelos documentos disponibilizados pelos informantes, favoreceram a coleta de dados e consolidação da pesquisa com uma considerável riqueza documental.

O nosso objeto de pesquisa está inserido num tema maior, que é, a diversidade cultural ou pluralidade cultural, decorrente da imigração. Nesse contexto se apresentam diferentes ideologias e visões do mundo, sendo, portanto um fenômeno social e cultural variável no tempo e no espaço. Isso irá caracterizar as diferenças no espaço geográfico estudado, no recorte temporal para o qual propusemos a pesquisa que foi de 1908 a 2000.

Em alguns momentos foi necessário nos referenciarmos ao final do século XIX, isto porque assim se esclareceram alguns fatos pertinentes ao “por quê” do processo migratório japonês para o município de Piracicaba.

Para melhor entendimento do escopo do projeto, mostraremos no transcorrer dos capítulos algumas respostas a questões referentes ao “por quê”, “para que” e “para onde”, se promoveu à imigração japonesa no espaço geográfico piracicabano.

Procurando esclarecer o que realizamos, salientamos que as disciplinas cursadas e já concluídas no programa de Pós-Graduação da Unesp e da Unicamp, como também as participações em eventos científicos, com apresentações de trabalhos referentes à pesquisa, publicação de artigos, participação em eventos culturais relativos à comunidade nipônica de Piracicaba e ao Festival do Japão em São Paulo, contribuíram para o bom desenvolvimento das atividades executadas.

CAPÍTULO 01

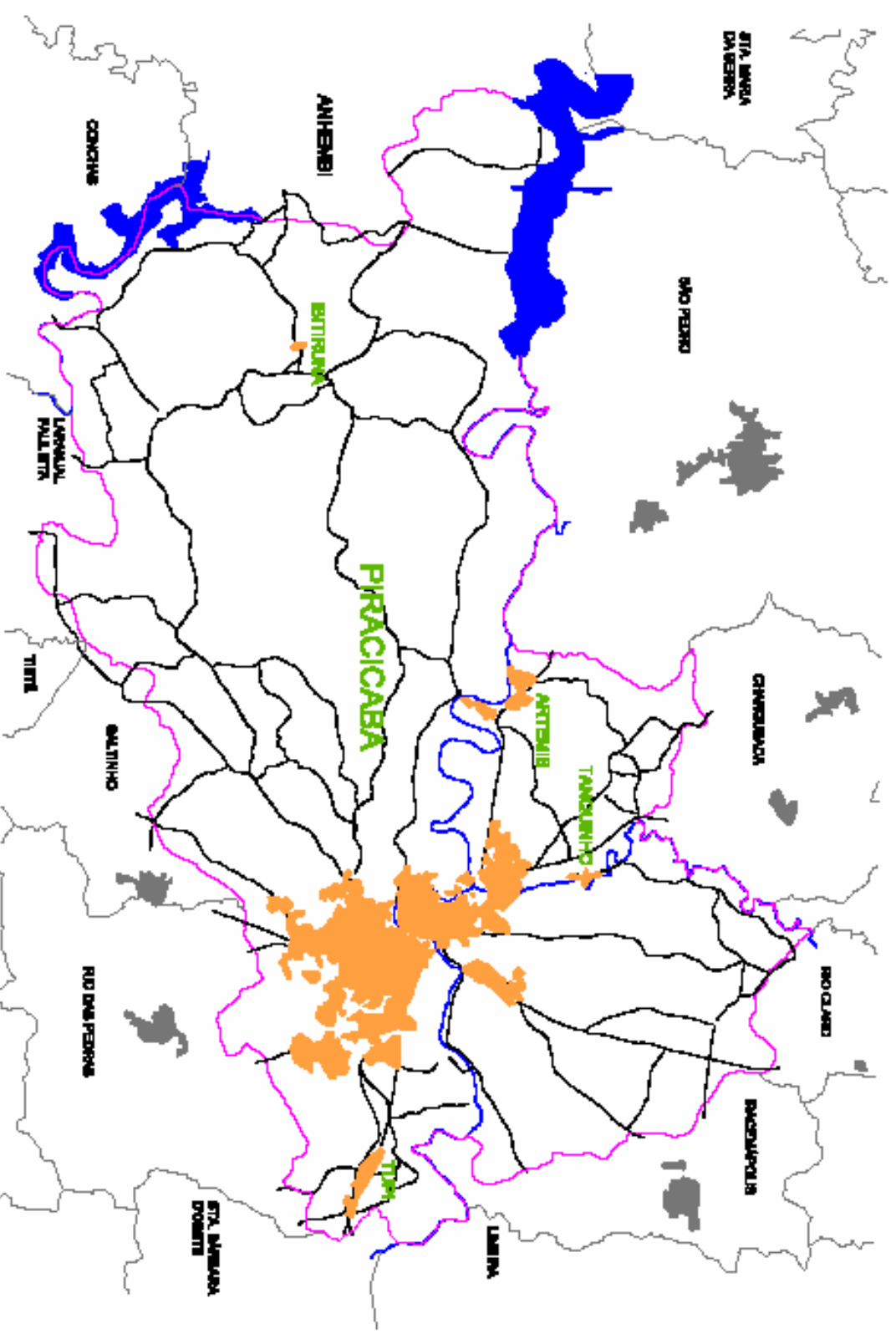
Imigração Japonesa para o Brasil – Subsídios Histórico-Geográficos.

A história da humanidade registra, desde o seu aparecimento na face da Terra até hoje, repetidos movimentos de migração e de fixação de populações em várias regiões do globo.

Os seres humanos sempre se movimentaram, por instinto, com o desejo de conhecer e explorar o desconhecido ou impulsionados por problemas políticos, econômicos, sociais, religiosos, guerras, ou através da combinação de dois ou mais desses fatores. No decorrer dos séculos aconteceram muitos movimentos migratórios de proporções diferentes, sendo alguns de grandes dimensões, os quais influíram significativamente na evolução histórica do gênero humano.

Nesse trabalho nos limitaremos a examinar o maior dos deslocamentos em massa ocorridos na história, entre o século XIX e XX, dentro do qual se situa a emigração japonesa para o Brasil. E mais especificamente tal emigração para o município de Piracicaba.

Segundo dados do Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba, apresentamos o mapa da localização do município de Piracicaba, do distrito de Ártemis, os limites com os municípios vizinhos: Santa Bárbara do Oeste, Limeira, Itacemópolis, Rio Claro, Charqueada, São Pedro, Santa Maria da Serra, Anhembi, Conchas, Laranjal Paulista, Tietê, Saltinho e Rio das Pedras.



Elaboração Cartográfica e ilustração a partir dos levantamentos
 aerofotogramétricos realizados entre 1995
 e janeiro de 2004.

Legenda

- Perímetro do Município de Piracicaba
- Área Urbana do Município de Piracicaba
- Área Urbana dos Municípios Vizinhos

Escala - 1:300.000

PIRACICABA E MUNICÍPIOS VIZINHOS

Até o início do século XIX, índios, negros e brancos, estes em sua maioria portugueses, foram os responsáveis pelo povoamento do Brasil. Foram canalizadas durante o séc. XIX correntes de europeus para o nosso país em função ou de uma política oficial e deliberada nesse sentido ou em decorrência da iniciativa particular.

No Brasil, a abolição da escravidão coincidiu com uma fase de grande desenvolvimento da lavoura cafeeira o que requeria muitos trabalhadores braçais. Os fazendeiros paulistas prepararam, de antemão, a substituição do escravo pelo trabalhador assalariado.

Nesse período, o mundo vivia uma fase de expansão capitalista e no mercado de trabalho imperava o regime de livre concorrência. Quanto ao Brasil, a orientação dada pelo governo imperial foi no sentido de distribuir lotes de terra aos colonos agrupando-os em núcleos coloniais. Das iniciativas particulares vale destacar a de Nicolau de Campos Vergueiro, que trouxe para sua fazenda em Ibicaba (localizada atualmente no município de Limeira), certo número de famílias de alemães, suíços, portugueses e belgas nas décadas de 40 e 50 do século XIX em regime de parceria, no que foi imitado por outros proprietários.

Tal sistema, de parceria fora, intermediário entre o tradicional com a formação de pequenos proprietários e o assalariado puro, que foi adotado mais tarde. Como não foi bem aprovado pelos fazendeiros, foi logo abandonado.

Com o incremento da lavoura cafeeira, principalmente a partir da década de 70 do século XIX, e a urgência de mão de obra, os trabalhadores passaram a ser fixados diretamente nas fazendas como simples assalariados, isto é, abandonou-se o pagamento através da divisão do produto (sistema de parceria) e passou-se a fazê-lo em dinheiro.

O desenvolvimento da cafeicultura, a partir da segunda metade do século XIX, trouxe um grande desenvolvimento econômico para o Brasil, em especial para o atual Estado de São Paulo. Este desenvolvimento possui intensas relações com a vinda de imigrantes para as lavouras cafeeiras.

O governo, por outro lado, encarregou-se de subvencionar a propaganda de nosso país nas regiões fornecedoras de braços e a pagar as passagens dos imigrantes até os nossos portos. Com alguns curtos períodos de interrupção, o sistema de imigração subvencionada vigorou no Estado de São Paulo por muitos anos. (NOGUEIRA, 1973, p.38).

A preocupação dominante dos homens da então Província Paulista era solucionar o problema, tendo para tanto lançado mão de imigrantes das mais diversas procedências, sendo que dentre eles foram os italianos os que afluíram em maior número.

O imigrante, que veio durante certo período em caráter supletivo – tendo coexistido com o escravo na lavoura – a partir da abolição tornou-se o substituto efetivo da mão-de-obra escrava.[...] distingue três períodos: o primeiro de 1808 a 1886, o segundo de 1887 a 1930, e o terceiro de 1930 em diante. Segundo Carneiro, apud NOGUEIRA (op.cit.) p. 37.

Considerando este critério, de divisões em períodos de Carneiro o início da imigração japonesa para o Brasil em 1908, teve lugar no segundo período. Convém ser esclarecido que a transferência desse enorme contingente humano em tempo relativamente curto foi possibilitada pelo desenvolvimento dos meios de transporte, em especial a navegação a vapor e as estradas de ferro.

A partir desses deslocamentos podemos analisar de forma geográfica e demográfica como nos apresenta Okasaki Fuminori:

O deslocamento de tão grandes massas humanas teve conseqüências para a própria história da humanidade e dos povos envolvidos. Muito embora seja difícil apreender todo o seu significado e alcance, basta constatar que, levando excedentes populacionais da Europa para regiões desabitadas e inexploradas e que necessitavam de mão de obra competente para o seu desenvolvimento, promoveu-se ampla redistribuição populacional do globo. Fuminori in *Epopéia Moderna*, 1992 p. 18.

No início do século XX, o café era o principal produto de exportação brasileiro. A lavoura cafeeira no Brasil sempre precisou de grande número de trabalhadores. Desde o final do século XIX, para suprir a necessidade de trabalhadores nas lavouras, foi incentivada a vinda de imigrantes. Os últimos doze anos do século XIX foi o período mais intenso de entrada de imigrantes. A princípio foi dada preferência aos imigrantes europeus. No Estado de São Paulo, principalmente, as lavouras de café se expandiram, e havia a necessidade de mais trabalhadores.

Devido à superprodução de café, os preços do mercado internacional começaram a cair a partir de 1896. Durante o período da crise da cafeicultura, muitos colonos imigrantes europeus, já instalados no Brasil, abandonaram as

fazendas. Com isso, a falta de trabalhadores nas lavouras se tornou um problema a ser resolvido pelos fazendeiros.

Os cafeicultores eram os maiores interessados na solução do problema de mão de obra. Diante dessa situação, os fazendeiros reuniram-se para pressionar o governo a fim de solucioná-lo.

O Congresso brasileiro, pressionado pelos fazendeiros, em 1892, liberou a entrada no país de imigrantes japoneses e chineses. Em 1893, representando o governo japonês, em visita ao Brasil, o comissário do Ministério das Relações Exteriores do Japão, conheceu os estados de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e São Paulo, onde teve a oportunidade de conhecer a Hospedaria de Imigrantes, em São Paulo e algumas fazendas do interior do Estado.

O seu relatório reflete a boa impressão que lhe causou aquilo que viu, a ponto de ter prognosticado que no Estado de São Paulo seria possível ao emigrante japonês se estabelecer para sempre comentando: *“Podemos melhorar o nível de vida, obter propriedades, dar educação a nossos filhos e viver com alegria sem que nada nos falte”*.

O interesse crescente das companhias japonesas em colocar a mão-de-obra nipônica em nosso país, fazia com que enviassem representantes seus ao Brasil. Foi o que fez a Kichisa Imin Kaisha em 1897. Em contato com a Companhia de Imigração Prado & Jordão, ficou acertada a vinda de trabalhadores japoneses para a lavoura paulista. Reorganizada a companhia japonesa, a ela sucedeu a Toyo Imin Goshi Kaisha, que foi o nome que constou no contrato então assinado.

Salientamos que no trâmite das negociações, um dos fatores preponderantes era que, tratava-se de uma imigração temporária, os imigrantes viriam por um período mínimo de três anos, sendo que apenas um quarto deles viria acompanhado das respectivas famílias. Em 1895, é assinado o primeiro tratado de Amizade, de Comércio e de Navegação entre os dois países. Em 1897, o Brasil e o Japão trocaram visitas de embaixadores e deixaram estabelecida a vinda dos imigrantes. Com estas condições pré-estabelecidas, nos jornais locais começamos a encontrar artigos sobre o acordo para imigração japonesa.

A 12 de dezembro de 1897 o Diário Oficial do Estado de São Paulo publica um despacho da Secretaria da Agricultura em resposta a uma consulta da companhia A. Fiorita sobre os direitos dos japoneses. De acordo com a Secretaria, os nipônicos teriam direitos

a passagem gratuita do porto de Santos ao local de destino e, também, a agasalho na Hospedaria da capital, como de resto ocorria com os demais imigrantes.
(Diário Oficial do Estado de São Paulo, 1897).

Neste período de negociações por parte das companhias de imigração e do governo, ocorreu uma brusca queda na cotação do café no mercado internacional. O Brasil, em consequência, passou por uma série crise de superprodução, que foi, em última instância, a responsável pela suspensão das negociações.

Neste contexto foi considerada, também a possibilidade de introdução do nipônico nos estados do Amazonas e do Pará para os serviços de coleta de borracha.

O ministro-residente japonês, Chinda, manifestou-se, em 1898, contrário a uma eventual emigração de seus patrícios para essa região, alegando condições de trabalho extremamente desgastantes e precárias condições de habitação.

Houve um intenso empenho das companhias, tanto japonesas como brasileiras, mas nenhuma delas conseguiu levar avante o empreendimento. As autoridades japonesas desaconselhavam a saída de seus súditos para o Brasil. Em contrapartida, vários segmentos da sociedade brasileira continuavam a pressionar o governo para a vinda de nipônicos, para equilibrar a oferta de braços no mercado.

Em 26 de setembro de 1900, foi assinado entre o governo do Estado de São Paulo e o concessionário Marciel Sanz de Elorz, um contrato para trazer até Santos, em um ano e meio 600 famílias. Houve por parte do governo japonês uma intensa resistência para permissão dessa emigração. Inúmeras tentativas da Companhia Elorz foram infrutíferas, mediante aos indeferimentos, tanto que em 09 de outubro de 1903, enceraram-se as negociações.

Em 1906, houve um reaquecimento no interesse dos japoneses em emigrar para o Brasil.

Dentro dessa multiplicidade de fatores que podem explicar tal fenômeno vale destacar: uma maior estabilidade na situação econômica financeira do Brasil; o fato de o grande êxodo rural-urbano do Japão não ter encontrado uma indústria suficientemente desenvolvida a ponto de poder absorver a mão-de-obra excedente do campo, resultando daí um grande número de desempregados nos centros urbanos; as crescentes dificuldades de colocação dos emigrantes em países como os Estados Unidos, por exemplo, tradicionalmente receptores do braço nipônico; e assim por diante. Afora tais aspectos, há um outro que não pode ser menosprezado: o

surgimento de opiniões favoráveis ao movimento entre autoridades japonesas de destaque. Um exemplo é a opinião do ministro Plenipotenciário do Japão, Sugimura, para quem: “Proibida a entrada na Austrália, discriminados nos Estados Unidos, perseguidos no Canadá e, agora, limitados também no Havaí e ilhas do Pacífico, os nossos trabalhadores encontrarão no Estado de São Paulo uma rara felicidade, um verdadeiro paraíso”.

(SAITO, 1961, p. 29)

Se por parte do governo nipônico, houve interesse em conhecer as condições oferecidas pelo Brasil, o governo do Estado de São Paulo também não permaneceu indiferente.

A crise da cafeicultura já estava quase superada, os cafezais estavam se expandindo para a região Oeste do Estado e, sem o braço escravo para os trabalhos, as lavouras precisavam de imigrantes. Em razão disso, companhias japonesas de imigração enviaram seus representantes ao Brasil. Com estas iniciativas aliadas a acordos com empresas brasileiras, principalmente paulistas, contratos foram firmados para a introdução de japoneses.

Carlos Botelho, médico, natural de Piracicaba, pertencente a uma família fortemente engajada na política do Estado, então secretário da Agricultura, diante das dificuldades crescentes em obter o braço europeu – ainda mais agravadas com a proibição, em 1902, da vinda de imigrantes italianos com a passagem subsidiada – resolveu enviar Edmundo Fonseca, Comissário de Imigração em visita a alguns países que haviam recebido aquela mão-de-obra, a saber; Argentina, Chile e Estados Unidos.

O mesmo não pode relatar nenhuma crítica que desabonasse o caráter, a índole e as ambições dos japoneses e as críticas generalizadas já eram conhecidas, isto é, o fato de não se fixarem e não se assimilarem, formando um grupo à parte.

Mediante os resultados positivos dessa inspeção, pressionado pelos cafeicultores, foi que o governo paulista resolveu concordar com a introdução de três mil japoneses em caráter experimental. Sendo assinado então um contrato entre o governo do Estado de São Paulo e a Empire Emigration Company, em seis de novembro de 1907.

Ficou estabelecido neste contrato, que do total seriam divididos em no máximo mil pessoas por ano. Era dada preferência aos agricultores, em famílias de três a dez pessoas aptas ao trabalho. Seriam distribuídos nas fazendas de café ou em núcleos coloniais. As passagens seriam pagas, parte pelo governo brasileiro,

parte pelos fazendeiros, e posteriormente seriam reembolsadas pelos imigrantes, em prestações.

Além do propósito de fornecimento de mão-de-obra para a lavoura cafeeira, havia a esperança de conseguir o desenvolvimento das relações comerciais entre os dois países, como também a conquista de um novo mercado para o principal produto de exportação do Brasil, o café.

Em razão do contrato citado, em **18 de junho de 1908** o Kasato Maru atracou no porto de Santos, dando início, oficialmente, à imigração japonesa para o Brasil.

Mediante a este breve histórico apresentado, concordamos com o que nos diz a pesquisadora Arlinda Rocha Nogueira, uma pioneira no estudo deste tema:

A imigração teve, como procuramos demonstrar, de vencer uma série de obstáculos, no Brasil e no Japão, impostos pela opinião pública, pela imprensa e pelos órgãos governamentais que se manifestaram muitas vezes contrários a esse movimento por razões as mais diversas. Isto tudo afora as limitações impostas por leis e decretos promulgados tanto no nível federal quanto estadual. Apesar de todos esses percalços, o imigrante aqui chegado em 1908 debaixo de tantas apreensões, aqui permanece, na figura de seus descendentes, brasileiros natos, prestando uma colaboração inestimável ao país nos mais diversos setores de atividades.

Nogueira in Epopéia, 1992, p. 55

Ryu Mizuno, ex-deputado da oposição no transcorrer das negociações visitou o Brasil em 1906 e na oportunidade conversou com o Secretário da Agricultura de São Paulo, Carlos Botelho. Mizuno, de volta ao Japão, após a assinatura do contrato entre o governo e a companhia de emigração, desencadeou uma campanha publicitária: **“Trabalhe no Brasil e fique rico”**

Na década de 1920, eram utilizados pelas companhias de imigração, cartazes como o abaixo mostrado, para atrair imigrantes para o Brasil. Nele vemos um japonês com o dorso desnudo (o que simbolicamente na cultura nipônica significa pronto para enfrentar desafios) que apóia unido em seus braços, como forma de proteção, uma mulher com a bandeira do Japão, crianças, e empunha, ao mesmo tempo, um instrumento utilizado na agricultura. Com a outra mão aponta o Brasil, no mapa da América do Sul, como a indicar seu destino e de sua família.



Fonte :
(F
RE
IT
AS
,
199
9,
p.
33)

1.1 –
O
J
a
p
ã
o
n
o
i
n
i

cio do século XX

No Japão eram latentes no início do século passado as consequências da superpopulação e do desemprego, situação agravada ainda pela baixa produtividade agrícola e industrial. A população rural era uma das mais atingidas pelo processo de transformação do país sob o comando do imperador Meiji. Uma das principais alterações na vida dos japoneses que emigrariam para o Brasil foi à nova tributação

sobre a terra. O pagamento, antes feito em espécie, passou a ser cobrado em moeda e isto significou grande perda do nível de vida dos lavradores.

A situação interna no Japão exigiu das autoridades governamentais um estudo do problema da emigração. A causa principal dessa mudança de orientação foi à crise econômico-social do país que se refletia negativamente nas finanças do Estado.

Diante da crescente miséria no campo e de todas as crises sócio-econômicas, o governo de Tóquio reavaliou certas restrições à emigração e passou a reconhecê-la como necessária para aliviar tensões sociais. Oficialmente, a primeira imigração japonesa ocorreu em 1883, quando 37 pescadores de pérolas foram para a Austrália. Mas, somente a partir da emigração de grupos maiores para o Havaí, em 1885, é que esse deslocamento ganha importância.

Neste mesmo período, muitos países europeus já estavam bem mais adiantados no movimento migratório. A abolição da escravatura no Brasil, em 1888, somada ao desenvolvimento econômico do País, principalmente com a expansão do café, e as restrições adotadas pelo governo dos Estados Unidos em relação à entrada de imigrantes já tinha estimulado a vinda de milhares de europeus para o Brasil.

Comparando o número de pessoas que saíram do Japão e o fluxo dos grandes países imigratórios, observa-se que o deslocamento dos japoneses ocorreu por um período relativamente curto e em pequena quantidade. Do final do século XIX até o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, saíram do Japão cerca de 1.013.000 pessoas, enquanto que da Itália, por exemplo, a imigração envolveu mais de 10 milhões de pessoas.

As principais causas para esse quadro foi o atraso para iniciar a imigração e as restrições à entrada de japoneses em muitos países. Posteriormente com a queda das

restrições os japoneses se espalharam por um grande número de países. Do início da migração até 1941, esses imigrantes se instalaram em 35 países, sendo que 14 só nas Américas Central e do Sul.

Este atraso e a pequena presença de japoneses no Brasil influenciaram diretamente na difícil adaptação desses imigrantes japoneses no país. Quando o Kasato Maru aportou em Santos, milhares de europeus já tinham disseminado suas culturas, costumes, tornando os hábitos dos japoneses totalmente estranhos. Antes da

chegada oficial dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil em 18 de junho de 1908, no entanto, outros grupos já tinham tentado se estabelecer no País, mas sem sucesso.

O Vapor Kasato Maru, navio hospital russo apreendido pelos japoneses durante a guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e transformado em navio de passageiros, fez apenas uma viagem para o Brasil, mas é até hoje, símbolo dos nipo-brasileiros. Depois de dias no mar, dele aportaram 781 pessoas (165 famílias e 48 solteiros) vindos para trabalhar nas lavouras de café. Contratados pela Companhia Imperial de Colonização Ltda., então presidida por Ryu Mizuno, o vapor chegou às 9h30 do dia 18 de Junho de 1908 ao porto de Santos. Era o começo da imigração contratada para as fazendas de café do Estado de São Paulo.

O nome Kasato Maru passa a constituir um símbolo de relacionamento entre o Brasil e o Japão. Falar em Kasato Maru é lembrar o princípio das relações profundas que se estabeleceram, desde então, entre os povos dos dois países.

Foi um relacionamento nem sempre fácil ou sem incidentes, tanto no nível popular como entre os respectivos governos. A chegada dos imigrantes a bordo do Kasato Maru inaugura a história do relacionamento entre os dois países.

Os imigrantes passaram a noite do dia 18 a bordo do Kasato Maru. No dia seguinte deixaram o cais do porto em trem especial que subiu a Serra do Mar, na direção de São Paulo. Foram abrigados na Hospedaria de Imigrantes, que foi de suma importância para o processo imigratório para São Paulo.

Entre 1827 e 1939, chegaram ao Brasil mais de 2,5 milhões de pessoas compondo um mosaico de nacionalidades, caracterizando a diversidade. Para atrair esse imigrantes, os governos central e provincial, criaram uma política que objetivava a mão-de-obra para a lavoura cafeeira, nela incluía-se a passagem gratuita de navio e de trem,

bem como a construção de hospedarias que tinham por finalidade receber e alojar os imigrantes nos seus primeiros dias no país.

A Hospedaria dos Imigrantes, no bairro do Brás, começou com a aquisição de seu terreno em 17 de Maio de 1886 e posterior construção. Ela foi efetivamente ocupada, mesmo que com só um terço de sua construção já edificado, a partir de 05 de Junho de 1887.

A Hospedaria de Imigrantes contava com: serviços de manutenção (lavanderia, cozinha, pavilhão de desinfecção de roupas), assistência médica e odontológica, farmácia, laboratório, enfermaria, hospital, capela, correios, uma estação de trem onde os imigrantes eram desembarcados e a Agência Oficial de Colonização e Trabalho, uma espécie de agência de emprego para os imigrantes.

A partir da década de 1930, a Hospedaria passou a acolher também trabalhadores migrantes provenientes de outros estados brasileiros. O último grupo ali acolhido foi de coreanos, no ano de 1978.

(FREITAS, 1999, p. 43).

No momento em que pisava o solo no porto de Santos, o imigrante começava uma nova vida no Brasil o espaço concreto escolhido para iniciar o desejado deslocamento no espaço social. Não existe relato escrito sobre as impressões, sensações e pensamentos de cada um naquele momento histórico. É possível imaginar que provavelmente todos sentiram, ao lado da grande esperança de começar uma vida melhor em país novo e desconhecido, um turbilhão de inquietações e incertezas quanto ao futuro.

Na Hospedaria, existem relatos referentes aos imigrantes japoneses, que contam que após a primeira refeição, observou-se a ordem deixada pelos imigrantes nas mesas e cadeiras, e o chão permaneceu limpo, o que geralmente não ocorria com imigrantes de outras nacionalidades. Ainda na Hospedaria, os imigrantes passavam por uma vistoria de saúde, e assinavam os contratos, contendo as condições de trabalho nas fazendas para onde iam ser encaminhados. Contudo, ao chegarem nas fazendas notavam que havia uma grande diferença entre a propaganda no país de origem e a realidade concreta do país de destino.

Esse fato irrompeu em profundos atritos entre eles e a administração das fazendas. Em todas as fazendas foram registrados problemas, embora com algumas diferenças em sua natureza e grau de gravidade. Porém, a todas eram comuns:

- Más condições de habitação e alimentação.
- Dificuldade de entendimento entre os imigrantes e a administração da fazenda, por causa da barreira lingüística e da total diferença de usos e costumes;

- Cafeeiros velhos, de reduzida produtividade que redundavam em colheita escassa e rendimento muito abaixo do prometido aos imigrantes pelos agentes de imigração;
- Necessidade de desconstrução do complexo de superioridade de muitos imigrantes. Desinformados sobre a realidade brasileira e, ao serem atirados num ambiente com péssimas condições de vida, esse sentimento feneceu diante das tremendas dificuldades. Eles se julgavam súditos de uma potência de primeira categoria, depois das vitórias do Japão nas guerras contra a China (1894-95) e contra a Rússia (1904-05);
- Somou-se a tudo isso o descontentamento em relação à Companhia de Emigração, que os iludira com falsa propaganda sobre a facilidade de ganhar dinheiro no Brasil.

Em nossos estudos, da bibliografia consultada, e nas entrevistas colhidas constatamos que eram comuns os problemas enfrentados pelos imigrantes. Em suas atividades na lavoura, os problemas não se resumiam ao trabalho em si, mas nas exigências quanto ao horário, nas proibições e nas limitações de ir e vir e, ainda no fato de terem de trabalhar sob fiscalização. Essa situação se agravava mais ainda, quando o fiscal era de outra nacionalidade.

1.2 – O município de Piracicaba e a imigração

Ao nos referirmos ao desenvolvimento econômico e cultural de qualquer município, devemos considerar o processo histórico-geográfico no qual o mesmo se encontra inserido.

Dentro do contexto histórico da imigração, cabe posicionarmos o porquê da imigração para o município de Piracicaba. Quais as características que esse processo apresentava, e o que norteava o desenvolvimento do município. Essas são algumas questões pertinentes ao contexto histórico e geográfico no qual se insere a nossa pesquisa. Isto porque descrever o meio geográfico em seus detalhes é fundamental ainda que nem todos os fatos possam ser por ele explicados. Pretendemos neste estudo não perder o referencial espaço-tempo, base de elaboração do conhecimento do conhecimento de cunho geográfico.

O processo histórico do município de Piracicaba se inicia com a consubstancialidade de três fatos ocorridos nos tempos coloniais: A Sesmaria, a Povoação e a Freguesia.

O povoado de Piracicaba surge da necessidade de se estabelecer um caminho terrestre (através de picadões) entre São Paulo e a exploração do ouro nas terras do Mato Grosso, no século XVIII.

Em 1722, Luis Pedroso de Barros, sendo cabo de guerra, assume com o sertanista ituano Felipe Cardoso a missão de instalar a abertura da primeira picada ou o Picadão do Mato Grosso, que ligaria o território do atual Estado de São Paulo à Cuiabá. Como via de acesso, utilizariam entre outros o rio Piracicaba. Neste período Piracicaba pertencia à Vila de Itu.

A fundação de Piracicaba se deu em primeiro de Agosto de 1767, pelo povoador Antonio Corrêa Barbosa. Em 1784, a então Freguesia de Santo Antonio de Piracicaba começou a desenvolver suas primeiras lavouras canavieiras.

Em 10 de Agosto de 1822, Piracicaba tornou-se Vila, obtendo assim sua emancipação de Itu podendo ter Câmara Municipal e Pelourinho próprios.

Em 1890, Piracicaba atravessava um período de intensa transição econômica, caracterizando-se como “boca de sertão”; e sua fronteira agrícola, pautada na produção de cana-de-açúcar, passou a se expandir. Neste período, houve um crescimento da população, e o aumento do número de engenhos, de modo que a terra passou a ser mais valorizada e conseqüentemente criou-se à necessidade da instalação de um sistema viário para escoamento da produção.

Existe uma íntima complementaridade entre os seres e as coisas, e não podemos negligenciar a influência do relevo, do clima, da posição continental ou insular sobre as sociedades humanas. Um estudo detalhado da distribuição populacional e das condições geográficas pode contribuir para a compreensão da correspondência entre os aglomerados humanos e as condições físicas.

Segundo La Blache, apud, TORRES, 1975, p.46. “Os aglomerados humanos atuais remontam ao passado, e o seu estudo analítico permite compreender a gênese, pois a população se agrupa segundo determinadas linhas de atração”.

Ao nos referirmos ao tempo e espaço, podemos observar os processos que transformam a sociedade, pois o homem modifica o espaço físico, segundo seus interesses econômicos.

No caso de Piracicaba, registramos que no final do séc. XIX e início do séc. XX, nos espaços agrários, desenvolviam-se concomitantemente as culturas de cana de açúcar e café.

Quando analisamos o processo de povoamento no Brasil, observamos que ele se dá nas proximidades dos rios, inserindo as populações nas bacias hidrográficas. Os cursos d'água, desde o início da colonização brasileira, foram fatores determinantes na distribuição do povoamento. No nosso exemplo de Piracicaba percebemos que a região possuía capacidade de agregar água e terras férteis, fatores preponderantes aos interesses econômicos dos senhores de engenho e dos fazendeiros produtores de café. Em meio a estas culturas, desenvolveram-se evidentemente outras culturas de subsistência, voltadas, por excelência, ao consumo interno.

A localização e aspectos do relevo e clima do município de Piracicaba, também influenciaram no posicionamento geográfico da população urbana e rural.

Piracicaba está situada na faixa de terrenos sedimentares da série permiana. Dispostas ao longo de um crescente entre as zonas cristalinas, de cristas mamilosas ao Leste, e a zona de terras tabulares, ao Oeste. As camadas permianas estendem-se desde Casa Branca até a fronteira do Paraná, constituindo uma larga depressão periférica. Relevo modesto, vasta campina onde os rios correm desenhando meandros divagantes. TORRES, 1975, p.46.

O relevo piracicabano é citado como pouco acidentado, com ondulações suaves representadas pelas colinas (característica marcante da topografia do município). A formação de colinas é resultante de um processo erosivo fluvial propiciado pela rica trama hidrográfica (córregos, ribeirões e rios) do município, além do trabalho pluvial, modelador das colinas.

Em relação ao Estado de São Paulo, o município de Piracicaba está localizado no interior da Depressão Periférica Paulista. Trata-se de uma forma de relevo constituída por sedimentos paleomesozóicos, que atravessa o Estado no sentido Sudoeste-Nordeste, entre o planalto Atlântico (embasamento cristalino) e a Serra Geral (Frente da Cuesta¹). É uma área deprimida, estreita e alongada, formada durante o recuo do mar interiorano que modelou inicialmente o relevo do interior do Estado de São Paulo.

A região de Piracicaba está sob a influência climática de várias massas de ar – Tropical Atlântica, mTa (quente e úmida e estável); Tropical Continental, mTc (quente, seca e estável); Polar Atlântica, mPa (fria e úmida), e Equatorial Continental mEc (quente, superúmida e instável) – que contribuem na distribuição e na ocorrência das chuvas e no regime térmico. Outros fatores determinantes para a configuração do clima no município também devem ser considerados; As altitudes são médias, raramente superiores a 600 metros, sua latitude 22°43'25"S, inserida na zona térmica da Terra convencionalmente classificada como de clima tropical, a proximidade do município com o Trópico de Capricórnio é pouco menos de 1° de latitude (um grau = 111 km), sofre influência do clima subtropical (temperado), nos meses de inverno.

O regime pluviométrico é típico de clima tropical, com um período de estiagem de abril a setembro, e um período chuvoso, de outubro a março. Apresenta índices de precipitação pluviométrica entre 1.100 e 1.500 mm/ano e temperaturas médias de 16 a 24°C ao ano.

O Estado de São Paulo está dividido em três grandes bacias hidrográficas: Bacia do Rio Paraná, Bacia Costeira do Sudeste e Bacia Costeira do Leste. Devido

¹ Cuesta é uma forma de relevo dissimétrico constituída por uma sucessão alternada das camadas com diferentes resistências ao desgaste e que se inclinam numa direção, formando um declive suave no reverso, e um corte abrupto ou íngreme na chamada frente de cuesta. GUERRA, 1997, p.178.

aos interesses sobre o direito e uso sobre a água, foi criado o Conselho de Recursos Hídricos – CRH, o mesmo subdividiu as bacias em Unidades Hidrográficas de Gerenciamento dos Recursos Hídricos – UGRHI, que totalizam 22 unidades no Estado de São Paulo.

O município de Piracicaba está localizado em duas dessas unidades hidrográficas: UGRHI-05 composta pelos municípios de Piracicaba/Capivari/Jundiaí e UGRHI-10 Tietê/Sorocaba, sendo que somente a região sudoeste do Piracicaba faz parte da última.

Mais de 70% do município está sob o domínio da UGRHI-05, que engloba 57 municípios, na bacia do Piracicaba e o restante na bacia do Tietê.

O rio Piracicaba é o principal afluente do rio Tietê, e o mais importante do município, cortando-o praticamente ao meio no sentido leste-oeste. O rio origina-se na confluência dos rios Jaguari e Atibaia, ou seja, na desembocadura do rio Atibaia no rio Jaguari, localizada no município de Americana. A largura média do rio é de 70 metros, chegando a ter entre 100 e 120 metros na região do Salto.

Os cursos d'água, como em regra em todo o Brasil, desde o início da colonização tem sido um dos fatores determinantes na distribuição do povoamento. Em Piracicaba não foi diferente, sendo este o fator de maior relevância para a produção agrícola. As culturas de café e cana desenvolvidas no município exigiam boas terras e grande quantidade de água.

A água no desenvolvimento da agricultura era primordial, se utilizava para os engenhos, sejam de serra, de açúcar, ou de benefício de café, para os monjolos e moinhos de fubá, para os lavadores e despoldadores de café, para os dejetos industriais, nas destilarias de álcool, ou aguardente, e, finalmente, para as vias de comunicação, o rio era a via natural.

Piracicaba nunca esteve dissociada do seu veio norteador: O Rio de mesmo nome. O município e o rio mantiveram-se atrelados ao longo do tempo, como também a qualidade e fertilidade de suas terras. O rio era uma via de transporte de suma importância, contribuindo para o desenvolvimento do município, que utilizava a navegação fluvial, para o escoamento de suas produções agrícolas.

Tais condições do meio geográfico podem explicar, em parte as razões do desenvolvimento de Piracicaba, no final do século XIX, fazendo do município o centro da policultura regional.

Em 1855, Piracicaba foi considerada uma das maiores cidades produtoras de açúcar, pois o café começava a se expandir por outros municípios da Província de São Paulo, e embora não deixando de traçar a importância da produção cafeeira no município. Constatamos que o café ira conviver pacificamente com a produção açucareira, já firmada.

Alguns projetos educacionais foram idealizados no sentido da formação agrícola. O maior exemplo foi de Luiz Vicente de Souza Queiroz, que em 1892, transferiu sua Fazenda São João da Montanha para o Estado, com 319 hectares, banhada pelo rio Piracicaba e pelo ribeirão Piracicamirim, situada a três quilômetros da cidade, a fim que ali fosse construído um centro de formação agrícola.

A realização final deste projeto se deu anos mais tarde, em 1900, quando o governo do Estado de São Paulo reconheceu e decretou oficialmente o estabelecimento de ensino como Escola Agrícola Prática de Piracicaba. Passando por diversas reformas, em 1934, integrou-se a Universidade de São Paulo – USP, com a denominação de ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Atualmente, constitui uma referência nacional e da América Latina, em cursos nas áreas de graduação e pós-graduação em Engenharia Agrônômica e Florestal.

O município explorou diversas produções agrícolas, sendo o café voltado fundamentalmente para o mercado externo, e a de açúcar, aguardente e outros bens, destinados ao mercado interno em expansão.

Com relação ao desenvolvimento urbano, no final do século XIX, a cidade havia progredido, novos problemas surgiam, exigindo novas normas de administração. Com a alteração na forma de contratar a mão de obra surgida com a Abolição e a entrada de

trabalhadores livres no proletariado agrícola, capitais tomavam outros rumos e o capitalismo se afirmava sob a forma de reinvestimentos financeiros.

A cidade exigia novas posturas relacionadas com os problemas de saúde e saneamento, que então se apresentavam, um dos mais sérios era o número de leprosos que chegavam e se instalavam em barracos nos arredores da Cidade.

Na segunda metade do século XIX houve um surto de urbanização no sudeste do país, com rápido crescimento demográfico, época de grandes melhoramentos urbanos. A arrecadação do município conheceu elevado salto positivo, entretanto, a Cidade conservava certo aspecto modesto. Com poucas indústrias, era na produção agrícola que se encontravam as maiores fontes de renda.

É normal que as funções industriais surjam após o comércio. A indústria será, pois, um novo estágio da evolução da Cidade, mesmo que não chegue a suplantar a produção rural.

No Brasil, a manufatura só se tornou significativa após a Abolição, quando se libertaram os principais obstáculos ao desenvolvimento capitalista, isto é, quando os cafeicultores paulistas passam a investir em estradas de ferro, bancos sociedade comerciais, [...] e quando se intensificaram as correntes imigratórias. TORRES, 2003, p.269.

Nesse sentido observamos que à medida que a economia de mercado se desenvolveu se instauraram de forma ampla e profunda os valores centrais da economia capitalista tais como: propriedade privada, visando lucro e direção dos empreendimentos, e busca de previsão de negócios, complementaridade produtiva e também crises e flutuações específicas de cada setor ou ramo de atividade.

Pautado nas bases do mercado e do capitalismo, o desenvolvimento econômico provocava alterações nas ocupações e nas relações sociais. Devido à expansão do setor industrial e com maior divisão de trabalho, o município de Piracicaba adquiria fisionomia própria, com um novo tipo de mão-de-obra que substituiu gradualmente o elemento escravo pelo assalariado, acompanhando o incentivo à imigração.

As cidades cresciam e ofereciam novas oportunidades de trabalho, pois com o aumento da burguesia agrária que foi se constituindo, aos poucos, durante o Império, mas só se tornaria urbana, atuante e efetiva após a Abolição e a Proclamação da República.

As antigas famílias piracicabanas, proprietárias de terras, que se tornaram os usineiros, comerciantes e industriais na nova ordem econômica ofereciam oportunidades de trabalho urbano aos imigrantes que contribuíram com seu trabalho e força de vontade para o progresso de Piracicaba, desde o início do século XX.

A partir da segunda metade do século XIX, Piracicaba não é tipicamente latifundiária, pois na paisagem piracicabana já se define certa divisão de propriedade, o que se considerarmos que uma das características do baronato brasileiro é exatamente o latifúndio, a faz diferenciá-la de outras zonas próximas, como por exemplo, Campinas, que com grandes extensões de terra roxa ideal para a cafeicultura e Piracicaba com manchas de terra roxa, mas também com outros tipos de solos.

Recorrendo à História podemos constatar que Piracicaba não é um centro que concentra muitos barões do café, que o novo surto da economia açucareira não chegava a alterar, no conjunto, a tendência à divisão de propriedade.

A pequena produção é constituída de formas de artesanato ou de pequenas empresas familiares onde o mesmo agente é o proprietário e tem a posse dos meios de produção e é ainda o trabalhador direto. O trabalho é geralmente fornecido pelo proprietário e sua família, que não recebe salário, pois o pequeno comércio, onde o proprietário ajudado pela família fornece o trabalho emprega, só excepcionalmente mão de obra contratada.

Indubitavelmente no final do século XIX, as relações sociais, políticas e econômicas em Piracicaba, foram fundamentais para fortalecer e conduzir o município da condição de agricultura de exportação, para a agroindústria e indústrias diversificadas (metalurgia, têxtil).

Analisando as características do município concordamos com o que defende Ítalo Calvino em *As Cidades Invisíveis*, que toda cidade tem um código interno, um fio condutor em seu discurso, uma perspectiva lançada em desafio à voracidade dos tempos.

[...] As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa [...] De uma cidade, não

aproveitamos as suas setes ou setenta e sete maravilhas, mas resposta que dá as nossas perguntas. CALVINO, 2003, p. 46.

Quanto às origens do povo piracicabano, torna-se imprescindível lembrar-nos das diversas culturas que o constituíram. Desde os indígenas, que viviam na região,

os negros que trabalhavam nas lavouras como escravos, e após a abolição continuaram no município, e os diversos imigrantes que aqui chegaram, no final do séc. XIX e nas primeiras décadas do séc. XX: alemães, suíços, italianos, árabes, espanhóis, portugueses e japoneses.

Embasados em dados coletados, constatamos que, todas as etnias acima citadas chegaram à região antes dos japoneses, e em maior número. Os italianos que constituíram o maior contingente de imigrantes em Piracicaba, através de alguns pesquisadores, reconstruíram suas trajetórias de vida e suas ligações com a Pátria de origem.

No processo de desenvolvimento econômico e na diversidade cultural de Piracicaba, podemos brevemente relatar a importância de cada etnia.

A presença dos **Alemães e Suíços encontra** registrada historicamente Em Piracicaba já em 1835, havia um caldeireiro de origem alemã, Martinho Bernardinho. Em 1856, confirma-se a existência de dois médicos, também de origem germânica: Hermann Kupper e Hermann Melchert, este último também farmacêutico e um dos primeiros alemães a solicitar a naturalização, com base na Constituição Brasileira.

O primeiro alemão a ter um registro comercial oficial foi José Sipp, proprietário de uma venda, em 1855. Mais tarde, vieram para as fazendas São Lourenço e Paraíso, as famílias cujos sobrenomes se tornaram comuns à própria história de Piracicaba: Vollet, Ritter, Diehl, Wolmar, Martin, Gobeth, Gerdes, Priester, Krahenbühl, Eschor, Stein, Schmidt, Morbach, Vouet, Kock, entre outros.

Os alemães marcaram presença em Piracicaba na área dos transportes, com o uso do trole e com a introdução de melhoramentos no tradicional carro de bois. Foram eles os grandes responsáveis pela expansão do cultivo de batata que até 1951 São Paulo importava, pois a produção era escassa e de qualidade inferior.

Na distribuição espacial dos bairros de Piracicaba, existe o bairro dos Alemães que era periférico. Mas, devido à expansão urbana do município, este bairro, que se

encontra muito próximo da ESALQ – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, que como ele durante anos ficou afastada do sítio urbano e atualmente ambos estão incorporados ao mesmo.

Os **Italianos** se destacaram pela forte contribuição demográfica e cultural, desde o início do século XX, em virtude do grande fluxo imigratório. Ao longo desse

século chegaram a obter grande representatividade socioeconômica, cultural e política. Essa imigração foi tão numerosa que há registros que em 1905, pelo menos metade dos habitantes do município de Piracicaba era de origem italiana como conseqüência a cultura italiana teve forte influência para a formação econômica e cultural do município.

Durante a Segunda Guerra Mundial 1941-1945, os hinos italianos, comum nas rádios piracicabanas, foram proibidos. Os clubes beneficentes formados pelos italianos, como o Mútuo Soccorso e Circolo Italiano Cristofaro Colombo, abasileiraram seus nomes, para não serem perseguidos.

Nos detalhes arquitetônicos do município, encontramos diversas construções com características da arquitetura italiana. Desde de 1887, após restauração no ano de 1997, o Clube Ítalo Brasileiro – Sociedade Italiana de Mutuo Socorro, mantém atividades inerentes à cultura italiana, como, por exemplo, ensino da língua, festas típicas, exposições artísticas, como formas de manter as tradições.

A presença italiana no campo ainda é muito forte, pois mesmo com o êxodo rural, muitos permaneceram fiéis ao trabalho com a terra. Um caso típico de imigração e permanência no campo foi à formação dos bairros rurais de Santana e Santa Olímpia, formados por um grupo de tirolezes. Provenientes da Província de Trento, então território sob domínio austríaco, que em conseqüência da política européia, passava por muita miséria, tendo a população sido assolada pela fome e falta de trabalho.

Os trentinos vieram para o Brasil no ano de 1877 e em Piracicaba, no ano de 1893, as famílias Vitti e Forti e seus descendentes se juntaram na fazenda Sant'Anna. A partir de 1910, como parte da cultura trentina e camponesa começou o processo de divisão da fazenda entre os descendentes.

Os tirolezes de Piracicaba foram os únicos do estado de São Paulo que permaneceram em comunidade, preservando toda uma cultura e tradição. Se o compararmos com os de outros estados do Brasil, como

os do Rio Grande do Sul, do Espírito Santo, do Paraná e de Santa Catarina, percebemos que são eles os que têm características mais originais preservadas até hoje, inclusive no aspecto físico: loiros de olhos azuis. Isso se deve, em parte, ao fato de se casarem com parentes. LEME, 2001, p.74.

Um imigrante italiano que se destacou na formação econômica de Piracicaba foi Mário Dedini. Chegou em Piracicaba em 1914, acompanhado do irmão Armando e em 1920 ambos compraram uma pequena oficina de consertos de carroças e charretes para fabricação e conserto de veículos e utensílios agrícolas. Com o falecimento do irmão Armando, em 1926, Mário assume os negócios da oficina, transformando depois de alguns anos seu pequeno negócio em um grande complexo industrial, formado por empresas que atuam em diversos setores da economia local e nacional.

Um outro grupo de imigrantes, também teve um importante papel no desenvolvimento econômico de Piracicaba, foram os **Árabes**, eles chegaram à região por volta de 1878 a 1880. Em 16 de novembro de 1902, 28 compatriotas da colônia Síria fundaram no município a Sociedade Beneficente Síria de Piracicaba, que teve como primeiro presidente Manoel Elias Zina. Iniciaram suas atividades num imóvel alugado, mas adquiriram um imóvel na principal rua do comércio, Governador Pedro de Toledo, rua que permanece como um dos eixos principais do comércio até os dias atuais.

Foi neste imóvel próprio que inauguraram em 15 de novembro de 1927 sua Associação. Em 20 de novembro de 1955, ela passou a denominar-se Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa. Nesta época já existiam diversos libaneses radicados em Piracicaba. O principal objetivo da sociedade era amparar os imigrantes que ao chegarem, recebiam hospedagem, alimentação, e uma mala com mercadorias para começar a ganhar a vida, na atividade típica desta etnia, o mascatear.

Esses imigrantes tiveram um importante papel na vida social da cidade. Como a comunicação entre as mais diversas localidades era praticamente inexistente, os vendedores ambulantes sírio-libaneses, ou mascates como eram conhecidos, faziam o papel dos atuais carteiros, levavam cartas, encomendas e recados, além de vender seus produtos.

A antiga associação foi durante longos anos o principal ponto de reunião da colônia. Com a morte dos imigrantes mais antigos, e a ascensão social dos

descendentes que conduz a casamentos fora da colônia, a associação atualmente, está restrita a algumas comemorações culturais e a eventos sociais.

A formação da comunidade urbana piracicabana contou ainda com as correntes imigratórias de **espanhóis e portugueses**. Entre os anos de 1908 e 1929, os espanhóis representavam 20,15% dos imigrantes que desembarcados em Santos se fixavam nos cafezais paulistas e em algumas fazendas de Piracicaba.

Com relação aos portugueses, desde o descobrimento do Brasil em 1500, já haviam se instalado em diversas partes de nosso país. Um desses imigrantes, de origem portuguesa, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, tornou-se muito influente economicamente e politicamente atuando como Senador do Império. Ele veio para o Brasil em 1802 com 25 anos de idade. Era Advogado formado pela Universidade de Coimbra e estabeleceu-se em São Paulo como os irmãos Arouche, Manuel Azevedo Marques e Manuel Joaquim Ornelas. Eram na época os únicos advogados da vila de São Paulo, então com 20 mil habitantes, pois a Faculdade de Direito do Largo São Francisco só seria criada em 1824.

Bem preparado, acumulou cargos públicos, como promotor, juiz e vereador. E como outros portugueses, recebeu uma sesmaria, no seu caso na região do rio Piracicaba. Fundando em 1817 a fazenda Ibicaba. Sua importância política permitiu que a partir de 1840, Vergueiro fosse o responsável pela introdução de mais de três mil imigrantes europeus no Brasil.

Em sua fazenda Ibicaba, a quantidade de imigrantes foi vultosa, mas as condições de trabalho eram exploradoras da mão de obra européia o que ocasionou uma revolta, muito conhecida pelos estudiosos em imigração a “Revolta de Ibicaba” em 1856. Ela ocasionou a quebra de contrato de diversos imigrantes, muitos dos quais vieram se estabelecer em Piracicaba.

Os japoneses foram um dos últimos grupos de imigrantes que vieram para Piracicaba. Chegaram no município em 07 de setembro de 1918, isto porque, Dr. Paulo de Moraes Barros médico e político piracicabano, proprietário da fazenda Pau D'Álho,

no bairro de Ártemis, retornando de uma viagem ao Japão, se impressionou com a disciplina e o esforço do povo japonês.

Através de negociações com uma companhia de imigração, contratou 40 famílias para sua fazenda. O contrato excluía velhos e doentes e exigia que a família tivesse pelo menos três integrantes em condições de trabalho. Neste contexto, muitos familiares solteiros, se agregavam às famílias para completar o número de trabalhadores exigidos.

Ao final do contrato, muitos imigrantes japoneses através de intensa poupança familiar puderam comprar suas terras ou se mudar para a cidade, estabelecendo um comércio ligado à venda de produtos agrícolas.

Entre os imigrantes que vieram para Piracicaba, os japoneses foram uns dos que mais tiveram dificuldades no processo de integração à sociedade local, devido à dificuldade com a cultura, língua e o clima.

Quando nos referimos aos japoneses ou nikkeis, esclarecemos que a respeito do conceito nikkei:

O japonês – brasileiro é atualmente denominado Nikkei, não importa a que geração pertença. Essa denominação está sendo utilizada desde a Convenção Panamericana Nikkei, ocorrida em 1985, em São Paulo, que adotou essa terminologia para todos os descendentes dos imigrantes, e sansei, para os descendentes da terceira geração. (SAKURAI, 1993, vol. 04).

OS IMIGRANTES JAPONESES COM DESTINO À FAZENDA PAU D'ALHO EM PIRACICABA

Partindo da premissa que para definir espaço geográfico implica trabalharmos, em primeira instância, com as noções de Tempo e Espaço, nossa preocupação esteve voltada para a evolução do processo migratório, genericamente para o Brasil e especificamente para Piracicaba.

O município na primeira década do séc. XX vivia o auge da economia cafeeira e a expansão do cultivo de café exigia cada vez mais a presença numerosa de mão de obra humana, escassa na região piracicabana. Piracicaba situa-se em área do Estado de São Paulo com solos de terra roxa² e os municípios com este tipo de solo favorável à cultura cafeeira, eram os que mais atraíram imigrantes.

Dentre os diversos proprietários de terra do município, Paulo de Moraes Barros, que exerceu cargos diversos em carreira política, em visita ao Japão decidiu escolher trabalhadores japoneses para uma de suas fazendas, a Pau D'Alho, localizada no distrito de Ártemis em Piracicaba.

² Denominação popular dada em São Paulo às argilas férteis de coloração vermelha ou roxa, (rossa no linguajar do imigrante italiano) resultante da decomposição de rochas básicas como: basaltos, diabásio, etc. (GUERRA 1997, p.408).

Em conversas com outros fazendeiros, Moraes Barros reafirmou sua escolha, isto porque, os imigrantes japoneses demonstravam, compromisso e tenacidade na execução de suas tarefas.

Por intermédio de uma companhia de imigração, foram escolhidas 40 famílias, cujo destino era Piracicaba. Isto se confirma a partir do documento encontrado na Hospedaria dos Imigrantes, que demonstra o destino desses imigrantes. (**Anexo II – quadro VI completo**).

Tabela 01 (parte representada) – Quadro VI – Distribuição por famílias dos imigrantes japoneses – chegados a Santos entre 1917 e 1922 – pelas fazendas de café do Estado de São Paulo.

Município	Estação	Est.Ferroviária	Fazenda	Proprietário
Piracicaba	João Alfredo	Sorocabana	Pau D'Alho	Paulo de Moraes Barros
Leva	21 ^a	30 famílias		
	23 ^a	10 famílias		
Total		40 famílias		

Fonte: NOGUEIRA, A.R. (1973) in A imigração Japonesa Para a Lavoura Cafeeira Paulista (1908-1922) – Instituto de Estudos Brasileiros –USP.

As famílias que inauguraram a imigração japonesa em Piracicaba, em 07 de Setembro de 1918, aportaram em Santos do navio Hakata Maru, que trouxe um total de 250 famílias.

Essas famílias passaram 52 dias viajando por mar. Depois de aportarem, seguiram de trem até a cidade de São Paulo, sendo encaminhadas à Hospedaria dos Imigrantes.

Chegando a Hospedaria, os imigrantes, não tinham interferência na decisão de qual seria a região em que iriam se instalar. O Governo Brasileiro, que custeava as passagens, determinava o local de destino das famílias.

O trem era então o principal meio de transporte terrestre. Os fazendeiros cafeicultores, interessados em baratear os custos de transporte do café para os portos exportadores construíram as ferrovias, pois a chegada da ferrovia também favorecia o escoamento de produção. Em decorrência disso o porto de Santos, com a instalação da ferrovia, tornou-se o mais importante ponto de escoamento de café, direcionado às exportações.

A ferrovia não só contribuiu para uma redução dos custos no escoamento do café, como também se constituiu em fator determinante na expansão da fronteira agrícola do Estado. Sobre os trilhos as locomotivas a vapor, as Marias-Fumaças, vencem o isolamento das fazendas e cidades espalhadas pelo interior do território paulista. Torna-se mais rápido e freqüente o contato com a Capital, onde muitos fazendeiros reinvestem os lucros do café, ampliando e diversificando seus negócios [...] O imigrante passa a ser mão de obra fundamental para a lavoura cafeeira e, aos poucos vai se estabelecendo também na Capital, contribuindo para o crescimento da produção industrial. (FREITAS, 1999, p. 18).

Piracicaba era ligada a São Paulo pela ferrovia Sorocabana cuja estação ficava no distrito de Ártemis e nesse distrito pela proximidade com o rio Piracicaba, havia um Porto Fluvial, o Porto João Alfredo, que interligava os transportes fluvial e ferroviário.

É importante frisar essa infra-estrutura, pois o destino dos primeiros imigrantes japoneses em Piracicaba foi à estação do Porto João Alfredo (Inaugurada em 1887 e desativada em 1962). A chegada em Piracicaba reservou momentos inusitados a estas famílias. Como exemplo podemos citar que na primeira parada em Piracicaba no dia 07/09/1918, na Estação da Companhia Paulista, acontecia uma comemoração, pois era a data da Independência do Brasil, com apresentação de bandas, desfile, cívico e presença das autoridades. Os imigrantes imaginaram que os festejos seriam para recepcioná-los. Infelizmente essa percepção foi logo desfeita e souberam que teriam que seguir mais um trecho de ferrovia, até a estação do Porto João Alfredo. Ali

desembarcaram do trem e seguiram para a fazenda em carros de boi, transporte até então desconhecido pelos japoneses.

Após se instalarem nas casas da colônia na fazenda, o cultivo de café passou a fazer parte do cotidiano de todos sendo que muitos desconheciam os instrumentos agrícolas utilizados na cafeicultura e a forma de manejá-los e aprendiam na prática a utilização das ferramentas.

As famílias sentiram grande dificuldade de adaptação aos costumes diferentes encontrados no Brasil. Desde o idioma, como também as casas, que não possuíam ofurô (banheira típica no Japão), passando pela alimentação e culminando com o árduo sistema de trabalho nas lavouras. Essas diferenças eram mais acentuadas para os japoneses provenientes de áreas urbanizadas do Japão que não estavam habituados à disciplina camponesa.

Muitos imigrantes, através das propagandas, feitas pelas companhias de imigração, mesmo sem nunca ter trabalhado na lavoura, se aventuraram na esperança de conseguir muitas riquezas no Brasil, visto como um Eldorado, sonho comum a muitos imigrantes.

Entre as exigências para a imigração, requisitava-se experiência com práticas agrícolas, pois todas as famílias vinham estritamente para carpir as roças de café e deveriam ter pelos menos “três enxadas”, ou seja, três pessoas aptas a lidar com o café, com idade entre os 12 e 50 anos. A maior parte dos contratos era de dois anos e as famílias necessitavam ter muita determinação para suportar esse período.

As propagandas divulgadas no Japão diziam que no Brasil se encontrava dinheiro no chão, e que o elevado valor da produção permitiria o acúmulo de capital, mas a realidade em nada correspondia ao divulgado, pois o trabalho era árduo e os ganhos modestos para a sobrevivência da família na colônia da fazenda.

Diante do pequeno número de documentos encontrados referentes aos primeiros imigrantes japoneses em Piracicaba, coube aos imigrantes mais velhos e aos descendentes das primeiras famílias, a responsabilidade de relatar o início da colônia em Piracicaba para as gerações subseqüentes. Isso nos demonstra o que nos diz Thompson (1993), “A transmissão cultural entre gerações é tão antiga quanto à humanidade”.

Um dos fatores mais importantes observados na cultura japonesa é a valorização da tradição e da cultura, que se dá de forma linear no âmbito da família, ou seja, de avô para pai e de pai para filho.

Buscando compreender o porquê dos imigrantes japoneses terem optado por emigrar, deixando sua pátria e aceitando se fixar em um país tão longínquo como o Brasil optamos pela entrevistas, utilizando a metodologia de história oral. E para embasar a elaboração do roteiro de coleta das entrevistas tentamos entrar em contato com as organizações associativas da colônia local.

Nessa busca recorremos ao Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba, que através de seu diretor-presidente Naoki Kawai, nos indicou alguns membros que poderiam conceder entrevistas, e a partir deste contato formamos uma rede de informantes.

2.1 – OS PORTRAITS DOS ENTREVISTADOS E NARRATIVAS ORGANIZADAS TEMATICAMENTE

Dentro de cada fase da imigração japonesa para Piracicaba, e dos eixos temáticos selecionados: **Condição no Japão; Viagem; Trabalho; Percepção da Paisagem; Moradia; Alimentação; Utensílios usados no cotidiano; Educação dos filhos; Situação dos Imigrantes durante a Segunda Guerra Mundial 1939-1945; Casamentos; Caminhos para uma vida independente.** Colhemos os depoimentos de quinze depoentes.

As entrevistas ocorreram em diversos momentos e dias diferenciados desde o início de nossa pesquisa em março de 2005 até maio de 2007. Alguns depoentes não permitiram gravações, somente anotações no caderno de campo. Após vários contatos e através da participação em eventos culturais da comunidade nipo realizamos, diversas anotações, fichamentos, e pela disponibilização pelos depoentes de fotos, documentos e cartas, conseguimos elaborar alguns eixos temáticos, que foram

abordados pelos depoentes e nesse contexto. Apresentaremos cada eixo temático e a fala de todos os depoentes sobre o tema.

PORTRAITS

Faremos uma breve apresentação dos depoentes, que foram de suma importância para a consolidação desta pesquisa. Alguns enriquecidos pela imagem (retratos, fotografias). Salientamos que alguns não se encontram aqui representados em imagens, mas, também serão apresentados através de seus dados pessoais. Os portraits, e apresentações responderão três questões que são fundamentais para quem trabalha com a metodologia biográfica ou da história oral: Quem fala? De onde fala? E por que fala?

Koo Nishide Mori (Rosa Mori) (imigrante da 1ª fase) nascida na província de Ishikawa no Japão em 10 de Julho de 1919, veio para o Brasil com seus pais Tomokiti Nishide e sua mãe Ito Nishide e mais três irmãos. Eles desembarcaram em Santos em 1925 e após passarem pela Hospedaria dos Imigrantes, foram encaminhados para a Fazenda Pau D'Alho em Piracicaba. No Brasil recebeu o nome de Rosa e após seu casamento com Mitsuho Mori, ficou conhecida como Rosa Mori. Eles tiveram quatro filhos, trabalharam em sítios e a principal atividade do casal foi o comércio no ramo de pescados, no Mercado Municipal de Piracicaba.

Yoshiko Mori (descendente de imigrante da 1ª fase). Filha da Sra. Rosa Mori e do Sr. Mitsuho Mori, nascida em Piracicaba em 30 de Julho de 1941. Reside com sua mãe e durante as entrevistas a auxiliava.

Thereza Takagi Sato (descendente de imigrantes da 1ª fase) Filha de Shigueki Takagi e da Sra. Sue Takagi, seu pai foi um dos pioneiros da primeira leva de imigrantes para a fazenda Pau D'Alho. Ela nasceu em Piracicaba na fazenda Cachoeira (atual bairro do Limoeiro) próximo à Ártemis em 10 de Junho de 1930. Ela e seu irmão Antonio são os únicos com sobrenome Takagi, por um erro de grafia no cartório de registros local.

Casou-se com o Sr. Susumu Sato em 1951. Exerceu diversas funções, primeiro na agricultura, depois no comércio do Mercado Municipal, sendo também cabeleireira e estando atualmente aposentada. Junto com seu esposo, atua no grupo da terceira idade do Clube Nipo e da Associação da Terceira Idade de Piracicaba.

Susumu Sato (imigrante da 2ª fase) Nasceu em Yokohama no Japão em 27 de Sato e mãe Takeno Sato, sua irmã Tamiko Sato e seu primo Paulo Yasumitsu. Esse grupo ficou dois dias dentro do navio Santo Maru, devido a forte chuva, chegando a Piracicaba em 10 de dezembro de 1930, com a indicação do Sr. Nishide se dirigiram à fazenda Pau D'Alho, neste dia chovia muito, devido a esta intempérie climática, foram Outubro de 1924, veio para o Brasil com seis anos de idade junto com seu pai Yonoshin em caminhões para a fazenda, um levou os homens e outro levou as mulheres.



Tereza Takagi Sato e Susumu Sato – Foto de Maria Dalva de Souza Dezan Jul./06

Everson Shigueki Takaki (descendente de imigrantes da 1ª fase). Filho de Rosário Takaki e Margareth Fátima Viveiros Takaki, neto de Shigueki Takaki e da Sra. Sue Takaki. Nasceu em Piracicaba em 04 de março de 1978 exercendo hoje a profissão de religioso é Frei Capuchinho. Interessa-se muito pela cultura japonesa e isso o levou a visitar o Japão especialmente a cidade de Ina na província de Nagano de onde vieram os seus avós. Viveu durante um ano no Japão, para conhecer e vivenciar hábitos culturais. Um dos fatos marcantes foi conhecer o túmulo pertencente à família Takaki e participar no mês de Agosto das comemorações referentes aos finados, onde são construídos altares (Hotokesan) tábuas com nomes dos falecidos são exibidas, como também conhecer o castelo Matsumoto em Nagano com mais de 500 anos, que foi um dos únicos que não foram destruídos. Conheceu também o brasão da família que são duas penas de águia.



Everson Sigueri Takaki – Foto de Maria Dalva de Souza Dezan – Jul./06

Seite Ito (imigrante da 1ª fase) Filho de Yshiite Ito e sua mãe Itino Ito. Nasceu no Japão em 29 de outubro de 1929, na cidade de Toyoashi, tinha oito irmãos, sua família chegou ao Brasil em 1933. Eles passaram por alguns municípios e vieram para Piracicaba em 1935. Seu pai exercia a profissão de sitiante dedicado a produção aviária. Ele e sua família trabalharam em sítios e após seu casamento, mudou-se para cidade onde instalou com sua esposa uma banca de verduras no Mercado Municipal.

Maria Ito (descendente de imigrantes da 1ª fase) Filha de Shigueri Takaki e Yokie Onishi Takaki, nasceu em 19 de Abril de 1932, na Fazenda Cachoeira (atual bairro do Limoeiro) em Piracicaba. Ela teve nove irmãos e casou-se com o Sr. Seite Ito em dezembro de 1955. Tiveram dois filhos. Ela e seu esposo trabalharam no sítio, depois vieram para Piracicaba onde instalaram uma banca comercial no Mercado Municipal. Nesse trabalho permaneceram por mais de trinta anos. Atualmente são aposentados.



O Sr. Seite Ito e sua esposa Maria Takaki Ito – Foto de Maria Dalva Souza Dezan – Maio/ 2007.

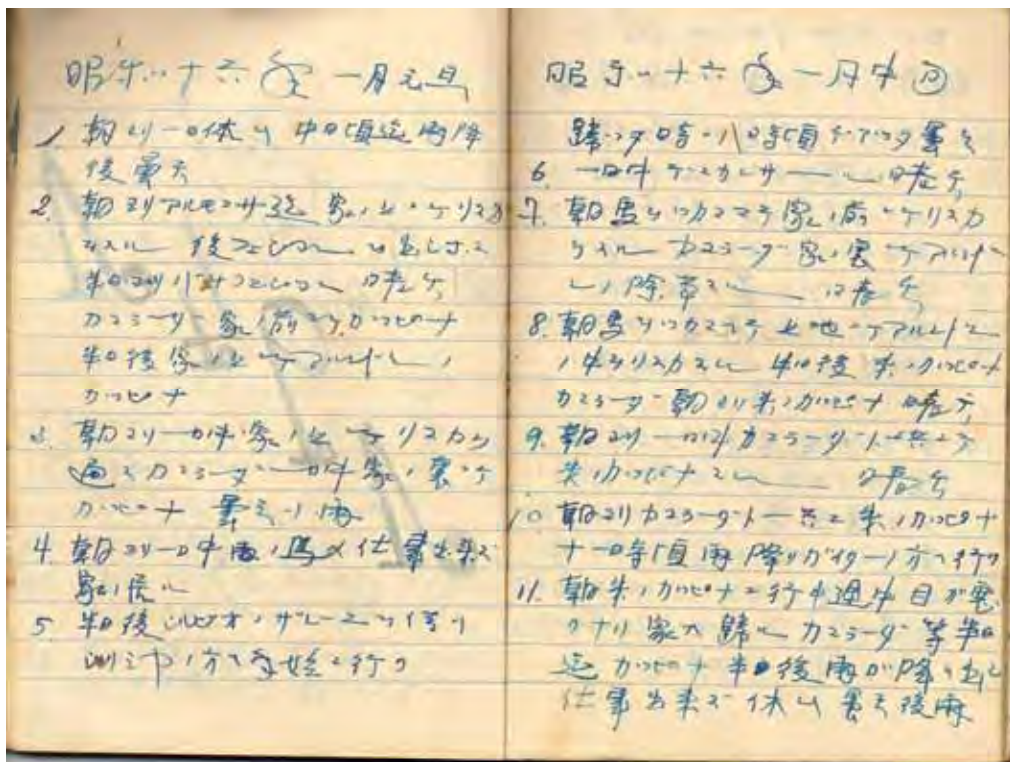
Kasue Otsubo (descendente de imigrante da 2ª fase) – Filha de Jiichi Otsubo e Murano Hakozaki Otsubo, nascida em 24 de Junho de 1939, tem curso superior, mas, trabalha no comércio de Ártemis. Possui um supermercado, em local que sempre foi ocupado por estabelecimento de comércio de sua família. Seus pais tiveram sete filhos, dos quais dois já são falecidos.



Kasue Otsubo e Jiichi Otsubo – no Japão em 1982 - Acervo de Kasue Otsubo.

Kasue e seu pai Jiichi Otsubo em visita ao Japão em Abril de 1982. Ela deixa esta foto próximo a ela em seu estabelecimento comercial, com orgulho de seu pai que já é falecido, mas, que durante sua existência teve bom nível intelectual e era também muito organizado, como demonstram parte de seus diários. Procuramos saber a

tradução da escrita e nos foi explicado que; a grafia utilizada era o Kanji (escrita que utiliza símbolos para exprimir uma idéia). A cada dia o Sr. Otsubo, registrava os principais acontecimentos.



Ekū Komatsu Nishimura (Lourdes) (imigrante da 2ª fase). Nasceu em 13 de Agosto de 1921, na cidade de Yokohama no Japão, filha de Matsuharo Komatsu e Tomie Komatsu, e chegou a Piracicaba em Outubro de 1933. Mostrou-se sempre lúcida e simpática em todos os nossos encontros, que foram diversos. Exerceu diversas funções, mas até se aposentar foi comerciante no ramo de restaurante. Possuía um restaurante onde trabalhava junto ao seu esposo Musashi Nishimura. A Sra. Eku faleceu em 21 de Agosto de 2006.



Ekū Komatsu Nishimura – Maio/2006 – Foto de Maria Joana Nishimura

Maria Joana Nishimura (descendente de imigrante da 2ª fase). Nasceu em 24 de Junho, filha de Musahi Nishimura (Oscar) e da Sra. Eku Nishimura (Lourdes), ela e todos os seus irmãos estudaram até o nível universitário. Atualmente trabalha fazendo atendimento às pessoas, com terapias orientais.



Maria Joana Nishimura – Maio/2007 - arquivo pessoal.

Naoki Kawai (Pedro) (descendente de imigrante da 3ª fase). Nasceu em Rancharia-SP, em 29 de Junho de 1944, filho de Motoitiro Kawai e da Sra. Kishino Kawai. Seus pais vieram de Okinawa no Japão e chegaram ao Brasil em 1928. O Sr. Naoki Kawai chegou a Piracicaba em 19 de Junho de 1964, é o atual presidente do Clube Cultural e Recreativo Nipo Brasileiro de Piracicaba, função que exerce há doze anos. Sua profissão do passado era lavrador, atualmente trabalha no ramo comercial, no bairro da Paulista.



Naoki Kawai (Pedro) – Arquivo pessoal.

Aparecida Mariano de Barros (conviveu com imigrantes japoneses da 1ª e 2ª fase). Seus pais Antonio Joaquim Mariano, nascido em Cotia – SP e sua mãe Maria de Lemos Monteiro Mariano, nascida em Ártemis Piracicaba. Seus pais chegaram no “Porto João Alfredo” em 1919 e ficaram até 1947, seu pai era o chefe da estação. Dona Aparecida exerce sua função de escritora até o presente, em Jundiaí a cidade onde reside.



Aparecida Mariano de Barros – Arquivo Pessoal.

Kasuko Kubo (imigrante da 3ª fase) Nasceu em Tóquio no Japão, é a atual professora da língua japonesa no Clube Nipo. Ela chegou a Piracicaba em 13 de Maio de 2006. Sua formação é Pedagogia e Letras, com especialização em espanhol, mas aprendeu a língua portuguesa para ministrar aulas e participar do intercâmbio entre Brasil-Japão.



Kasuko Kubo – Abril/07 - Foto de Maria Dalva de Souza Dezan



Cartaz da Escola de Língua Japonesa de Piracicaba – Foto de Maria Dalva Dezan

Toshio Icizuka (imigrante da 3ª fase). Nasceu em Londrina-PR, em 1936. Seus pais Cinye Ishisuka e Sra. Sata Ishizuka, tiveram cinco filhos. Eles vieram de Tóquio, no Japão onde seu pai exercia a função de motorista de caminhão e sua mãe estudava com o objetivo de ser professora. Juntos os seus pais freqüentavam o Rikkokai uma escola no Japão que preparava imigrantes para virem ao Brasil. Casaram-se e junto a um irmão de sua mãe imigraram para o Brasil. Chegaram em 1933 fixando-se na cidade de Penápolis-SP e depois se mudaram para o local onde foi criado o município de Londrina-Pr. O Sr. Toshio é engenheiro eletricista, chegou em 1980 em Piracicaba para trabalhar em uma das empresas, locais exerceu diversas funções entre elas a de fazer o intercâmbio entre sua empresa e empresas japonesas, por falar fluentemente a língua japonesa o que o levou três vezes ao Japão a trabalho. Aposentado, hoje é escritor, com um livro de crônicas publicado e escreve freqüentemente para os jornais locais.

Pedro Mizutami (imigrante da 3ª fase). Nasceu em Ribeirão Preto-SP, em 29 de Junho de 1959, seu pai: Mamoro Mizutami e Sra. Terumo Mizutami, moram em Ribeirão Preto, mas vieram como imigrantes do Japão. O Sr. Pedro Mizutami é Engenheiro de Produção, chegou a Piracicaba para trabalhar no Grupo Cosan em 1982. Exerce intensa atividade no Clube Nipo, sendo um dos professores e cantores de Karaokê.

Eunice Mizutami (imigrante da 3ª fase). Nasceu em Ribeirão Preto, em 27 de Novembro de 1961, seu pai: Kimeo Kurusossawa e Sra. Ayako Ku, moram em Ribeirão Preto e vieram como imigrantes do Japão. A Sra. Eunice é Cirurgiã Dentista, chegou a Piracicaba em 1985, onde atua em sua profissão. Ela é casada com o Sr. Pedro Mizutami também o ajuda na organização das aulas e eventos relativos ao karaokê do Clube Nipo de Piracicaba.

Maria Aparecida Lopes (conviveu com imigrantes da 2ª fase). Nasceu em Ártemis, Piracicaba em 29 de Fevereiro de 1960. Quando tinha doze anos foi morar com a família Otsubo, casa onde ficou até completar catorze anos. Lembra-se que esta família era muito querida no bairro e que praticavam diversas atividades filantrópicas.

CONDIÇÃO DE VIDA NO JAPÃO:

Como exemplo, conforme o relato dos descendentes da família Takaki, uma das pioneiras para Piracicaba, seus pais, como os outros imigrantes, vieram por intermédio da companhia de imigração para trabalhar na fazenda Pau D'Alho. Segundo eles, as condições no Japão eram de poucas perspectivas e as oferecidas para os imigrantes japoneses no Brasil, eram muito atraentes, como forma rápida de ascensão social. Segundo **Tereza Takagi e Maria Ito (primas, filhas dos irmãos Takaki)**.

“Baseada em histórias contadas por seus pais, das quarenta famílias que inauguraram a imigração japonesa em Piracicaba, em 07 de Setembro de 1918, passado algum tempo (acredita-se que fora o tempo do contrato, dois anos) das famílias pioneiras, somente ficaram; Shigueki Takaki (José, pai de Tereza), com o irmão Shigueri Takaki (João, pai de Maria), Hayato Takematsu, Keiju Hara e Shitizo Yamashita. Estas famílias foram as que deram início à colônia japonesa de Piracicaba”.

Em 1925, mais oito famílias se agruparam, às que restaram das pioneiras, na fazenda Pau D'Alho, Segundo **Koo Nishide (Rosa Mori)**: *“Vim do Japão com seis anos de idade, na companhia de meu pai, Tomokiti Nishide, da mãe Ito Nishide e de três irmãos. A família veio da província de Ishikawa e desembarcou em Santos em 1925. Todos tinham o sonho de enriquecer e voltar para o país natal em melhores condições de vida. Sua família gozava de boa situação financeira no Japão graças à herança deixada pelo seu avô, mas os seus pais ficaram muito atraído pelas propagandas do eldorado brasileiro pois a história que contavam deixava atraído até mesmo quem tinha estabilidade financeira. Junto a eles, vieram mais sete famílias, cujo destino fora à fazenda Pau D'Alho. Quando chegaram à fazenda, lá já estavam duas famílias Takaki, uma Takematsu, outra Hara e ainda os Yamashita. Sua família e as outras que constituíam o grupo, também vieram atraídas, pelas condições oferecidas pelas companhias de imigração”.*

Uma outra de nossas depoentes, em cada entrevista nos surpreendia, com seus detalhados relatos, **Ekū Nishimura ou Sra. Lourdes**, como é conhecida, junto a sua

filha **Maria Joana Nishimura**, que auxiliava nas entrevistas, isto porque, nos dizia que sempre que sua mãe sentava numa determinada cadeira da cozinha, sua memória era mais ativada. Sendo assim, sentávamos sempre nos mesmos lugares nos diversos encontros que tivemos. Eku Komatsu (Nishimura), seu sobrenome após o casamento, nasceu em 13/08/1921 no Japão. Chegou a Piracicaba com doze anos de idade, no mês de outubro de 1933 (**na segunda fase da imigração**). Acompanhada pelos pais Matsutaro Komatsu e Tomi Komatsu e por quatro irmãos. No Japão seus pais eram lavradores, que cultivavam amora para criação de bicho de seda. Segundo a Sra. Eku: *“Seus pais vieram para o Brasil porque as condições de vida não estavam tão boas, e um de seus tios, Yonoshin Sato, irmão de sua mãe Tomi, lhes escrevia dizendo que o Brasil é muito bom, não faz frio e dá para ir vivendo. Nessa perspectiva de melhoria de vida, seus pais deixaram tudo no Japão e se dirigiram para Piracicaba. Apesar da pouca idade doze anos, se preocupava em deixar a casa no Japão, a qual ainda lembra do endereço, Miyagi-Ken, Motoiochigum Yokoyama Mura, nº 40. Diferentemente dos outros imigrantes, seu pai não pretendia voltar ao Japão, na saída da família da cidade, pediu que parasse a condução e que todos olhassem para trás, observassem bem, porque seria a última vez”*.

Concedido a nós para cópia pela depoente **Maria Joana Nishimura** o passaporte de seu avô materno Matsuoro Komatsu, onde encontramos também a foto de sua avó Tomi Komatsu, sua mãe Eku Komatsu, com doze anos de idade e seus irmãos. No documento constam os seguintes dados; de onde são provenientes, profissão do chefe da família, altura do pai, da mãe e de Eku, mas, não constam dados de seus irmãos. Maria Joana guarda este passaporte com muito carinho, assim como inúmeras fotos e documentos de sua família. Esse passaporte nunca foi publicado.



Passaporte da família Komatsu – Acervo de Maria Joana Nishimura

Para continuarmos falando da condição no Japão, temos o depoimento do Sr. **Seite Ito**, que nasceu no Japão em Toyoashi, em 29/10/1929. Seu pai Yshiite Ito e sua mãe Itino Ito, eram avicultores no Japão e vieram para o Brasil em 1933, para a cidade de Guatapar, próximo a Ribeirão Preto. Segundo Sr. **Ito**: *“Seus pais ficaram pouco tempo na região de Ribeirão Preto, através de cartas de amigos e parentes, vieram para o sítio Limoeiro, em rtemis, onde cultivavam algodão, arroz e milho. Eram oito irmãos, seus pais s falavam em japonês e ele, antes de freqüentar a escola, já trabalhava na lavoura”*.

A VIAGEM:

Segundo os depoentes ouvidos da primeira e segunda fase, a viagem de todos foi feita de navio e demoravam mais de quarenta dias para chegar ao Brasil. Alguns pela pouca idade, não se lembram de detalhes da viagem, mas, todos tinham de passar pela Hospedaria dos Imigrantes, antes de serem encaminhados para as fazendas de destino. Segundo a **Sra. Maria Takaki Ito**, *“os irmãos Takaki vieram da província de Nagano, Hayato Takematsu e Keiju Hara, também vieram da província de Nagano e Shitizo Yamashita era vindo da província de Fukuoka”*.

Tomokiti Nishide, pai de Rosa Mori, era um dos encarregados por Moraes Barros, da tarefa de encaminhar de Santos  sua fazenda novos grupos vindos do Japão. Em 1929, trouxe a família de Toshio Mori, em companhia de outras quatro famílias; Kamiyama, Hayashi, Onishi e Sudo, vindas no navio Hawaii Maru.

Mas, segundo a **Sra. Eku**: *“O navio em que veio chamava-se África Maru, este navio era de carga e passageiros, nele haviam muitas mulheres bonitas, americanas, que acompanhavam os seus maridos. Lembra-se que o navio atracou na cidade do Cabo, na África e a viagem durou cinquenta e seis dias. No navio recebiam algumas noções sobre palavras em português”*.

O TRABALHO:

Com todos os depoentes, observamos com pequenas variações que as lembranças relativas ao trabalho coincidem e permitem relatarmos que o trabalho, nas lavouras de café, era extremamente árduo e seus pais, tios, primos e irmãos, todos trabalhavam muito, até mesmo as crianças, tinham obrigações a cumprir. Às mulheres, sobrava, além da tarefa na lavoura, as de manutenção da casa, assim como cuidar dos filhos. Neste último caso, uma das filhas, a mais velha, tinha a obrigação de cuidar dos irmãos menores.

Outro motivo de preocupação e até aflição das mulheres residia na falta de instalação sanitária, tanto na colônia como na casa. As necessidades fisiológicas tinham de ser feitas no matagal, próximo a casa, atrás de bananeiras ou à sombra dos cafeeiros.

A experiência com as práticas agrícolas era uma das exigências para a imigração, mas muitos não sabiam manejar as ferramentas e aprendiam na prática, pois no mínimo teriam de cumprir um contrato de dois anos.

Thereza Takagi Sato: Filha de um dos primeiros imigrantes japoneses para Piracicaba, Shigueki Takaki. Ela e seu irmão Antonio são os únicos com o sobrenome Takagi, isto porque devido a um erro de grafia na transcrição para a língua portuguesa, o sobrenome da família Takaki, foi alterado.

Diante da falta de documentação sobre a chegada dos primeiros japoneses em Piracicaba, coube aos imigrantes mais idosos e seus descendentes, relatar o início da colônia em Piracicaba. Segundo Thereza *“Seu pai Shigueki Takaki (José) e seu tio Shigueri Takaki (João), faziam parte do grupo de 40 famílias que inauguraram a imigração japonesa em Piracicaba. Baseada em histórias contadas por seu pai, apenas algumas famílias do total inicial ficaram na região. Seu pai lhe contava, que tinha esperança de voltar ao Japão”*.

Segundo Rosa Mori: *“até 1930, já haviam passado pela fazenda Pau D’Alho mais de 72 famílias. Todos vinham para ganhar dinheiro no Brasil, mas os salários de colono davam apenas para viver. Essa situação motivou muitas fugas antes do término dos dois anos de contrato. Dentre os muitos que suportavam as condições de colono, o*

vencimento dos contratos, no entanto, era o sinal verde para se desvincularem das fazendas e tentar a vida de outras formas. Por volta de 1932, quase todas as famílias japonesas já tinham deixado a Pau D'Alho devido aos pequenos rendimentos e ainda pela queda da produção dos cafezais. Até então, restaram nesta fazenda somente duas famílias, Takematsu e Hara. O restante das famílias se estabeleceram na região, algumas foram trabalhar em outros municípios onde haviam colônias mais bem estruturadas”.

Uma outra depoente **Kasue Otsubo** (filha de Jiichi Otsubo e Murano Hakosaki Otsubo) nos relata que sua mãe veio do Japão para Piracicaba em Julho de 1919, como nos mostra a certidão de desembarque, cuja cópia recente, a nós foi apresentada por ela. *“Meu pai veio do Japão para o município de Rincão, junto a um tio Sr. Eizo Otsubo para trabalhar na lavoura de café. Ele tinha então quinze anos, e veio com o tio para completar o número exigido de trabalhadores. Após dois anos, teve um desentendimento com seu tio e veio para Piracicaba, trabalhar na fazenda Pilão, também nas proximidades de Ártemis. Veio trabalhar para o Sr. Hizayochi Onisshi que arrendou oito alqueires para criação de bicho da seda. Foi neste trabalho que conheceu sua esposa, que era enteada do Sr. Hizayochi e filha da Sra. Murano”.*



X SECRETARIA DA PROMOÇÃO SOCIAL
COORDENADORIA DE ESTRANGEIRANTES SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE AMPARO E INTEGRAÇÃO SOCIAL
SERVIÇO DE IMIGRANTES ESTRANGEIROS
RUA VISCONDE DE PARNAIBA, 1.316
Secretaria de Estado da Promoção Social
Coordenadoria de Apoio Social
CERTIDÃO DE DESEMBARQUE

AUTOS: 552/80

Do imigrante: MURANO HAKOZAKI.

Porto de desembarque: Santos.

DATA DE DESEMBARQUE 13 de julho de 1919.

Vapor: Kamakura Maru.

Data do nascimento: 06 anos de idade, por ocasião do desembarque.

Cidade Natal: nada consta.

Nacionalidade: japonesa.

Sexo: feminino.

Estado Civil: solteira.

Alfabetizado: não.

Profissão: sem.

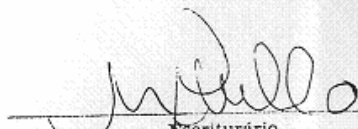
Religião: nada consta.

Filiação: Shozaemon Hakozaki e Mika Hakozaki.

Chefe da Família: Shozaemon Hakozaki, pai da interessada.

Composição da Família: nada consta.

São Paulo, 27 de outubro de 19 80


Escriturário


Chefe

0008
RC-28



32828

VISTO

DIRETOR
Edson Carlos Fávero
Diretor Substituto do Dais

Porém a família de outra depoente da **Sra. Eku**, não passou pela fazenda Pau D'Alho "a partir da Hospedaria dos Imigrantes, seguimos de trem pela ferrovia Sorocabana, com parada em Campinas e na Estação da Paulista em Piracicaba e devido a um desencontro de correspondências, quando chegamos não havia ninguém para nos esperar. Ficamos dentro do trem, fomos avisados que tínhamos de descer, descemos e seguimos a rua em frente da estação, que até hoje é uma das principais vias de Piracicaba; Rua Governador Pedro de Toledo. Através das palavras, que aprendemos no navio, pedimos informações como chegar a Estação do Porto João Alfredo. Lá encontramos o Sr. Takematsu, que forneceu informações de onde se encontrava o nosso parente, o tio Sato como era conhecido. Durante algum tempo sua família morou com o parente, e seus pais trabalhavam arduamente na roça. Eu cuidava dos meus irmãos e um dia minha irmã Hatsu, batizada como Rosa, com cinco anos de idade, reclamou de forte dor de cabeça, a doença desconhecida havia afetado sua família. Era a Maleita que havia chegado e todos foram afetados, com exceção de sua mãe. O remédio era uma injeção de cor verde, que causava abscesso onde era aplicada. Seus pais passaram por diversas propriedades como arrendatários, mas em uma delas ficou uma triste recordação, após trabalhar com afinco por quatro anos, isto porque o dono da terra fez um contrato com cinco famílias, e o proprietário cortava a mata, queimava e entregava com as covas para o plantio das mudas de café. Essas famílias tinham que permanecer por quatro anos, até a primeira colheita. Quando seu pai e os outros quatro chefes das famílias foram receber, o proprietário havia perdido toda a renda do café no jogo, deixando as famílias em situação bastante difícil. Foi uma das vezes em sua vida que viu o seu pai chorar. Mediante a esta situação, foram para um outro sítio de propriedade de Bento Calixto, plantar algodão e milho como meeiros. Por ser uma propriedade situada em local de terra muito boa, a produção foi grande. Todos da família ajudavam, levantando muito cedo e sempre iam trabalhar quando ainda não havia amanhecido, em plena escuridão.

Como a produção foi muito grande, contrataram algumas mulheres para a colheita do algodão. Seu irmão que controlava o peso do algodão colhido constatou que algumas mulheres colocavam pedras nos sacos para pesar mais, como isso era

considerado uma atitude feia e desonesta, eram dispensadas, sem serem comunicadas o porquê, para as outras não aprenderem a fazer igual.

Quando eu tinha aproximadamente 17 anos, comecei a vir para a cidade, com uma carroça de verduras para serem comercializadas no Mercado Municipal. Fiquei nesta atividade por dois anos e vinha duas a três vezes por semana, sozinha. “Percorria nove quilômetros com um carrinho puxado por um cavalo”.

A MORADIA:

A maioria dos imigrantes, recém-chegados, ia morar em casas de sapé, ou em antigas casas que haviam pertencido a colonos de outras nacionalidades. Nelas não havia mobília, nem cama e a iluminação era feita com luz de velas. Não existia tempo nem espaço de lazer para os colonos nas fazendas de café. Podemos dizer que tinham uma vida difícil, as condições eram precárias e de muito trabalho. O acesso aos transportes que conduziam aos centros urbanos era de alto custo. Segundo o Sr. **Seite Ito** *“sua casa era muito simples, assim como a dos outros colonos, mas a casa do proprietário da fazenda era muito bonita, e eles a olhavam de longe, e tinham a curiosidade se saber o que tinha lá dentro.”*

Segundo a **Sra. Eku** *“as acomodações da casa, eram muito rústicas, o chão de terra batida e os locais destinados para dormir, eram estrados de bambu, forrados com futton, tradicional acolchoado japonês. A mãe trouxe panelas e utensílios, para complementar a casa”.*

Segundo a **Sra. Rosa Mori**: *“Em 1925, quando o grupo de famílias em que ela estava chegou a Pau D’Alho, durante uma semana, os novos imigrantes dormiram sobre uma camada de palhas de milho recoberta por uma lona. Tão logo a família se arranjou numa das casas da colônia, seu pai logo construiu, uma privada cercada por bambus, numa parte alta do terreno. Era simples, mas ajudou muito”.*

Esse tipo de moradia, não era comum somente na região de Piracicaba, mas também, em outras regiões. A casa do imigrante japonês recém-chegado é como nos demonstra Handa.

“... Não passa muita vez de um espaço vazio, sem mesa, bancos ou cadeiras. É que a sala não é mais que um depósito. De volta do trabalho, deixa-se aí encostada à enxada, ou pendente esta ao vão do alpendre. No prego da parede, prende-se a peneira. Se a colheita já terminou, amontoam-se sacos de arroz ou de feijão. Como o chão faz com que os cereais absorvam a umidade, emparelham-se dois ou três pedaços de paus, sobre os quais se amontoam os sacos perpendicularmente [...]. Os imigrantes recém-chegados não têm ainda nenhuma folga que lhes permita deliciarem-se com a vida doméstica. Porque trabalham até aos domingos e feriados, não tem necessidades de salas [...]”.

(HANDA, 1973, p.121-122).

Os colonos japoneses, ainda eram muito diferentes dos outros que já estavam aqui no Brasil e em Piracicaba, com destaque para os hábitos de higiene pessoal. O japonês fazia questão de tomar banho todos os dias e como não tinha banheiro, lavavam-se ao relento, causando estranheza aos outros.

Um dos nossos depoentes, Sr. **Toshio Icizuka (descendente de imigrante, que chegou a Piracicaba na terceira fase)** nasceu em 1936 em Londrina – PR, e chegou a Piracicaba em 1980, nos relata: *“meus pais, Cinye Ishisuka e Sata Ishisuka vieram para o Brasil em 1933, para a cidade de Penápolis –SP. Após cumprirem seu contrato foram para a cidade de Londrina no Paraná, ainda antes da fundação oficial do município. Chegaram ao norte do Paraná, após comprarem cinco alqueires num local de mata fechada que tinha de ser derrubada, para o início do preparo da terra para o cultivo de café. Neste local se formou um núcleo de imigrantes japoneses, composto por setenta famílias. Em 1935, nasceu um dos irmãos do Sr. Toshio, que possui o registro de número 03 do município de Londrina, caracterizando-o como um dos primeiros habitantes do município. As casas construídas pelos imigrantes eram de sapé. Nesse núcleo conhecido como gleba Coati, não havia luz elétrica e era uma pequena comunidade formada por imigrantes japoneses. A nossa casa era bem rústica, habitação típica da zona rural de Londrina: casa de madeira; chão batido na cozinha e no banheiro; piso de tábuas nas demais dependências; cobertura de tabuinha; não havia forro nem pintura nas paredes. Sem energia elétrica, as casas eram iluminadas com lamparina, ou lampião. As noites pareciam longas e tristes. Entretanto, visitantes que*

vinham da cidade, principalmente à noite, achavam que o cenário era poético e aconchegante... Ferros de passar roupa eram aquecidos a carvão em brasa, discos fonográficos eram tocados em vitrolas movidas à corda, água do poço era tirada com sarilho, e os aparelhos de rádio – poucas casas possuíam – funcionavam a pilhas usadas em telefonia, cujo tamanho era de uma lata redonda de óleo de algodão. Vivemos sem energia durante quinze anos, até que os sitiantes se uniram e solicitaram extensão da linha de força. No dia marcado, o clima na comunidade era de festa”.

OS UTENSÍLIOS USADOS NO COTIDIANO:

Cada família, em suas bagagens, trazia objetos comuns ao cotidiano no Japão, como vestimentas orientais, (kimonos), Hashis (palitos para alimentação), panelas (Kamá, panela para cozinhar arroz), cestos, futão (espécie de acolchoado, feito à mão), objetos para preparo e consumo de chás etc. Como a maioria dos imigrantes era de religião budista, traziam seus oratórios (onde colocam fotos dos antepassados, dos parentes falecidos e fazem suas oferendas, orações, acendem incensos, depositam pequenas tigelas com alimentos, etc).

Segundo a Sra. **Ekú**: *“Os oratórios normalmente são passados do pai para o filho ou filha mais velho. Como ela é a filha mais velha de sua família, ficou com o oratório que pertenceu ao seu pai. Mesmo depois de serem batizados na religião católica, muitos japoneses, mantêm a tradição do oratório, se não o receberam dos pais, alguns os constroem para sua família”.*

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM: Na bibliografia consultada e segundo alguns depoentes, a percepção da paisagem era muito particular, isto porque, envolvia os sentimentos humanos que são imensuráveis. Muitos, antes de vir para o Brasil, criavam imagens diferenciadas das encontradas no país. Nesse sentido, temos que considerar que as diferenças se estabelecem desde a dimensão e localização geográfica dos países, Brasil e Japão, começando pela territorialidade. Saíam de um país arquipélago, com uma área de 377.815 km² e chegavam num país com mais de oito milhões de km². As distâncias percorridas eram longas, o acesso aos municípios era difícil e alguns eram direcionados para locais onde havia mata fechada, participando da

derrubada da mata e com isso tinham contato com animais e aves jamais vistos, o que os surpreendiam.

As aves, segundo relatos, encantavam pela diversidade, mas, os animais de grande porte e os répteis constituíam sérias ameaças. Segundo a **Sra. Eku** *“suas primeiras impressões sobre Piracicaba, foram as melhores possíveis. Ao chegarem, desembarcarem e percorrerem o caminho entre a Estação da Paulista e a Praça Central tudo que via lhe agradava. Seguindo para o porto João Alfredo e chegando ao sítio onde morava o seu tio Sato, uma das coisas que lhe chamou atenção, foi o número de crianças e mulheres descalças, pois no Japão ninguém ficava descalço, a não ser dentro de casa. Aqui no Brasil era comum às crianças, principalmente, ficarem com os pés no chão. Eu imaginava que não iria me acostumar sem sapatos, mas a realidade da vida com dificuldades econômicas, muito difíceis de superar fizeram com que eu e meus irmãos , após termos os sapatos trazidos do Japão gastos pelo uso, também ficamos descalços até nosso pai ter condições de comprar sapatos novos. O clima mais quente do Brasil também era uma das causas que contribuíram para dispensar o uso constante de calçado”*.

Segundo a **Sra. Rosa Mori** *“Após longa viagem, pois tudo era muito longe, quando chegamos ao Porto João Alfredo, fomos encaminhados aos carros de boi que nos conduziu até a fazenda Pau D’Alho. Achei aquele transporte muito estranho. Outra coisa que estranhei muito foi a casa, mas o local onde ficava o sítio era grande, se avistava montanhas e a paisagem era bonita”*.

Devido à localização geográfica de Ártemis, às margens dos meandros do rio Piracicaba, nos meses de Dezembro e Janeiro, devido à variação climática, podia se esperar grande quantidade de chuvas e o rio com sua vazão, extravasando pelas margens, causando enchentes. Quando passava o período das chuvas, o rio voltava à vazão normal, restavam imensas áreas alagadas, propícias à proliferação de mosquitos transmissores de maleita ou febre amarela.

A maleita ou febre amarela afetava não só a região de Piracicaba, mas todas as regiões onde se desmatavam florestas, para o cultivo. Segundo Pierre Monbeig o autor de *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*:

Duas endemias estão associadas à floresta tropical brasileira: a febre amarela silvestre e a leishmaniose, que reinam tanto nos planaltos como nos vales. A chegada do homem e o seu trabalho de desbravamento provocaram modificações no meio vivo, que levaram ao desaparecimento dos complexos patogênicos responsáveis por essas duas moléstias. Se em outros casos o homem contribuiu para a formação dos complexos, nestes eles os destruiu, ou – só o futuro o dirá – obriga-os a se transformarem. O que nos interessa não é tanto a ação ecológica dos pioneiros, mas o reconhecimento da estreita relação que os seus modos de vida têm com as afecções que os atacam. A febre amarela silvestre apareceu na franja pioneira em 1935 e nos dois anos seguintes fez devastações em São Paulo e no norte do Paraná.
(MONBEIG, 1998, p.32).

O pai da **Sra. Aparecida Mariano de Barros**, filha do chefe da estação do Porto João Alfredo, teve quatro maleitas e mesmo assim não parava o seu trabalho. *“Lembro de meu pai debruçado sobre a mesa e atendendo ao telégrafo. Eu com quatro anos de idade tive maleita, lembro que a injeção verde chamava-se Empaludam e Quinino, que era bom para combater a doença, mas, atacava o fígado. As famílias usavam como paliativo para não serem picados, cortinados sobre as camas e o inseticida Flit”.*

Suas lembranças são inúmeras, do tempo em que viveu no “Porto”, transformadas em treze livros já publicados.

Quanto à percepção da paisagem piracicabana, mesmo com o passar do tempo, permanece nas lembranças de cada um, sendo que alguns a externam, outros guardam para si. Uma de nossas depoentes **Maria Joana Nishimura (filha da Sra. Eku)**, nos demonstra através de suas anotações, por ela denominada - **O crepúsculo em Piracicaba - reflexões com carinho** - *“Vovozinha: Tomi Komatsu, Mamãe Eku (Lourdes) Nishimura, Papai: Musashi (Oscar) Nishimura. Piracicaba, 28 de novembro de 1993, último domingo do mês. Estamos em nosso apartamento à Rua São José, 628 – 13º andar, no centro de Piracicaba. Daqui de cima do prédio vêem várias faces da cidade e neste momento estamos no living, bem próximos a uma grande porta de vidro e voltados, olhando para o lado de fora onde corre trecho do Rio Piracicaba e também onde o sol se põe. Outrora, podíamos vislumbrar o Rio Piracicaba. Hoje há muitos prédios tirando a nossa visão, mas lembramos que num horário como este, o por do sol dava um colorido metálico de cobre a água, que corria mansamente o seu curso,*

naquela grande curva do rio, parecendo abraçar com carinho o outro lado da margem onde se localiza o bairro Nova Piracicaba.

Já jantamos, papai, mamãe e vovozinha costumam jantar cedo. Tarde quente horário de verão, é o crepúsculo que agora estamos contemplando. A vovó como de costume está repousando em seu quarto. Papai e mamãe, sentados juntos a porta do living e eu postada mais atrás, os vejo em suas silhuetas, contra a luz lá de fora, e parece que ali estão para compor um quadro que hoje pouco vemos. Sim, eles nas suas posturas, papai na cadeira de rodas e mamãe sentada, ao seu lado, no braço de uma poltrona, toca os ombros e costas do papai massageando-o levemente; eles transmitem grande paz.

Papai que não parece estar inválido, observa placidamente o cair da noite e a mamãe que nada reclama dos afazeres do lar e muito menos das atribuições de enfermeira, também não demonstra em momento nenhum desânimo, cansaço e nem mesmo tristeza. Falam pouco e esse pouco é para reverenciar a natureza. Apreciam a grandiosidade do momento e apesar do imenso calor se deliciam, com a pequena brisa que traz aquele aroma das plantas ao anoitecer.

O céu está cada vez mais cor de rosa, alaranjado, avermelhado e lilás por trás dos morros no horizonte que não parece tão distante. Luzes acendendo aqui e ali nas ruas parecem centenas de Estrelas Dalva. Que momento mágico...,rápido, etéreo. O céu vai tomando uma cor azul forte passando a marinho e lá no horizonte onde o sol se põe, ainda, resta aquele clarão dos últimos raios do astro rei. Que colorido exuberante. É Deus Onipotente confirmando sua presença sempre”.

A EDUCAÇÃO DOS FILHOS:

Para as famílias com filhos em idade escolar, havia a preocupação com respeito à educação dos filhos, sob duas perspectivas: a) ensino da língua japonesa; b) frequência na escola. Quando chegaram os primeiros imigrantes em 1918 em Piracicaba, após se instalaram na fazenda Pau D’Alho, a preocupação dos pais era com o ensino dos filhos e mesmo com o tempo exíguo, procuravam ensinar aos seus filhos a língua japonesa, isto porque, a maioria pretendia voltar ao Japão.

Segundo a Sra. **Rosa Mori**: *“Em 1925, tão logo a família se arranhou numa casa da colônia, seu pai, Tomokiti Nishide, preocupado com a educação dos filhos, todas as noites os ensinava a ler e escrever o japonês, além dos outros conhecimentos, com destaque para a matemática. Cheguei a estudar em casa o equivalente a 6ª série, mais ou menos”*.

Na fazenda, foi montada uma escola para ensinar as crianças o método de ensino brasileiro, mas, as lembranças desse período foram tristes, isto porque, a professora destacada para ensinar os filhos de imigrantes japoneses, não os entendia, nem eles a entendiam. Mediante esse fato, os alunos nada aprendiam e eram castigados com reguadas de madeira. Segundo os depoentes, em um ano a classe foi fechada. Destacam que as crianças imigradas com os pais (**na primeira fase**) que tinham idade entre seis e sete anos foram as que mais sofreram em relação aos estudos, isto porque, ao mudarem do Japão ainda não haviam estudado e ao chegarem aqui, nos primeiros anos, tiveram dificuldades em encontrar escolas onde as aulas fossem ministradas em japonês.

A associação de japoneses organizadas pelos pioneiros, a Pau D’Alho Kai, no entanto, tentou solucionar o problema, destacando entre os imigrantes da colônia, uma professora de japonês, que dava aulas para as crianças imigradas, obtendo resultados muito melhores do que os das professoras anteriores.

Segundo a Sra. **Maria Takaki Ito**, filha de Shigueri Takaki e de Yokie Onishi Takaki (**imigrantes da primeira fase**), a sra. Maria nasceu em Piracicaba em 19/04/1932 na fazenda Cachoeira de propriedade do Sr. Leitão. *“Seu pai então arrendava terras para o plantio de algodão. Ela teve nove irmãos, seguindo os costumes dos camponeses nipônicos. Quando seu pai e o irmão dele Shigueki Takaki, vieram do Japão para trabalhar na fazenda Pau D’ Alho, após terem seus contratos vencidos, mudaram para outra fazenda, onde arrendavam terras para o plantio de algodão. Em sua casa, os filhos dos colonos se reuniam aos sábados à noite e domingo de manhã para terem aula de japonês. Embora durante a semana já freqüentassem a escola em outro sitio, do Sr. Atílio Delamuta, que não só cedia espaço para a escola, como também oferecia transporte para a professora, que vinha dar aulas a cavalo. Naquele tempo a locomoção era muito difícil. A professora vinha de trem de Piracicaba,*

da Estação da Paulista até o Porto João Alfredo em Ártemis, depois seguia á cavalo para fazenda, onde permanecia durante a semana, pois a locomoção do centro urbano à fazenda demandava muitas horas por dia. A principio a escola ficava aproximadamente a quinze quilômetros de sua casa, depois houve uma mudança e a distância passou a ser dezesseis quilômetros, percorridos diariamente a pé, independentemente da intempéries climáticas. Mas, junto a outros filhos de imigrantes japoneses, esse caminho tornava-se até divertido”.

No caminho para a escola e nas aulas de japonês que o **Sr. Seite Ito (imigrantes da segunda fase)** filho de Yshiite Ito e Itino Ito, nascido na cidade de Toyoashi no Japão, em 29/10/1929, que veio para o Brasil em 1933, para a cidade de Guatapar na região de Ribeirão Preto. Quando tinha oito anos seus pais se mudaram para Piracicaba, para um sítio próximo  rtemis, chamado Limoeiro, de propriedade do Sr. Leitão, onde cultivavam algodão, arroz e milho. Ali ele fez muitas amizades. *“Freqentava as aulas de japones aos sábados e domingos e tambem as aulas semanais. Junto com ele, cerca de quarenta crianças, freqüentavam a escola, em classe multisseriada, com a professora chamada Maria Cândida de Mattos Sampaio. Ele se integrou facilmente com os filhos de outros imigrantes de outras nacionalidades que viviam na fazenda e a única coisa que observava de diferente é que os seus colegas, que não eram descendentes de japoneses, eram analfabetos, mas isso não dificultava a grande amizade que os envolvia”.*

Uma professora que se chamava Maria de Lourdes, que durante certo período veio lecionar em rtemis nas proximidades do sítio e da colônia japonesa, pediu a interrupção das aulas de japones, achando que atrapalhavam a aprendizagem dos alunos. Decorrente disso as aulas foram suspensas por um breve período. Prevalecendo a grande preocupação dos pais, para que seus filhos não perdessem o elo com a cultura japonesa, logo as aulas se reiniciaram como tambem foram criadas atividades que se relacionavam com a cultura japonesa. Um exemplo foi o Undokai (atividade que requer a participação de todos em atividades esportivas).

O Sr. **Toshio Icizuka** que morava na gleba Coati, atual município de Londrina no Paraná, lembra que: *“Para as famílias japonesas a educação dos filhos era considerada primordial. As crianças andavam muito até chegarem à escola, mas isso não era*

empecilho para deixar de freqüentá-la. Eu estava no primeiro ano do ginásio, junto com o meu irmão, que cursava o quinto ano do primário – só fiz até o quarto, devido à alteração no sistema de ensino. Caminhávamos cerca de nove quilômetros – ida e volta - em estrada de terra, poeirenta no período de estiagem e barrenta na estação de chuva. Fazíamos lições de casa à luz de lamparina – após as aulas trabalhávamos no campo – era quase uma odisséia. Terminar os estudos com os cabelos chamuscados era fato corriqueiro”.

A ALIMENTAÇÃO:

É comum aos depoentes, relatarem que os primeiros imigrantes estranharam muito os alimentos consumidos no Brasil. A **Sra. Eku** nos conta que; *“desde o navio os alimentos lhe eram estranhos, ofereciam pão com mortadela e eles retiravam a mortadela e comiam somente o pão”*. Quando chegavam às fazendas, o que podiam comprar no armazém da fazenda se limitava a arroz de sequeiro, que quando cozido ficava solto (para o paladar nipônico não é agradável). Também encontravam feijão, bacalhau seco, carne-seca, sardinha salgada e mais alguns itens. As mulheres tinham de aprender a preparar esses alimentos. Não encontravam verduras, elemento muito importante na alimentação japonesa. Muitos colhiam na mata, fazendo o aproveitamento de plantas silvestres e as incorporando ao cardápio cotidiano. Como exemplo podemos citar: Picão (comiam suas folhas tenras cozidas), Cambuquira (brotos de abóbora) que eram aproveitados os brotos e as flores, Samambaia de tapete, os rebentos serviam de alimentos, Maxixe, Batata doce, caruru; entre outros. Para muitos era permitido fazer hortas próximas de sua casa, e a maioria dos japoneses, começaram a cultivar hortaliças, muitas sementes, foram trazidas na bagagem. Muitas plantas foram posteriormente aprimoradas e através de novas técnicas aclimatadas, gerando assim uma imensa contribuição para a diversidade horti-frutífera brasileira. Uma de nossas depoentes que não é descendente de imigrantes japoneses, mas, por ser filha do chefe da Estação do Porto João Alfredo, conhecia aspectos da imigração nipônica em Piracicaba. **Sra. Aparecida Mariano de Barros**, filha de Maria de Lemos Monteiro, nascida no distrito de Ártemis e Antonio Joaquim Mariano, nascido em Cotia-SP. Ambos chegaram no “Porto”, como se refere Sra.

Aparecida, em 1919, vivendo o período da **primeira e segunda fase**, da imigração japonesa. Lembra-se que: *“meu pai, como chefe da estação, que neste período tinha movimento intenso, trabalhava muito. Quanto aos japoneses, lembro-me que conheci melancia, porque os japoneses dos sítios das proximidades do” Porto “plantavam. A produção de melancias era grande e faziam o transporte via estação ferroviária. O vagão que transportava melancias era feito de ripas. Os japoneses cultivavam frutas e hortaliças e sempre presenteavam meu pai, chefe da estação, com uma grande melancia, que era incomparável no sabor. O rio Piracicaba, oferecia pesca farta, com diversos tipos de peixes. Os japoneses, com seu andar peculiar, carregavam um varal de peixes que eles faziam. Os peixes que eram de grande tamanho iam arrastando sua cauda pelo chão. Como a quantidade de pescado era muito grande, além do suficiente para o consumo, traziam para a estação e comercializavam os peixes para Piracicaba e Região. Quando não havia possibilidade de transporte, vendiam a preço baixo ou davam para a população do “Porto”. Os peixes mais comuns eram Dourados e Pintados”.*

SITUAÇÃO DOS IMIGRANTES DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945):

Muito próximo da eclosão da 2ª Guerra, o sentimento da maioria da comunidade japonesa, era a aspiração ardente de regresso ao Japão. Mas, durante a guerra, em 07 de Setembro de 1941, irrompeu a Guerra do Pacífico e a notícia se alastrou rapidamente. Em Janeiro de 1942, os imigrantes de Piracicaba passaram a enfrentar as mesmas restrições impostas em todo o país a italianos e alemães em decorrência do rompimento diplomático entre o Brasil e os países do Eixo (Itália, Japão e Alemanha).

Segundo alguns depoentes e a bibliografia consultada, as pressões sofridas por todos os imigrantes e descendentes dos países do Eixo, eram ainda maiores sobre os japoneses, isto porque a fisionomia e os costumes orientais não davam a eles a menor chance de se livrarem de algumas proibições e preconceitos.

No dia 19 de janeiro, a Superintendência da Segurança Pública de São Paulo baixou o seguinte edital “para regulamentar a atividade dos estrangeiros naturais dos países do Eixo”.

I – Em face da ruptura das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, Itália e Japão, faço público que ficam os súditos destes últimos países, residentes neste, estão, proibidos:

1º - a disseminação de quaisquer escritos nos idiomas de suas respectivas nações;

2º - de cantarem ou tocarem hinos das potências referidas.

3º - das saudações peculiares a essas potências;

4º - do uso do idioma das mesmas potências, em concentrações, em lugares públicos (cafés, etc.);

5º - de exhibir em lugar acessível, ou exposto ao público, retrato de membros do governo daquelas potências;

6º - de viajarem de uma para outra localidade, sem salvo-conduto fornecido por esta Superintendência;

7º - de se reunirem, ainda que em casas particulares, a título de comemoração de caráter privado;

8º - de discutirem ou trocarem idéias, em lugar público, sobre a situação internacional;

9º - de usarem armas, mesmo que hajam anteriormente obtido o alvará competente, bem como, negociarem com armas, munições ou materiais explosivos ou que possam ser utilizados na fabricação de explosivos;

10º - de mudarem de residência sem comunicação prévia a esta Superintendência;

11º - de se utilizarem de aviões que lhes pertençam;

12º - de viajarem por via aérea, sem licença especial concedida por esta Superintendência;

II – Os salvo condutos serão fornecidos todos os dias úteis, das 9 às 11 horas – da 14 às 18 horas e das 21 a 23 horas. Aos domingos das 14 às 17 horas.

O edital era assinado pelo Major do Exército, Olinto de França Almeida de Sá, Superintendente da Segurança Política e Social.

Segundo **Tereza Takagi**: *“No período da Segunda Guerra, procuravam evitar, saídas de casa para evitar represálias. As pessoas ligadas aos países do Eixo sentiram na pele proibições, do tipo andar de jardineira (ônibus da época), isto durante o tempo que durou a guerra. Eles também não podiam falar japonês entre si e que os japoneses moradores de sítios precisavam pedir licença para as autoridades próximas para ir à cidade. Neste período, os japoneses instalados em Piracicaba desenvolviam principalmente a horticultura, a criação de bicho-da-seda e plantações de algodão. As famílias que estavam em melhores condições financeiras iam socorrer os parentes menos favorecidos e os traziam para trabalhar junto, aonde os negócios iam bem. Com isto, iam se formando grupos fechados de japoneses que se estruturavam e cresciam juntos”*.

Segundo o Sr. **Toshio Iczuka** um de nossos depoentes, nos contou suas lembranças sobre a guerra e ainda as publicou em seu livro de crônicas; **Refrescando a Memória- Uma conversa ao pé do fogo**. *“Quando estourou a Segunda Guerra Mundial em 1939, morava com meus pais mais quatro irmãos, no sítio de cinco alqueires, em Londrina. Não tenho lembranças dos primeiros anos de Guerra, era muito pequeno. Entretanto, se houvessem fatos marcantes envolvendo japoneses da nossa comunidade, ou que nos afetassem diretamente, mesmo com a idade que estava, acredito que alguma coisa teria ficado na minha memória. Havia uma justificativa para essa trégua aparente: embora o Brasil fizesse parte dos aliados que lutavam contra os países do eixo, Alemanha, Japão e Itália, ainda não havia nenhuma mobilização de tropas visando à participação brasileira no “front”. O País estava somente em estado de beligerância. Os focos de guerra estavam bem longe daqui, na Europa, no outro lado do mundo. Todavia, um fato curioso e interessante ficou marcado: meu pai, que imigrou do Japão em 1933, mesmo sem falar bem a nossa língua, acompanhava o andamento da guerra através da leitura do jornal “O Estado de São Paulo”, do qual era assinante.*

Em 1943, quando efetivamente o Brasil já estava em estado de guerra – declarada em setembro de 1942 -, meus dois irmãos mais velhos, entraram no Grupo Escolar da cidade, distante cinco quilômetros do sítio. Dessa época, já guardo algumas lembranças, não propriamente da guerra, mas de fatos decorrentes dela, como: discriminação das crianças descendentes de japoneses, alemães e italianos, nas escolas; racionamento de açúcar e outros gêneros alimentícios; carros movidos a gasogênio devido à escassez de gasolina; restrições de diversas ordens aos imigrantes oriundos dos países do Eixo, entre outros. Entre as restrições impostas, lembro-me perfeitamente da proibição do ensino e uso da língua japonesa, assim como a execução de músicas dessa origem, mesmo em ambientes domiciliares.

O medo de serem denunciados como infratores, fazia com que tomássemos máximo de cuidado ao falarmos o japonês ou na hora de tocarmos discos de músicas japonesas no gramofone – toca discos movido à corda e sem alto-falante, que o papai trouxe do Japão. A estratégia usada para burlar a norma era o seguinte: o aparelho era colocado dentro de uma enorme caixa de madeira, dotada de tampa, usada para guardar arroz descascado. Para ouvirmos as músicas, encostávamos o ouvido na fresta da tampa deixada semi-aberta. Mesmo procedendo assim para abafar o som, alguém ficava na janela para espiar se não havia eventuais delatores nas proximidades. Havendo qualquer sinal do “vigia”, a ordem era levantar a cabeça do gramofone e interromper a música, ou fechar totalmente a tampa.

Em 1944, com sete anos, entrei no Grupo Escolar “Hugo G. Simas”. Meus irmãos estavam no Colégio “Mãe de Deus”, uma instituição privada. Estávamos em pleno estado de guerra. Discriminações e restrições contra os japoneses, alemães e italianos aumentavam. Éramos xingados e hostilizados durante o trajeto para a escola. Contudo, não respondíamos às provocações, seguíamos sem dar confiança, como covardes. No ambiente escolar, embora alguns nos vissem como inimigos, a discriminação era bem mais branda, notadamente na escola pública onde eu estudava. Outro fato que nos afetou bastante, principalmente ao meu pai, foi à restrição do direito de ir-e-vir, com a imposição do uso do “salvo-conduto” para viajar de ônibus ao município vizinho, distante vinte quilômetros, onde possuíamos mais um pequeno sítio. Esse documento

era uma espécie de licença precária para poder viajar, ou melhor, indicava que o portador estava sob vigilância.

Quando a guerra acabou, em agosto de 1945, com a rendição incondicional do Japão – logo após os lançamentos de bomba atômica sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki -, ficamos muito tristes, não pela derrota, mas pela terrível tragédia imposta ao povo japonês, fato jamais visto em outras guerras. Todavia, de certa forma ficamos aliviados, por duas razões: a primeira, porque nas cidades atingidas não moravam nenhum dos nossos parentes, e a segunda, por ter evitado um mal pior para os imigrantes residentes no Brasil. Essas informações chegaram até nós de boca em boca, e através do jornal, com alguns dias de atraso – que recebíamos via correio. Na época, não possuíamos rádio, pois nem a luz elétrica havia no sitio.

As dificuldades na obtenção de informações seguras e corretas provocaram um estado de incerteza e pânico no seio da colônia japonesa, mormente entre os desinformados. Como consequência, surgiram duas facções distintas: uma – a bem informada – que reconhecia a derrota do Japão, e outra – a mal informada – que acreditava piamente que o Japão ganhara a guerra. Os integrantes da segunda facção, conhecida na época como “Shindô Renmei”, eram fanáticos, usavam da violência para intimidar os integrantes do outro grupo, aos quais chamavam de “entreguistas”, porque no entender deles, eram traidores que acreditavam que o Japão se entregara sem nenhuma resistência aos Estados Unidos.

Esses fatos ficaram praticamente restrito á colônia japonesa e a imprensa brasileira não publicou notícias a respeito, contudo, soubemos posteriormente que ocorreram várias mortes – cerca de quatorze – em decorrência de atentados.

Um dos vizinhos do sitio fazia parte do grupo de fanáticos. Essa família, por sinal muito numerosa, possuía quinze alqueires de terra cultivada. Entretanto, a partir do momento que se engajou nessa facção, abandonou totalmente a lavoura, tirou os filhos da escola, na certeza de que o dia de retornar ao país vitorioso estava próximo.

Os integrantes do “Shindô Renmei” sabiam que nós pertencíamos ao outro grupo, embora não declarássemos abertamente que fazíamos parte dos “entreguistas”, ou dos esclarecidos, no nosso entender.

Volta e meia, bando de fanáticos se reuniam nesse sítio. A finalidade dessas reuniões era mantida sob sigilo, porém, de algumas atividades ilegais que ocorriam, sabíamos, ou melhor, éramos testemunhas: tiros de espingarda e fuzil eram disparados em nossa direção. O som das balas passando próximo a nossa casa eram assustadores no início, todavia, quando os fatos se tornaram corriqueiros, dizíamos em tom de brincadeira que, os “tiummm’s” – apelido dado por nós, baseado na onomatopéia dos sons produzidos por uma bala passando próximo ao ouvido -, estão treinando a pontaria de novo! Circulou boatos de que o nome do meu pai também estava na lista de “entreguistas” jurados de morte. Mas, como as informações vinham de fontes anônimas, não demos muito critério.

É inacreditável, mas esse movimento perdurou por dois a três anos. Difícil para eles foi recomeçar, depois de admitirem que estavam redondamente enganados, ou mal informados. Sentiam-se envergonhados pela atitude assumida e não tinham coragem de nos encarar de cabeças erguidas. Ficamos com pena das crianças, totalmente inocentes, pois não tinham nenhuma culpa de serem filhos de pais desinformados. Éramos crianças também, porém em situação oposta, filhos de pais que sempre valorizaram o conhecimento e a sabedoria”.

Os fatos concernentes a esse relato de um dos nossos depoentes, atualmente morador em Piracicaba ocorreram onde ele morava na época da Guerra, em Londrina no Paraná. Em Piracicaba, não há nenhum registro de algum imigrante ou descendente pertencente a esta organização terrorista.

Em nosso levantamento bibliográfico encontramos dois livros que falam sobre a Shindo Renmei; a pesquisadora Francisca Isabel Schuring Vieira, em seu livro: **“O Japonês na frente de expansão paulista”** (1973), demonstra que fez sua pesquisa de 1964 a 1966 no município de Marília e região, seguindo duas ordens de considerações; aquelas que dizem respeito às “frentes de expansões” e aquelas que remetem-nos às fronteiras étnicas. Neste livro, no anexo III, encontramos a relação das principais filiais da Shindo-Renmei, onde inexistente o registro de Piracicaba.

A saber, foi no município de Marília - SP, em 1942, que foi fundada esta organização, que perdurou até 1947.

Outro autor, foi Fernando Morais, em seu livro “**Corações Sujos**” (2000), que realça a história da organização criada pela colônia japonesa no Brasil, a Shindo Renmei, a qual não acreditava na derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial. Em 1946, era solicitada pelo Ministério Público Brasileiro, a expulsão de chefes e matadores da Shindo Renmei. Nas palavras do autor, mais de trezentas pessoas foram consideradas “elementos nocivos aos interesses nacionais”, mas, nenhuma dessas pessoas chegou a ser expulsa, de fato. Em 1956 quando a maioria dos integrantes presos já havia cumprido pelo menos dez anos de prisão, o então presidente Juscelino Kubitschek comutou as penas, colocando todos em liberdade. Essa organização teve uma repercussão negativa na sociedade brasileira.

Várias reações antinipônicas permaneceram até meados da década de 50, quando se manifestaram os indícios favoráveis a reabertura da imigração. A Shindo Renmei permaneceu secreta durante aproximadamente cinqüenta anos, fora da comunidade japonesa, e o próprio autor (MORAIS) a descobriu ao pesquisar para mais uma de suas obras.

OS CASAMENTOS:

Quando os primeiros imigrantes japoneses chegaram à Piracicaba e em outros municípios, conforme a bibliografia consultada, um dos fatores que nos chama a atenção é que os casamentos eram sempre entre descendentes, como também arranjados e combinados entre os familiares. No início das colônias, não havia casamentos interétnicos, mas, com o passar do tempo esse fato modificou-se e após a década de quarenta, os casamentos entres descendentes e não descendentes, foram sendo comuns. A **Sra. Rosa Mori (Koo Nishide)** recorda de alguns costumes da época: *“Era comum os parentes e padrinhos arranjarem casamento para os jovens, assim não sobrava ninguém. Eu por exemplo já conhecia o moço escolhido para ser meu marido, Mitsuho Mori . Nossas famílias tinham morado na Pau D’Alho quando éramos crianças. Eu e ele tínhamos dezenove anos quando nos casamos. Fomos morar num rancho de sapé numas terras arrendadas e depois conseguimos comprar um sítio, mas a vida na agricultura era muito difícil, não tínhamos dinheiro para comprar*

nem um par de sapatos. Então, decidimos vender a nossa terra e montar um negócio na cidade. Em 1947, mudamos para Piracicaba”.

Outros depoentes se conheceram nos sítios e fazendas onde trabalhavam, como exemplo a **Sra. Maria Takaki Ito** que se casou com o **Sr. Seite Ito** “*Nos conhecemos no caminho da escola, morávamos no mesmo sítio, e também freqüentávamos as aulas de japonês e casamos em dezembro de 1955”.*

A **Sra. Tereza Takagi Sato e o Sr. Susumu Sato** se conheceram nas atividades desenvolvidas pela colônia japonesa e se casaram em 1951. Com satisfação o Sr. Sato nos mostra o álbum de sua bodas de ouro, no qual constam fotos do casamento em 1951 e das bodas de ouro.

A **Sra Eku Komatsu Nishimura** casou-se com Musashi Nishimura e nos relata: “*Ele, Nishimura era um estudante migrante, chegou ao Brasil em 31 de maio de 1933, veio primeiro para a Amazônia, mas como tinha um amigo Nagasaghi, que era católico e tinha o cargo de bispo na Bahia, foi para lá, depois veio para Marília, onde contraiu maleita. Um de seus amigos que veio com ele do Japão, no mesmo navio, recomendou a ele que viesse para Rio Claro. O tio Sato tinha um amigo em Rio Claro chamado Yabuki. O meu tio Sato com o seu amigo Yabuki arranjaram nosso casamento. Conhecemos-nos no dia do casamento, tivemos seis filhos e sempre vivemos bem”.*

A **Sra. Aparecida Mariano** lembra-se: “*quando morávamos no Porto, tudo era distração. Quando foi feito o aterro e acerto na estrada, para passar o asfalto, o trem do Porto até a estação da Paulista em Piracicaba, levava uma hora e o trecho era com muitas curvas. Um dos trabalhadores era o meu futuro marido, que exercia a função de agrimensor, Oswaldo de Albuquerque Barros, nos casamos e devido a sua função sempre mudávamos de cidade”.*

Entre os casamentos ocorridos, salientamos o do Sr. Jiichi Otsubo e Sra. Murano Hakosaki Otsubo, em 1938, pais de nossa depoente **Kasue Otsubo**, que através da foto a nós apresentada, pelo casal Maria Ito e Seite Ito, reconheceram diversas pessoas. Guardaram essa foto por ser a única que possui de quando eram crianças. Um descendente da família Leitão, do proprietário da fazenda, doou esta foto para Sra. Maria.

Legenda da Foto: Foi em 1938, na fazenda Cachoeira de propriedade de Francisco Leitão. Esta foto nunca foi publicada e existem duas cópias, uma com Kasue filha dos noivos da foto e outra com dona Maria Ito. A casa ao fundo é de sapé e barro, todos se arrumaram o melhor que puderam para participar dessa festividade. Ao centro aparecem os noivos acompanhados por seus pais. Muitas crianças posam e são ao todo vinte e seis, entre elas a oitava criança da direita para a esquerda é o Sr. Seite Ito, ao seu lado esquerdo está Antonio Takagi, ao seu lado direito Mario Mori, a quinta criança da direita para a esquerda é Nobuo Otsubo. Na primeira filha sentada da esquerda para direita a segunda mulher com traje escuro é sua mãe Ikino Ito. Na primeira fila ajoelhada de traje claro, vemos uma adolescente Rosa Takaki e ao seu lado direito sua irmã Maria Takaki Ito. Atrás em pé da esquerda para direita o quarto homem é o Sr. Ichiiti Ito, pai do Sr. Seite Ito na seqüência ao centro sem aparência nipônica os proprietários da Fazenda Senhora Vinhoca e Francisco Leitão. Posicionado ao seu lado está Atilio Delamuta e a frente dele sua esposa. O pai de dona Maria Shigueri Takaki é o quarto homem da segunda fileira em pé da direita para a esquerda. Nesta foto observamos existem registrados setenta e quatro pessoas com ascendência japonesa.



Casamento Sr. Jiichi Otsubo e Murano H. Otsubo – Na Fazenda Cachoeira em 1938 – Acervo de Maria Takaki Ito.



Estes são os noivos, Jiichi Otsubo e Murano Hakozaki Otsubo.

Esta é a única foto existente, e sua filha Kasue a guarda como recordação do casamento de seus pais, esta foto nunca foi publicada. Este casamento foi em 1938 na Fazenda Cachoeira.

A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS PARA UMA VIDA INDEPENDENTE:

Por volta de 1932, muitas famílias japonesas tinham deixado a fazenda Pau D'Alho, devido aos pequenos rendimentos e ainda pela queda de produção dos cafezais. A família Nishide, no ano de 1932, mudou-se para um sítio de quarenta alqueires que compraram para pagar em dez anos. A nova casa era um lote da antiga fazenda Santo Antônio. A família Nishide composta pelos pais e quatro filhos plantavam milho, arroz, feijão e verduras. Animais eram criados apenas para o consumo familiar.

As famílias de Shigueki Takaki (José) e Shigueri Takaki (João) também saíram da fazenda Pau D'Alho em 1933. Shigueki (José) se mudou para um sítio comprado próximo de Ártemis, onde desenvolveu em pequena escala a horticultura, a criação de bicho-da-seda, o plantio de eucalipto para produzir carvão, um pouco de cana, que era vendida no engenho e também criava alguns animais para subsistência. Seu irmão Shigueri (João), arrendou um sítio e plantou principalmente algodão e arroz. Logo também comprou um sítio e continuou cultivando algodão.

A família Miyasaki trilhou caminho semelhante. Ficaram dois anos como colonos na fazenda Pau D'Alho e com as economias que haviam trazido do Japão, arrendaram um pequeno terreno (atualmente, próximo do bairro Matão), onde plantaram hortaliças que pudessem ser comercializadas em pouco tempo. A família morava em um rancho de sapé, mas, em torno de quarenta dias após o início das atividades no novo local, o pai da família já vendia na cidade as hortaliças cultivadas.

Segundo Sra. **Rosa Mori** *“A primeira família de imigrantes japoneses a deixar a Pau D'Alho e se estabelecer na zona urbana de Piracicaba, foi a de Massey Saito (Lauro). A segunda família a seguir a trilha urbana foi a dela, que já era casada com Mitsuho Mori. Antes, porém, outras famílias japonesas, como a Ieda e a Watanabe, vinda de outras regiões, já trabalhavam na cidade de Piracicaba. Um dos nove filhos da família Ieda, José Ieda Filho e seu pai José Ieda Matani, cujo nome original no Japão, era Matagi Iida, vieram para o Brasil no Kasato Maru, em 18 de Junho de 1908 e, posteriormente, em 1932, se radicaram em Piracicaba. Depois de aportar em Santos, Iida (registrado no Brasil como Ieda), foi para São Carlos do Pinhal, seguiu para Águas da Prata e Poços de Caldas, onde trabalhou como gerente de hotel. Lá foi, convidado*

por um membro da família Morgante, de Piracicaba, antigos proprietários da usina Monte Alegre, para dirigir a casa da família em Piracicaba outra na usina Tamoyo, em Araraquara e ainda, uma residência em São Paulo. Foi assim que vieram para Piracicaba onde ainda vivem três descendentes”.

Segundo **Yoshiko Mori, filha da Sra. Rosa Mori**, *“Seus pais, montaram uma peixaria no tradicional Mercado Municipal em 1947, sendo que a família ainda mantém este comércio. Com o passar do tempo, os filhos do casal Mori foram assumindo o negócio que, desde a inauguração até hoje está no mesmo local. A Peixaria Mori, no Mercado Municipal, tornou-se um ponto de referência, com mais de 50 anos de tradição”.*

Segundo **Kasue Otsubo** *“Após saírem da Pau D’Alho muitos japoneses se instalaram em **sítios** nas proximidades de Ártemis. Seu pai se mudou para próximo da estação, onde abriu um estabelecimento comercial, que é muito conhecido e hoje é administrado por ela. Os sete filhos estudaram até o nível superior e sua casa e o comércio em Ártemis era um ponto de referência para os colonos da região. Atualmente, um dos bairros que antes era uma propriedade rural, após loteamento, passou a se chamar Estância Lago Azul, por decreto da Câmara de Vereadores de Piracicaba. E devido ao grande número de moradores japoneses, algumas ruas do bairro receberam nomes de antigos nipônicos que viviam naquela propriedade, inclusive meu pai”.*

Isso nos foi demonstrado através de fotocópia do documento:

CÂMARA DE VEREADORES DE PIRACICABA
Estado de São Paulo

Departamento Legislativo

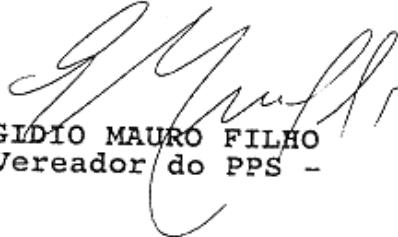
PROJETO DE LEI No. 204/95
(DISPÕE SOBRE DENOMINAÇÃO DE VIAS PÚBLICAS
NESTE MUNICÍPIO)

Artigo 1o. - As vias públicas do Loteamento Estância Lago Azul, localizado no Distrito de Artemis, neste município, passam a ter as seguintes denominações:

Rua Um	Rua Victor Delamuta
Rua Dois e Rua Nove.....	Rua Kijuji Mizuhira*
Rua Três e Rua Dezoito	Rua José Bailarin
Rua Quatro	Rua Dorival Berreta
Rua Cinco	Rua Américo Delamuta
Rua Sete	Rua Jiichi Otsubo X
Rua Oito	Rua Octávio Sturion
Rua Dez	Rua Ayrton Geraldin
Rua Onze	Rua Avelino de Castro
Rua Doze	Rua José Aléssio Fuzatto
Rua Treze	Rua José Siquihi Takaki
Rua Quatorze	Rua Manoel Aguado
Rua Quinze	Rua Antonio Oriani
Rua Dezesseis	Rua Benedito Domingues da Silva
Rua Dezenove	Rua Francisco Perez Gonzales
Rua Vinte	Rua Avelino Batagello
Rua Vinte e Dois	Rua Mery Corrêa de Oliveira
Rua Vinte e Três	Rua Renato de Oliveira
Rua Vinte e Quatro	Rua Julio Sbravatti
Rua Vinte e Cinco	Rua Shigueri Takaki
Rua Vinte e Seis	Rua Manoel Gimenes
Rua Vinte e Oito	Rua Miguel Aguado

Artigo 2o. - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara de Vereadores, 09 de setembro de 1996


EGÍDIO MAURO FILHO
- Vereador do PPS -

Segundo depoimento de **Maria Aparecida Lopes**, nascida em 29 de fevereiro de 1960 e moradora do bairro de Ártemis: *"Quando eu tinha doze anos o meu pai sofreu um acidente muito grave. Então, a família japonesa do Sr Jiichi Otsubo me acolheu e durante muito tempo cuidaram de mim em todos os sentidos, até completar 14 anos. Os japoneses sempre foram muito generosos, e o exemplo disso era a Sra. Murano Hakosaki Otsubo que mantinha em seu avental, balas para dar as crianças que chegavam. Uma de suas filhas, Yoshie, era telefonista no estabelecimento comercial e dava aula de corte e costura no centro social de Ártemis. Além disso, era cabeleireira e cortava o cabelo de muitas pessoas, até mesmo de quem não podia pagar. Quando alguém do bairro passava mal, o Sr Jiichi era o único que possuía carro, com o qual levava as pessoas para o atendimento médico em Piracicaba. Os amigos e parentes dos japoneses eram sempre muito bem vindos".*

Segundo a **Sra. Eku** *"Após o meu casamento, em 1941, com Massashi Nishimura (Oscar), fiquei um curto tempo cuidando de uma pastelaria de um amigo de meu marido, em Rio Claro. Logo voltamos para Piracicaba e fomos morar com meus pais num sítio, na Volta Grande. Depois meu marido arrumou um trabalho na carvoaria de Dona Jane Conceição, no bairro da Chácara Nazaré e de lá alugamos um balcão no Mercado Municipal para vender pasteis e café, compramos o ponto e foi muito melhor. No ano de 1940, abrimos o Bar Esportivo, em frente ao Teatro São José. Em 1946 adquirimos o restaurante Giocondo, que depois passou a chamar Alvorada. Trabalhamos neste restaurante até setembro de 1976, que ficou conhecido como" Casa do Oscar". Sempre trabalhamos no ramo comercial. Nos consideramos brasileiros e piracicabanos. Tanto que em 1974, meu marido recebeu uma medalha do Brigadeiro Couto de Magalhães e, por ocasião do bicentenário de Piracicaba foi agraciado com título de cidadão piracicabano em 1967".*

Esta foto pertence à Maria Joana Nishimura, filha de Musashi Nishimura (Oscar), foi feita em 01/08/1967, quando o Sr. Oscar recebeu o título de cidadão Piracicabano. Nela encontramos em pé: da esquerda para direita; Oscar Nishimura, Alice Nishimura, Maria Joana Nishimura, Carlos Alberto Nishimura, sentados; Ana Mikki Nishimura, Amélia Takeko Nishimura, Sra. Eku (Lourdes) e Sr. Musashi (Oscar).



Família Nishimura – 01/08/1967 - Acervo de Maria Joana Nishimura

Segundo os depoimentos e bibliografia consultada, após o final da Segunda Guerra Mundial em 1941, o sonho de retorno ao Japão acabou. Agora o ideal era formar os filhos em boas universidades. Os japoneses se conscientizaram sobre a impossibilidade de volta e passaram a investir para vencer, dentro da sociedade brasileira. Para tanto, os meios que enxergavam seriam o trabalho e o estudo. Alguns imigrantes presumem que dessa fase é que teriam surgido as expressões: ‘trabalha como japonês’ e ‘honesto como japonês’.

Segundo Tereza Takagi Sato *“Com o dinheiro acumulado pelos anos de trabalho, em 1934, o seu pai possuía um sítio, construiu uma casa com telhas, paiol, e adquiriu alguns animais. Eu guardo esta foto por ser uma das únicas que tenho de recordação de minha infância”.*



Família Takagi – Em 1938 – Acervo de Tereza Takagi Sato.

Esta foto é de propriedade de dona Thereza, mas, já foi publicada em reportagens sobre os japoneses em jornais locais.

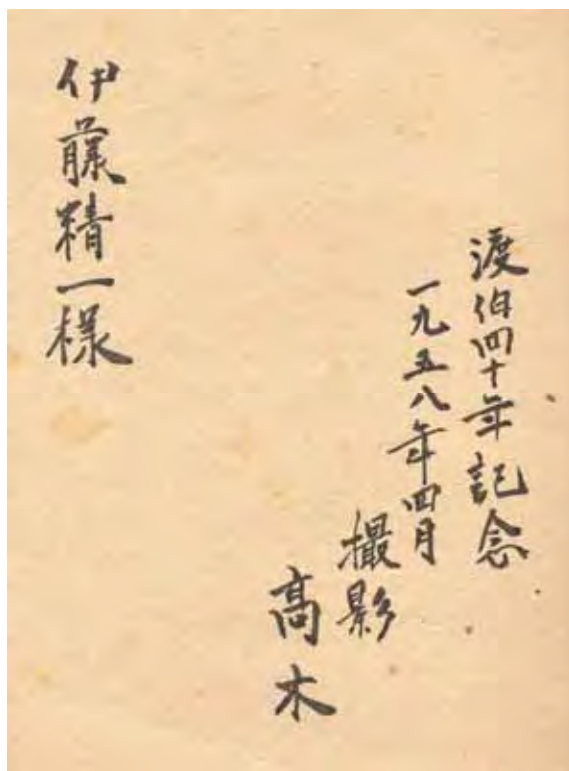
Nesta foto identificamos, algumas características que significam sinais de ascensão social, como os animais de montaria. Nesta foto, de propriedade de dona Thereza, foram identificados por ela, da esquerda para direita, seu tio Shigueri Takaki; no cavalo branco seu irmão Julio Takaki; sentados: seu pai Shigueki Takaki, sua mãe Sue Takaki e as crianças: maior, Rosa Takaki; no colo do pai, Antonio Takaki; em pé, Jorge Takaki e Thereza Takagi, no colo da mãe, Fernando Takaki; e no cavalo Masao Takaki. Este sítio era perto da fazenda Cachoeira, atual fazenda Limoeiro, nas proximidades do distrito de Ártemis. Dona Thereza reconhece que a porta e janela eram da sala da casa e ao fundo no canto esquerdo o paiol. Todos estão bem arrumados, porque esta foto foi enviada para o Japão.

Conforme registros do Clube Cultural e Recreativo Nipo-brasileiro de Piracicaba, após a Segunda Guerra, o crescimento da colônia seguiu lentamente, com os poucos que chegavam. Foi a partir da década de 1960, considerada **terceira fase**, que houve a busca de uma revalorização de certos aspectos da cultura nipônica, e da participação japonesa na cidade. Muitos vieram em busca de grandes empresas aqui estabelecidas e do alto nível de ensino e pesquisa desenvolvido na Esalq -USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz).

A colônia japonesa de Piracicaba se constituiu a partir dos pioneiros, que chegaram em 1918, entre eles os irmãos Takaki. Em homenagem à colônia japonesa como um todo e em específico a Shigueki Takaki (José), falecido em junho de 1958, a administração pública do município nomeou uma praça, usada como importante ponto de referência em Piracicaba no bairro da Paulista onde há a maior concentração de japoneses: Praça Shigueki Takaki, inaugurada em 17 de abril de 1960 e passando por reforma foi reinaugurada em 27 de maio de 2006. Neste evento vários discursos enfatizaram a importância da imigração japonesa para o município.

Como lembrança de seus pais e tios a **Sra. Maria Takaki Ito**, guarda uma fotografia, comum à época. Quando as pessoas iam até o estúdio de um fotógrafo, para produzir uma foto para oferecer como presente a parentes e amigos. A tradução da escrita quer dizer: Aos senhores Seiichi Ito, como lembrança dos 40 anos que viemos

para o Brasil, tiramos essa foto em Abril de 1958 – Takaki. Ao lado esquerdo o casal Shigueki Takaki (João) e a Sra. Yoshie Onishi Takaki. Ao lado direito o casal Shigueri Takaki (José) e a Sra. Sue Takaki – Acervo de Maria Takaki Ito.



CAPITULO III

A IDENTIDADE CULTURAL E SUA MANUTENÇÃO ATRAVÉS DE DIFERENTES ESTRATÉGIAS.

Argumentar sobre o tema identidade cultural, envolve analisar aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” as culturas étnicas, lingüísticas, religiosas e até mesmo nacionais. Assim sendo, nos é possível compreender que é comum existir uma grande diversidade cultural em um mesmo ambiente natural. Podemos fazer uma analogia, nos referenciando ao tempo e ao espaço percorridos pelos diversos imigrantes que no final do séc. XIX e início do século XX, chegaram ao Brasil e especificamente a Piracicaba.

Nesse sentido, ao nos referenciarmos aos imigrantes, não só os japoneses, mas os de diversos países que vieram para o Brasil, incluindo os africanos que constituíram a massa popular até a abolição da escravatura, a imigração fora dividida em quatro fases: a primeira fase da imigração foi a partir de 1824, quando tivemos a presença maciça de imigrantes italianos; em 1906 inicia-se o segundo período da imigração, crescendo a imigração portuguesa, espanhola, alemã e o início da imigração japonesa em 1908; o terceiro período vai do final da Primeira Guerra até 1945, quando aumenta o número de imigrantes portugueses e das chamadas “outras nacionalidades”: poloneses, russos, romenos, judeus. O quarto período começa em 1945, com a chamada imigração espontânea, através das “cartas de chamadas” enviadas por parentes. A partir de 1960, começam a chegar os coreanos, embora já nessa fase o número de imigrantes declina muito. Em 1980, chegam muitos latino-americanos, como também a partir desta década passa a ter significativa emigração de brasileiros para o Japão, para países da Europa e para os Estados Unidos.

É incontestável que cada um desses imigrantes, dentro do seu contexto, possui uma bagagem cultural. Questionamos como esses imigrantes fizeram para adaptarem seus hábitos e costumes à nova terra. Como resposta, temos diversos depoimentos coletados, através de entrevistas, biografias, históricos familiares e pela transmissão cultural, que passa de geração a geração.

Nesses questionamentos e buscas, ao estudar um grupo de imigrantes e sua identidade cultural, escreve Zeila Demartini que:

Nestes processos de “mergulho” para conhecer os grupos, fomos nos transformando, questionando nossas próprias identidades. Fruto desta vivência em contexto de relações entre tantos grupos, o que seria para nós sermos “brasileiros”? Que marcas carregamos dos vários grupos que foram constituindo a população paulista e paulistana? Nenhum deles viveu aqui isoladamente; as relações sociais foram múltiplas entre etnias, religiões, nacionalidades, etc. (DEMARTINI, 2006, p.139).

Os estudos relativos à cultura e imigração levantam questões relativas à história e a memória. História, referindo-se a experiência coletiva dos homens na elaboração sobre ela. Memória, significando evocação e também registro e armazenamento do que foi lembrado, muitos depois de analisados pela história transformados em artigos, livros e pesquisas.

Sabemos que as relações entre história e memória são múltiplas e complexas. A matéria-prima que ambas usam é a mesma. A memória é fonte de informação para a construção do saber histórico. A história, enquanto saber específico, está voltada para a produção de evidências e, nesse sentido, tem uma função questionadora da memória. A história como procedimento epistemológico fornece conceitos, símbolos e métodos para que o homem se conheça, estabeleça relações entre o presente e o passado.

A constituição da memória, coletiva ou individual, não importa, envolve conhecer o passado por meio de vestígios que ficaram dele e do testemunho de pessoas que nele viveram. Recorre-se à memória do narrador. Lembrar é reconstituir o passado com olhos e valores de hoje. O documento criado pela recuperação da memória é um documento do presente e, ao mesmo tempo, uma reconstrução de fatos passados. Memória é elemento constituído de sentimento de identidade (individual ou coletiva) relacionado ao sentimento de continuidade e de coerência. Neste sentido, segundo Zeila Demartini:

As memórias dos sujeitos para o estudo de processos de deslocamento e de inserção em novos contextos tornaram-se fontes privilegiadas, pois as memórias remetem a pessoas, lugares, tempos, sentimentos, cheiros, sensações, etc. as quais seria difícil tomar conhecimento por

outras vias. Ao falar sobre suas lembranças, os sujeitos parecem se inserir novamente naquele momento/espço relembrando, com todas as marcas que dele carregam. (DEMARTINI, 2006, p. 140).

Ao discutir a temática da memória, Portelli observa que:

Assim sendo, o marco das memórias possíveis é, ao mesmo tempo, infinito, pois não há um limite para o que as pessoas possam pensar ou recordar e, também, finito, pois há um limite que está fundado sobre um acontecimento muito específico. Desta forma, quando falamos dessas memórias individuais, há uma parte disso que se pode tratar com uma ferramenta comparativa e estatística, porque há coisas que são compartilhadas e que se pode relatar, mas há outras coisas que são qualitativas, no sentido em que há o encontro entre um acontecimento, um lugar e uma subjetividade individual, uma história pessoal, individual, um passado e um futuro individuais. (PORTELLI in ALMEIDA e KOURY (org.), 2001-2002 p.32).

As identidades sejam elas nacionais, grupais, familiares, religiosas, étnicas, envolvem lembranças e esquecimentos. Memória e História estão, portanto, envolvidas em diversas batalhas simbólicas pela apropriação de eventos do passado que devem ser lembrados, assim como demarcação daqueles que devem ser esquecidos.

Em suas observações sobre memória e identidade, Pollack nos auxilia nas reflexões sobre as memórias dos imigrantes:

Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.[...]. (POLLACK, 1992, p.204-205).

Quando nos referenciamos ao termo identidade, inter-relacionado ao termo cultura, constatamos a pertinência da noção de identidade e suas riquezas conceituais que facilitam a convergência de perspectivas temáticas diversas, não apenas nas ciências humanas, mas entre outras áreas das ciências. Os problemas colocados pela identidade, como categoria cultural e social nos questionam quanto à maneira de expor e discutir o fenômeno identitário. Isto porque toda a identidade se define por um

conteúdo compreendido em termos de caracteres referenciais, percebidos a partir de perspectivas diferentes e que podem incluir igualmente aspectos de ordem física ou psíquica, material ou imaterial. Assim, a identidade se exprime e se comunica de maneira interna e externa, através de práticas simbólicas e discursivas.

A imigração, nesse contexto cultural e identitário, têm dupla dimensão: tanto de fato coletivo como de itinerário individual. Ao analisarmos o estudo da imigração, do ponto de vista da sociedade receptora, constatamos a imigração como um fato social total, que envolve e permite o cruzamento das diversas ciências. Falar de imigração em sua dimensão diacrônica e também sincrônica abordará as estruturas presentes na sociedade e seu funcionamento.

Não podemos esquecer das condições sociais que produziram a emigração no país de origem e as condições da imigração do país receptor. O contato do imigrante com a sociedade que o recebe, o momento em que ele sai do grupo e conquista ou pretende conquistar um espaço público e, principalmente, em que questiona a representação construída sobre ele, são fatores de suma importância.

Ao considerarmos a difusão cultural, estão envolvidos os que ao se deslocarem compartilham sua cultura, ou quando sua correspondente esfera de comunicação e os símbolos aí incluídos prevalecem sobre os de outras culturas em novos territórios.

A língua, como meio essencial da comunicação humana é obviamente um componente crucial de qualquer cultura. A influência exata da língua sobre a cultura tem sido estimada, mas nunca estabelecida claramente. Seja como for, a língua, por sua vez, é fortemente afetada por outros aspectos de uma cultura. Quaisquer que possam ser estas inter-relações, a linguagem de uma comunidade é uma de suas características distintas. Uma cultura pode, certamente, abranger ou sobrepor diversos grupos lingüísticos diferentes, desde que seja mantido algum tipo de equivalência entre os sistemas simbólicos coexistentes. Da mesma forma, um grupo lingüístico pode ser dividido entre diversas culturas diferentes.

É impossível separar as palavras de uma língua, dos outros mecanismos de comunicação sempre associados a elas. Exclamações, gestos, expressões faciais, etc. também são linguagens. De outro modo, pinturas, emblemas e tudo que é regularmente reconhecido como “significando algo”, também são linguagens. Finalmente, objetos e

comportamentos de todos os tipos entram no processo de comunicação. A cultura atribui significado a tudo, desde sons vocais deliberadamente articulados até seres, objetos e lugares.

A atribuição de significados, inerente a cultura, orienta a ação (quer vista como simbólica ou utilitária) e resulta, desse modo, em expressões concretas como sistemas de crença, instituições sociais e bens materiais. Portanto, o caráter desses elementos da cultura deve ser amplamente inferido da base de características significativas da comunicação e simbolização, de fórmulas verbais a trajes e gestos associadas a elas.

Em relação aos gestos, Câmara Cascudo nos explica:

O Gesto é a comunicação essencial, nítida, positiva. Não há retórica mímica, apenas reiteração da mensagem. Essa limitação recorda o inicial uso entre seres humanos, quando o metal, era pedra e a caverna abrigava a família nas horas da noite misteriosa. “Aprende com os mudos o segredo dos gestos expressivos”, aconselhava Leonardo da Vinci. A Palavra muda. O Gesto não. (CASCUDO, 2003, p.19).

Muitos imigrantes ao chegar não dominavam a língua que se falava no Brasil e durante muito tempo se comunicaram por gestos.

Toda a complexidade que envolve os temas Cultura, Imigração, Diversidade ou Pluralidade Cultural, levou a tantas discussões que a UNESCO (um dos órgãos filiados a ONU – Organização das Nações Unidas voltado para a Cultura) criou uma Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, isto porque a diversidade cultural é um dos principais patrimônios da humanidade. Resulta como produto de milhares de anos de história, na qual localizamos o maior dos deslocamentos humanos, no final do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX, fase em que ocorreram as imigrações para o Brasil. A mobilidade humana no século XXI também é intensa em todo o mundo.

Há uma contribuição coletiva de todos os povos, através de suas línguas, imaginários, tecnologias, práticas e criações. Para essa diversidade cultural a cultura adapta formas distintas que sempre respondem a modelos dinâmicos de relação entre sociedades e territórios. A diversidade cultural contribui para uma “existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória”. E constitui um dos elementos essenciais de transformação da realidade urbana e social.

Os direitos culturais fazem parte indissociável dos direitos humanos e tomam como referência básica a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), o Pacto Internacional Relativo aos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966) e a Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural (2001). Nesse sentido, ratifica-se que a liberdade cultural dos indivíduos e das comunidades é condição essencial da democracia. Nenhuma pessoa pode invocar a diversidade cultural, para atentar contra os direitos humanos garantidos pelo direito internacional, nem para limitar o seu alcance.

É relevante salientarmos que, a construção e a utilização dos conhecimentos geográficos, não são elaborados apenas por geógrafos ou professores de geografia. Mas, também, de forma diferenciada, por todos os grupos socioculturais que desenvolvem e utilizam habilidades para localizar, desenhar, representar explicar a paisagem, deslocar-se nela, em função de suas necessidades e interesses.

Nesse contexto encontraremos como um dos eixos temáticos dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais; a pluralidade cultural que se consubstancia com os outros temas; ética, saúde, meio-ambiente, orientação sexual, trabalho e consumo. Para caracterizar a importância de conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, é importante nos posicionarmos contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Ao nos reportarmos a imigração como um dos eixos da diversidade cultural, independente da etnia, encontramos uma riqueza cultural do mundo que se reafirma quando se valoriza a diversidade em diálogo. Para tanto, em nossos estudos encontramos no Museu da Imigração Japonesa em São Paulo, uma carta de agradecimento ao povo Brasileiro, pela receptividade aos imigrantes japoneses em Piracicaba. Essa carta foi escrita por Helena Misuhiro, por ocasião dos 50 anos da imigração japonesa, para Piracicaba em setembro de 1968.

“Há 50 anos atrás várias famílias japonesas pisavam pela primeira vez em Piracicaba. No principio os obstáculos foram muito difíceis. Muitas lágrimas brotaram aos olhos

embaralhando-se a imagem da terra rude e hostil com os verdes e férteis campos do país do Sol Nascente. Lágrimas de saudades e amargura banhavam-lhe o rosto que ia se amorenando pelo causticante sol brasileiro.

Entretanto os obstáculos não se limitavam aí. Havia as moléstias, as intempéries, a impossibilidade de comunicar-se pela linguagem oral e muitas outras barreiras que eles enfrentaram e dignamente venceram. Portanto é com muita emoção orgulho e saudade que eles vêem passar os 50 anos de sua vinda ao Brasil, à Piracicaba. Terra que eles adotaram para viver, trabalhar e engrandecê-la, com seu suor, perseverança e abnegação. Então aproveitemos esta ocasião tão solene da passagem dos 50 anos da Imigração Japonesa em Piracicaba, para reverenciar aqueles que por esta vida já passaram e para louvar e saudar, estes que aqui estão e que tanto tem contribuído, para o progresso de Piracicaba, São Paulo e Brasil”.

A característica central do mundo que se apresenta neste principio de século é a da globalização das atividades econômicas, como resultado da ação cada vez maior das organizações transnacionais, operando em mercados nacionais e regionais, cada vez mais abertos e integrados. Segundo o presidente do Programa Sociedade da Informação do Brasil, Tadao Takahashi:

O multiculturalismo constitui o pilar ideológico da dimensão cultural da globalização. A globalização se propõe a possibilitar a circulação ampla de todo tipo de bens e serviços entre povos vastamente diferentes entre si quanto à história, língua, costumes, etc. De alguma forma, a premissa subjacente é de que cada povo continuará falando na sua língua, mantendo seus costumes, etc., mesmo enquanto se envolve em trocas e relações com povos muito diferentes. (TAKAHASHI, 2004).

Embora vivenciemos o fenômeno da globalização ou mundialização como nos coloca alguns autores, a tradição secular ou milenar de um povo manifesta-se de forma explicita ou velada em diversos momentos do seu cotidiano. Como ilustração de uma espécie de inconsciente coletivo, essas práticas e ritos, às vezes, são comuns a culturas muito diferentes como, por exemplo, a brasileira e a japonesa. Assim

encontraremos algumas semelhanças rituais entre Brasil e Japão. Segundo Américo Pellegrini, professor da ECA – USP:

A entrada de um santuário, chamado de toaré, é formada por um portal vermelho de quatro peças [...] Na área externa do santuário, encontra-se uma fonte coberta (mitarashi), onde o crente se purifica simbolicamente, podendo passar a água em partes do corpo que necessitam de proteção. Isso lembra a água benta na tradição católica. (PELLEGRINI, 2002 p.12).

No Japão também encontramos o sincretismo, assim como no Brasil. Por exemplo, muitos japoneses têm seu bodaiji, oratório familiar, costume semelhante existente no Brasil e em outros países católicos. Também fazem peregrinações a locais sagrados Oterá – Maguiri – equivalentes aos centros de romarias católicas.

Ressaltamos que embora possa parecer que tudo é semelhante ou tem correspondência nas duas culturas, apenas pinçamos algumas aproximações existentes em sociedades com diferentes manifestações culturais.

Nesse contexto, podemos considerar que a diversidade cultural é uma fonte de dinamismo social e econômico que pode enriquecer a vida humana, suscitando a criatividade e fomentando a inovação.

3.1 – Histórico para manutenção da cultura do Clube Cultural e Recreativo Nipo – Brasileiro de Piracicaba.

Atualmente, em Piracicaba há cerca de 450 famílias japonesas (Segundo dados da direção do Clube Cultural e Recreativo Nipo Brasileiro de Piracicaba). Cerca de duzentas destas famílias, estão cadastradas no Clube Cultural e Recreativo Nipo Brasileiro de Piracicaba, o que o torna uma entidade representativa da colônia no município. A associação de japoneses em Piracicaba começou em 1920, entre os imigrantes que moravam na fazenda Pau D'Alho. A criação, ainda que precária da "Pau D'Alho Nihonjin Kai", denota a preocupação comum entre os japoneses de se organizar em associações, em qualquer lugar que viessem a se estabelecer.

Essa modesta associação evoluiu e resistiu às inúmeras pressões do período da Segunda Guerra, quando eram proibidas reuniões até mesmo em caráter privado entre súditos de países do Eixo. A associação mudou de nome, diversas vezes e em 1975 se tornou o atual Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba.

Conforme os depoentes, a formação da Pau D'Alho Nikonjin Kai, atendia a preocupação primeira de estruturar um escolinha para os filhos dos imigrantes. Nos primeiros anos, os homens se reuniam nessa associação para contar histórias sobre o folclore do Japão, entre outros aspectos característicos. Esses encontros, no entanto, aconteciam apenas duas vezes por ano, como uma reunião festiva, em que havia comidas e bebidas. As mulheres e o restante da família participavam do Undo Kai (espécie de gincana poliesportiva), com a participação de todos em alegre confraternização, festejo que ocorria no mês de abril, para comemorar o aniversário do Imperador.

Por volta de 1935, a Pau D'Alho Nihonjin Kai se torna a “Associação Cultural de Japoneses de Piracicaba”. Com a Segunda Guerra Mundial, as reuniões foram proibidas, mas persistiram na clandestinidade. Posteriormente, em 1950, a associação se organizou como “Piracicaba Base-Ball Club”. Nesta época, não era desejável o emprego da palavra “japonês” no nome da entidade, em virtude dos reflexos das perseguições da Segunda Guerra.

Conforme a Ata da reunião de fundação, o Piracicaba Base-Ball Club que foi criado em 20 de abril de 1950, com sede provisória na Praça José Bonifácio, nº 895 e tendo como primeira diretoria provisória, do departamento de jovens, eleita por aclamação, o presidente Takeshi Tsuboi, o secretário Minoru Ito e o tesoureiro Iwao Inada, “todos brasileiros natos”. O mesmo documento registra também a eleição da diretoria definitiva para o primeiro ano de gestão.

Os objetivos da sociedade, conforme o Estatuto eram:

- 1º unir e tornar coesa a colônia japonesa de Piracicaba;
- 2º incentivar e elevar o nível moral, social, cultural e físico;
- 3º proporcionar aos seus associados na sede social ou fora dela, atividades esportivas, recreativas, sociais e culturais.

Por volta de 1950, o Clube tinha grupos que constituíam diretorias formadas pelos mais idosos (Nihojinkai – principal), outra de senhoras (Fujinkai) e ainda uma de jovens (moços e moças –Seinenkai), com a participação de isseis e nisseis de Piracicaba e universitários de outras regiões. Na década de 50, a associação desenvolve o beisebol e aumenta também a integração com nikkeis vindos de outras colônias.

Em 1950, sob a presidência de Mussashi Nishide, a associação japonesa comprou e construiu com recursos dos participantes a sede própria na Avenida do Café, nº 611, no bairro da Paulista, onde se mantém até hoje.

A partir de 1960, destaca-se a Campanha de Boa Vizinhança Japonesa, através da qual os clubes nipônicos de Piracicaba, Rio Claro, Limeira e São Carlos, em cada final de semana se revezavam, realizando um baile numa das cidades e uma colônia sempre convidava a outra. Entre os membros, havia uma condição de igualdade, independente da profissão e condição financeira.

Em 1975, o beisebol já não tinha destaque tão expressivo na associação, isto porque outras atividades também eram desenvolvidas, e a diretoria preferiu “atualizar” o nome da entidade tornando-a Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba. Aos poucos, a associação foi se desenvolvendo de forma mais abrangente, incorporando novos membros inclusive de outras colônias. Além de preservar a base dos costumes e tradições, havia a preocupação em ampliar e motivar a participação de pessoas com nível universitário no grupo. Neste período entram na diretoria também nisseis.

Estas mudanças visavam a uma maior abertura e integração com a comunidade piracicabana em geral. Segundo o atual presidente Naoki Kawai (Pedro), neste período houve a participação nas atividades do Clube Nipo do bispo Dom Aniger Francisco de Maria Milello.

Segundo **Naoki Kawai (Pedro)** *“O objetivo cultivado desde o final da década de 70 está bem vivo até hoje. A intenção é abrir cada vez mais as portas do Clube para a sociedade de Piracicaba e da região sem, no entanto, perder o vínculo com os elementos da cultura japonesa. Isso pode ser observado, na participação ativa de associados que não têm raízes japonesas, nas aulas do idioma japonês, origami,*

bonsai, times de beisebol, softbol e gatebol (atividades da terceira idade), entre outros. É prova concreta da filosofia de abertura e grata aceitação daqueles que respeitam e admiram a colônia”.

Em 1975, durante uma festa de casamento, alguns nisseis tiveram a idéia de comprar uma chácara para montar um clube que fosse voltado somente para a recreação. Uniram-se, então em 35 interessados que adquiriram o terreno e criaram o clube Sol Nascente, no bairro Jupuíá. Atualmente este local é a sede campestre do Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba, onde se encontra o Conjunto Esportivo de Beisebol e Softball Yoichiro Umeda, onde são ministradas aulas e jogos, como também diversas atividades do clube. Ali acontece o Undokai evento, que ocorre todo primeiro domingo de Agosto, e outras diversas atividades.

A expansão cultural japonesa em Piracicaba se intensificou a partir da década de 1980 com a chegada de diversos nikkeis provenientes de outros municípios, onde as colônias japonesas são maiores e as tradições e costumes foram mantidos com maior rigor. Segundo o Presidente do Clube, **Naoki Kawai**: *“Essa expansão se deve ao trabalho comunitário do participantes do Clube onde através da união, confraternização, desenvolvimento e fortalecimento de laços de amizade, melhoraram e valorizaram as atividades em torno da preservação cultural. Apesar de toda a miscigenação dos descendentes de japoneses, o trabalho do Clube para manter viva e expandir a milenar cultura japonesa tem sido muito bem aceito. A abertura do Clube para os descendentes de outras regiões, mais habituadas a desenvolver grandes atividades da cultura japonesa, deu uma força a mais para os trabalhos desenvolvidos no Clube”.*

Além de reunir os nikkeis, o Clube Nipo-Brasileiro busca intensamente desenvolver atividades típicas da cultura japonesa e transmiti-las às novas gerações e para a sociedade em geral. Esta grande responsabilidade cultural compete ao departamento Cultural e a todos os outros departamentos interligados a este (esportivo, artístico, e social).

O departamento Cultural, através de seu diretor, Osvaldo Matsuo, tem uma visão otimista sobre o crescimento de elementos da cultura japonesa em Piracicaba, em especial sobre a disseminação das artes e intercâmbios educacionais, científicos,

técnicos, culturais e de especialização no Japão, e incentiva todos a participarem intensamente. Ele argumenta: *“Além de transmitir a cultura nata dos nossos pais, estamos oferecendo também novas oportunidades e novos conhecimentos que podem contribuir para a melhora da sociedade. A população ganha a chance de usufruir dessas atividades e muitos artistas, estudantes, profissionais e esportistas se integram a novos espaços”*.

Em Piracicaba, os descendentes dos primeiros imigrantes estão na quarta geração e a estimativa de vários membros da colônia piracicabana é que a miscigenação venha abranger a maioria.

O professor titular de Horticultura da Esalq – USP, Keigo Minani que veio de Pompéia – SP, diz que: *“É incontestável a assimilação da cultura japonesa. Existem diversas comprovações para essa afirmação, por exemplo, o sucesso dos restaurantes de comida japonesa, o grande interesse por cursos que ensinam artes típicas e mesmo por costumes tradicionais como a Cerimônia do Chá. Além desses hábitos expressos de forma prática, o modo de ‘enxergar a vida’, interpretar e agir em relação aos acontecimentos diários orientais, como um todo, também estão sendo difundidos no ocidente. Os brasileiros sabem respeitar, valorizar e se integrar a outras culturas”*.

Por determinação da reitoria da Universidade de São Paulo, no ano de 1998, a ESALQ – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – bem como todas as unidades da USP realizaram atividades comemorativas pelos 90 anos da imigração japonesa para o Brasil e 80 anos em Piracicaba. Neste ano, a Esalq promoveu em seus gramados, um Undo Kai, que mesmo sem muita divulgação atraiu muitos brasileiros, causando espanto aos organizadores. Dentro da programação houve o término da construção de um jardim japonês no parque da Esalq.

Segundo Leila Kiyomura Moreno (1998): *“Não há uma estatística, mas, a USP é uma amostra significativa da integração social, cultural e política dos japoneses, nisseis e sanseis no País”*.

3.2 – MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO E INTEGRAÇÃO SOCIAL E CULTURAL ATRAVÉS DAS ARTES, LINGUA, MÚSICA E ESPORTES.

O aprendizado da língua japonesa bem como do Karaokê, Origami, Ikebana, Bonsai, Bon Odori, Shodo, Culinária, Esportes; (Beisebol, Softbol, Gatebol) e a participação da terceira idade, são formas de ampliar o relacionamento com a sociedade como um todo e também da integração cultural. Além do aspecto estético das artes e do exercício físico, essas atividades transmitem um pouco da filosofia japonesa, onde a vitória em uma partida esportiva, por exemplo, nem sempre é o grande objetivo do esforço despendido durante a movimentação.

O Idioma Japonês – Nihongo Gakko

No Japão, o processo de aprendizagem dos ideogramas japoneses, os Kanjis, acompanha o desenvolvimento da criança ao longo do período escolar. Em 1946, o governo japonês publicou uma lista (Tôyô Kanji) que simplificou boa parte dos ideogramas chineses utilizados no Japão e formalizou os 1840 ideogramas que poderiam aparecer em publicações diversas e que seriam ensinados nas escolas. Em 1981, foi publicada uma nova lista com 2111 ideogramas, utilizados para escrita cotidiana e para nomes próprios. No Japão, os primeiros nove anos na escola são gratuitos e obrigatórios – as crianças começam aprendendo hiragana³ e katakana⁴ e os ideogramas com o passar dos anos.

A maioria dos estudantes, assim que completam a escolaridade obrigatória, continua os estudos para aprender mais ideogramas e, quando ingressam na faculdade, tem contato com os ideogramas utilizados em textos técnicos.

Em Piracicaba, segundo manuscrito produzido em comemoração pelos 50 anos de imigração, consta que no início da década de 1950, já eram lecionadas as primeiras aulas do idioma na sede do Kaikan, ou seja, do atual Clube e o primeiro professor a ensinar a língua japonesa foi Kohki Komatsu, imigrado de Miyagi em 1933.

³ - É um silabário, ou seja, cada letra representa uma sílaba.

⁴ - Alfabeto usado para grafar palavras e nomes estrangeiros.

Entre os japoneses e descendentes o aprendizado da língua tem um significado muito maior que o simples conhecimento de um idioma a mais. Durante as aulas é transmitido muito do “pensamento japonês”. Além deste vínculo cultural, saber a língua japonesa é um elemento valioso na vida profissional, visto a importância contemporânea do Japão no contexto econômico e tecnológico mundial.

Com o apoio de entidades como a JICA (Japan International Cooperation Agency), a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, o Centro de Estudos da Língua Japonesa, Aliança Cultural Brasil-Japão e Fundação Japão, o Clube Nipo-Piracicabano desde 1979, vem estruturando o curso do idioma e tem comprovado um crescimento do número de interessados, tanto entre filhos de nikkeis quanto em adultos e crianças de outras descendências.

Um dos exemplos dessa interação é a vinda de pedagogas japonesas, voluntárias, apoiadas pelo governo japonês (através de programa oficial do governo japonês coordenado pela JICA), que ficam em Piracicaba durante dois anos. A cada dezoito meses, chega uma pedagoga nova, que fica durante seis meses, ministrando aulas, junto com a outra pedagoga já adaptada. Esse período serve como adaptação, e a pedagoga que chega continua sozinha nos próximos dezoito meses e assim sucessivamente.

Essas pedagogas dividem o seu tempo entre o ensino da língua japonesa no Clube Nipo e seus estudos sobre cultura brasileira. Atualmente, a pedagoga voluntária é **Kazuko Kubo**, proveniente de Tóquio que chegou em Piracicaba em 13/05/2006. Sua formação é Pedagogia e Letras, com especialização em espanhol, mas aprendeu o português e ministra as aulas no Clube.

Seja pela habilidade mental que a língua exige, seja pelas lições da cultura japonesa ou pelo interesse profissional, o curso atrai alunos de diversas faixas etárias, desde a inferior aos 10 anos de idade até aquela com mais de 65 anos de idade.

Através de ligações entre a escola de japonês do Clube e as entidades representativas do Japão no Brasil, podem ser oferecidos, além do aperfeiçoamento do nível de ensino, também participações em concursos em nível regional e nacional e intercâmbios Brasil-Japão, abertos a toda sociedade. Por meio desses vínculos, é possível ir ao Japão a turismo, estudar em nível de graduação, pós-graduação,

estágios, especialização e aperfeiçoamento técnico em algumas áreas. Nacionalmente o programa é coordenado pelo Bunkyo de São Paulo (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa).

A Esalq-USP também viabiliza intercâmbio com várias universidades japonesas e a Unimep – Universidade Metodista de Piracicaba, desde 1995, também iniciou intercâmbio com a Wesley University of Nagasaki, Japão.

Música – KARAOKÊ

Cantar uma música acompanhando a trilha musical (play-back), o Karaokê, é um dos traços culturais mais difundidos da cultura japonesa entre os brasileiros. Ainda que com algumas distorções, **karaokê** significa “vazio de orquestra ou sem orquestra”, onde o cantor amador preenche com a voz os acordes que conduzem a canção.

O curso de Karaokê do Clube Nipo, com seus alunos e através do Diretor do Departamento de Karaokê de Piracicaba, **Pedro Mizutami** é bastante representativo, isto porque seus alunos participam de concursos e conseguem boas colocações. Sendo um dos destaques o próprio diretor e cantor Pedro Mizutami, que representou o Brasil no X Concurso Pan Americano, realizado no México, em Julho de 1997.

No último dia 03 de Junho de 2007, o Clube, promoveu o 10º Karaokê Taikai de Piracicaba, no Auditório do Centro Canagro e segundo palavras de Mizutami: *“Neste dia também comemoramos o Dia Mundial da Paz, e estamos a pouco mais de um ano do centenário da imigração japonesa no Brasil. O Karaokê, mais que uma competição, é um evento de integração que fortalece a amizade entre as pessoas e entidades, mantendo assim um intercâmbio cultural através de um mesmo objetivo que é a música, pois é ela que traduz com perfeição o sentimento de paz, amor, alegria e, sobretudo a cultura de um povo. [...] sempre lembrando que o karaokê cria, fortalece e consolida a amizade entre as pessoas”*.

Neste evento, participaram trinta entidades, de diversos municípios, considerando as diversas categorias, totalizando 312 participantes.

ORIGAMI – Arte tradicional de dobrar papel

A habilidade de dobrar papel e transformá-lo em obras de arte é desenvolvida no Japão há séculos. Também é uma forma de desenvolvimento da coordenação motora, raciocínio, criatividade, memorização e psicomotricidade. Em Piracicaba, demonstrando a integração cultural, a professora Dorinha Vitti descendente de italianos é uma das principais estudosas e professoras dessa arte. Que além do resultado estético proporciona uma grande coordenação motora e perspectiva de ações.

Para aprofundar os conhecimentos dessa arte, muitos apreciadores se integram ao Grupo de Estudo e Pesquisa do Origami, conhecido por Gepo, criado em 1994 e ligado ao Departamento Cultural do Clube Nipo de Piracicaba.

IKEBANA – (Flores Vivas) Arte japonesa de arranjos de flores

A arte de compor arranjos com grande significado e beleza, com flores naturais, também conhecida como Kado, é baseada em alguns princípios que a diferenciam de outros arranjos florais, e é uma forma rica de transmissão da cultura japonesa. O crescimento como pessoa é fundamental para o desenvolvimento do trabalho e por este motivo o aprendizado sólido da arte de fazer ikebana requer quatro anos de curso básico. Segundo a professora Margareth Kobashigawa (nascida em Getulina-SP e moradora de Piracicaba desde 1971), que ministra o curso baseado nos princípios da Academia Sangetsu de Vivificação pela Flor, da Fundação Mokiti Okada: *“É um treino de paciência que exige ao mesmo tempo o grande crescimento do ser humano. Por isto o curso demora tanto. Essa arte, expressa de modo profundo, os sentimentos de quem a compõe, as aulas são também terapias. À medida que o aluno vai crescendo espiritualmente, o trabalho vai melhorando. Há casos em que pessoas se curaram de depressões através do aprendizado do Ikebana. A sociedade Piracicabana prestigia amplamente este trabalho, tanto em apreciação, quanto no interesse por aprender a fazer ikebana”*.

BONSAI – Cultivo em vasos rasos

A poda regular dos ponteiros e raízes da planta é uma forma bem sucedida de trazer a natureza para dentro de casa com arte. Obedecendo a normas estilísticas centenárias de conformação e proporcionalidade que recuperam as árvores em seu ambiente natural esse trabalho requer atenção cotidiana e paciência de anos para atingir o melhor resultado do bonsai.

Em Piracicaba, no Clube não há cursos regulares, mas, pelo menos duas a três vezes por ano João Chadad Junior, que não é descendente de japonês, morador de Piracicaba ministra cursos práticos com curta duração sobre o cultivo de bonsai.

BON ODORI – Dança japonesa

Essa dança é desenvolvida através do som do Taiko (tambor japonês), e há um grupo de senhoras que a praticam no Clube, como também ensinam essa arte. Em algumas festividades, há apresentações no município e região desta dança.

SHODO – Caligrafia Japonesa

É uma escrita através de caligrafia japonesa, geralmente feita com sumi (tinta preta) e pincel. Esta arte também é ministrada no Clube e atualmente é uma professora, vinda do Japão, que a ensina aos alunos e pessoas interessadas.

CULINÁRIA Atualmente a culinária japonesa é muito difundida em todos os médios e grandes centros brasileiros. Em Piracicaba é comum nos supermercados encontrarmos diversos produtos, para o preparo de pratos da culinária japonesa, assim como existem bancas no Mercado Municipal, cujos proprietários são descendentes de japoneses que também comercializam produtos para o preparo de quitutes de origem japonesa. No centro da cidade, uma loja especializada, também comercializa produtos diversos.

No ramo da alimentação, os shoyus, tofus, kits empacotados para fazer yakissoba, o arroz japonês, estão presentes nas prateleiras de supermercado. Observamos a difusão de restaurantes japoneses, e hoje até nas tradicionais churrascarias encontramos pratos da culinária japonesa, como sushis e sashimis. A partir da década de 1970, essa difusão foi se fortalecendo, não dando mostra de modismo passageiro.

O envolvimento dos ocidentais com esses alimentos não se fez somente pela beleza visual dos pratos e pela suavidade do sabor, mas, os benefícios à saúde é uma das propriedades perseguida pelos adeptos.

O Clube Nipo-Piracicabano promove entre suas ações, a realização de almoços e jantares beneficentes típicos japoneses para arrecadar fundos para manter as atividades na maioria dos departamentos.

Os japoneses também se adaptaram aos costumes e hábitos da alimentação, provenientes da diversidade existente no Brasil. Por isso, não nos é estranho encontrarmos nas mesas das famílias descendentes de japoneses, arroz branco com feijão, o misso shiru (sopa a base de soja), as conservas, quibes, macarronada etc.

ESPORTES:

BEISEBOL – Em Piracicaba, o início para esse esporte de origem americana, mas amplamente difundido no Japão, aconteceu nos anos de 1988 e 1989, logo após a chegada de Yoichiro Umeda no município, que foi o responsável pelo desenvolvimento do beisebol no Clube Nipo-Piracicabano. Filho de japoneses vindos da província de Hokkaido, Umeda nasceu em Tupã – SP e incentivou os primeiros times de adultos e veteranos de Piracicaba.

Ele já havia morado em Piracicaba, no final da década de 1950, chegando a ser presidente da Associação dos Jovens do Clube Nipo em 1960, função social que desempenhou com grande mérito. Seu retorno e fixação definitiva em Piracicaba aconteceu simultaneamente ao desenvolvimento do beisebol em 88/89.

Seu objetivo era formar equipes no Clube, para os quais os pais e seus filhos fossem atraídos. Seu plano cuidadoso deu certo e, em 1990, já estava formado o time infantil e a seguir as equipes pré-infantil, pré-júnior, júnior e juvenil, que foram ganhando

força com o apoio e treinamento dos veteranos os quais abriam espaço para os mais jovens crescerem. Em pouco tempo, Umeda incentivava também as meninas, mães e os idosos para o softbol.

No ano de 1998, a equipe de beisebol do Clube Nipo enviou pela primeira vez um piracicabano para a seleção brasileira. Leonardo Aismoto, então com 12 anos, na categoria infantil, fez parte de um grupo de 13 jogadores de todo o País escolhido entre 60 selecionados. Essa equipe alcançou a 3ª colocação.

Os times piracicabanos fazem parte da região Centro-Oeste e são filiados à Federação Paulista de Beisebol e Softbol.

Falecido em Junho de 1998, Yoichiro Umeda, o grande incentivador do beisebol se manteve até o fim da vida como diretor do departamento, bem como foi também o presidente da Liga Centro-Oeste de Beisebol e Softbol em 97/98.

SOFTBOL

Em Piracicaba, também através do então diretor do beisebol Yoichiro Umeda, o softbol começou em 1990, com a categoria adulta e depois, a exemplo do beisebol, se estendeu às categorias mais jovens. Apesar de não ser originalmente um esporte japonês, esse jogo é bem difundido no Japão.

O atual diretor de softbol do Clube, Norio Ikari, médico nascido em Mogi das Cruzes e que chegou em Piracicaba em 1979, explica que: *“as regras são semelhantes as do beisebol, mas com algumas restrições para diminuir os riscos do beisebol. Algumas dessas alterações são as bolas maiores, tacos com tamanho limitado, campos menores e bases também mais próximas que as dos campos de beisebol. Tudo isto contribui ainda para que o jogo não seja tão cansativo e possa ser praticado especialmente por mulheres e veteranos”*.

Em 1997, o time piracicabano conquistou o 3º lugar no Campeonato Brasileiro da categoria adulta e por várias vezes o time júnior ficou entre os quatro melhores do Brasil, conseguindo um título estadual.

O softbol piracicabano também já revelou uma atleta para a seleção brasileira, Lia Yumi Ikari.

GATEBOL

Rojinkai é um grupo que reúne pessoas com mais de 60 anos. Aproximadamente 30 pessoas participam ativamente do time de gatebol, organizado desde 1985. Por ser um esporte que exige esforço moderado, tem adeptos de 45 até mais de 80 anos, divididos em duas categorias: os acima e os abaixo de 65 anos. Os times locais participam de campeonatos regionais com outros municípios enquadrados também na divisão Centro-Oeste do Estado.

PARTICIPAÇÃO DA TERCEIRA IDADE

Na cultura japonesa, a experiência de vida é extremamente valorizada e, em Piracicaba, o trabalho do grupo da Terceira Idade, criado em outubro de 1991, demonstra esse respeito através de atividades constantes que ativam o corpo e mente. Atualmente são mais de 110 inscritos no grupo nipo-brasileiro. A coordenadora desse grupo é a depoente **Tereza Takagi Sato**, que comenta: *“Um dos objetivos das atividades é oferecer aos idosos exercícios e lazer que os filhos, muitas vezes, não suprem por falta de tempo. Todo segundo domingo do mês nos reunimos no Clube, e como amostra do respeito e afetividade que os mais jovens da colônia têm em relação aos membros da terceira idade, existem os Rojinkai, tradicionais apresentações de danças e músicas que as crianças que freqüentam a escola de língua japonesa realizam em homenagem aos mais velhos. Além desta atividade, o grupo da terceira idade, vinculado à Associação dos Grupos de Terceira Idade de Piracicaba (AGETIP), participa de inúmeros passeios e atividades em prol da comunidade em geral. A participação do nosso grupo é cada vez maior nos eventos da cidade”.*

Pela cultura e pelo esporte (que envolvem a manutenção da tradição, mas também a busca de inovações) a comunidade de origem nipônica de Piracicaba desenvolveu estratégias eficazes de reafirmação identitária, de manutenção de vínculos fortes entre seus membros de todas as idades e de afirmação social e cultural do grupo na sociedade local.

CAPITULO IV

RELAÇÕES DA IMIGRAÇÃO JAPONESA COM A ECONOMIA PIRACICABANA

Ao nos determos sobre as relações dos descendentes de imigrantes japoneses e a economia piracicabana, não podemos deixar de citar como ocorreu esse processo no contexto do município englobado, no contexto nacional.

A década de 1950 caracterizou-se no Brasil por um processo altamente desenvolvimentista. O então presidente Juscelino Kubitschek, estimulava dois setores importantes da economia brasileira: o da energia e o de transportes.

Os anos 50 apresentavam várias mudanças tecnológicas, com mercados e consumo que iriam refletir o crescimento da produção de vários bens. É o tempo da modernização, da urbanização levando os migrantes a abandonarem o campo e se dirigirem as grandes e médias cidades.

Os jornais da época passam a mostrar novas faces acompanhando a ideologia modernista. Como explica a pesquisadora e historiadora Marli Percin:

Esta nova face do jornalismo, em moldes tipicamente empresarias e acompanhando a modernização da sociedade brasileira, permite-nos antever a importância que esse meio de comunicação vai desempenhar nesse período histórico. Isto significa perceber a intencionalidade da divulgação de certas imagens como espelho dos 'padrões propostos e aceitos socialmente pela classe que controlava os meios técnicos de produção cultural. Portanto, ao contrário de serem anônimas, essas imagens da cidade e de seus habitantes reiteram a dominação de classe, homogeneizando as representações sociais a partir de um certo olhar'. De modo mais geral, é possível afirmar que a década de 50 exerce uma forte influência sobre o imaginário social brasileiro, como modelo vitorioso de modernidade, levando-se em consideração a influência dos meios de comunicação e, no caso, as divulgações feitas pela imprensa. (PERCIN, 2000 p.88).

Outro estudioso do município tece as seguintes considerações sobre a transformação urbana ocorrida no país e, em especial em Piracicaba, Elias Neto nos explica:

Aconteceu em todo o Brasil. E também em Piracicaba os anos 50 foram a década da urbanização, das cidades que se modernizaram. Quanto se iniciou a década. Piracicaba era o 7º município mais populoso do Estado, 77% de sua população acima de 10 anos sabiam ler e escrever. E quer crescer. Em 1954, a cidade ocupava o

34º lugar entre os municípios brasileiros em termos de renda e o 15º do Estado. (NETO, 2000, p. 252).

Mediante a essas considerações podemos fazer algumas colocações a respeito da situação dos japoneses, no município de Piracicaba, no período do pós-guerra.

Sabe-se que o nosso país destacou-se quanto ao fato de ter sido a única nação a abrir as portas ao Japão nos períodos que antecederam e que sucederam a Segunda Guerra Mundial. Este fato permitirá que no Brasil venha a se formar a maior comunidade japonesa no Mundo, a exceção do próprio Japão.

Em um caderno especial do Jornal de Piracicaba, em comemoração aos 236 anos da fundação do município (no ano de 2004), encontramos:

Os imigrantes japoneses radicados no Estado de São Paulo constituíram o primeiro núcleo como proprietário de terra na região de Araraquara, em 1918, como plantadores de café. Outros núcleos foram se expandindo com o tempo, dedicando-se especialmente à cultura do arroz e da banana. O Estado concentrou a maior parte dos imigrantes chegados ao Brasil: até 1958 eles eram 211.859, espalhados pelas várias regiões paulistas, enquanto o restante do Brasil acolhera apenas outros 3.911.
(JORNAL DE PIRACICABA, 2003, p.38).

Após o final da Segunda Guerra Mundial, o Brasil e o Japão irão restabelecer suas relações diplomáticas, o que conduziu a ocorrência de novos ciclos de imigração japonesa ao Brasil.

Segundo as explicações de Ana Paula da Silva:

[...] Em 1953, chegaram os primeiros desse período migratório e em 1988 já eram totalizados cerca de 53 mil vindos após a Guerra, sendo que a maioria chegou até 1973. Nesse grupo pós-guerra, havia vários comerciantes e pessoas com bom nível de estudo que decepcionadas com a derrota do Japão na Segunda Guerra e principalmente com o crescimento da cultura norte-americana sobre a milenar sociedade japonesa.
(SILVA, 1998 p.27).

A partir da década de 1970 a 1990, Piracicaba passa por transformações gerais nos campos das atividades econômicas, aspectos físicos, demográficos, culturais e políticos do município, tendo como referência a conjuntura nacional. Este período é conhecido pela industrialização desconcentrada no Brasil.

Considerando as peculiaridades da formação econômica do Brasil a partir dos diversos ciclos primário-exportadores regionalmente localizados e integrados por vínculos mercantis frágeis, tivemos como resultado um desenvolvimento regional visivelmente desigual. A integração do mercado nacional, embora tenha avançado a partir dos anos 30, esbarrou nas dificuldades decorrentes de um país de dimensões continentais: a difícil e custosa implantação de estruturas de transporte inter-regional; fator que tornaria mais complexas tanto a integração do mercado nacional, como a própria desconcentração industrial. Assim, valendo-se das condições proporcionadas pela cultura cafeeira, a industrialização acabou ficando concentrada no eixo Rio - São Paulo, aprofundando a tendência à concentração regional da renda. Este problema, que já se evidenciava no final da década de 50, a partir dos dados relativos à distribuição regional da renda, apurados pelo Grupo do Trabalho para o Desenvolvimento da região Nordeste, que tomou conta do debate nacional.

Desta forma, além das disparidades regionais de desenvolvimento e distribuição de renda, já alarmantes nos anos 50, um outro fenômeno vem agravar ainda mais a situação dos centros industriais: a metropolização.

Tais problemas começam a manifestar-se no final da década de 60 e início da década de 70. Através do II Plano Nacional de Desenvolvimento, o governo federal busca equacioná-los com as políticas de desconcentração e descentralização da indústria, que infelizmente pelo processo histórico-econômico e social do período, sabemos não passaram de medidas paliativas.

De fato, o projeto de desconcentração industrial, a possibilidade de modernizar os municípios, trazendo novas indústrias e acalentando a perspectiva de geração de empregos, acabou sensibilizando os poderes públicos locais. No caso de Piracicaba, em resposta ao projeto federal os prefeitos não mediram esforços no sentido de criar formas de incentivos e infra-estrutura. Criou-se o distrito industrial, com todas as facilidades para a instalação das indústrias interessadas. Além de localização privilegiada, ao lado das principais estradas e fontes de energia, as indústrias, através do governo local, encontraram facilidades para aquisição de terrenos, isenção de impostos, entre outros subsídios.

Entretanto, é bom frisar o modo espontâneo como isto aconteceu, sem qualquer diagnóstico prévio, com respeito à formação econômica local ou mesmo de projeção de impactos socioeconômicos e ambientais. O projeto de desconcentração industrial apenas reproduziu no interior do Estado, os problemas enfrentados pelas

grandes capitais, ou seja, descentralizam-se os problemas sociais e urbanos, transportando-os para os municípios do interior, sem amenizá-los nas metrópoles.

Nos anos 70, em Piracicaba há uma modificação do cenário econômico. Há uma expansão da industrialização, com a implantação de um extenso parque industrial. Diversas indústrias se instalaram no município entre elas metalúrgicas, de papel, de papelão e indústrias mecânicas.

Uma das indústrias que se instalou neste período, foi a Caterpillar, que se caracteriza como grande produtora de máquinas rodoviárias e implementos agrícolas. Esta indústria é uma multinacional de origem norte-americana, de capital estrangeiro que através de modernas tecnologias industriais, desenvolveu um novo segmento da economia piracicabana.

Piracicaba é identificada pelo perfil canavieiro que vem se construindo desde a fundação do município e se confirmando ao longo de sua formação econômica e que, evidentemente, define seus traços socioculturais, em que pese o predomínio da cafeicultura no Estado de São Paulo no período e o fato de a lavoura cafeeira ter também marcado presença no município.

Na verdade, a lavoura canavieira, os engenhos e usinas de açúcar, álcool e aguardente, as oficinas de implementos agrícolas já dominavam o cenário urbano e rural local, desde o início do século XX. Até os anos 30, entretanto, estavam mesclados aos diversos tons de verde que a policultura dava à paisagem rural.

O conhecimento e a habilidade para atividades agrícolas trazidos pelos imigrantes, permitiram que o município se desenvolvesse, influenciado pelo trabalho agrícola. Os imigrantes introduziram novos métodos agrícolas, possibilitando uma expansão do setor.

Assim, torna-se compreensível que em 1974 tenha havido a implantação do Pró-Álcool, que influenciará diretamente o novo grande impulso dado às usinas e destilarias da região, conhecidas e reconhecidas nacionalmente como um forte segmento econômico do município.

Diferentemente, a região de Piracicaba - marcada pela policultura e diversificação das atividades com predomínio da produção açucareira, se diferencia da maior parte dos municípios paulistas onde predominavam a cafeicultura. Muitos deles tem sua origem na expansão da cultura cafeeira, em sua marcha para o Oeste Paulista, em meio à crise da produção do Vale do Paraíba e ao advento da ferrovia que permitiu o alargamento da fronteira agrícola.

A maior expressão desse processo é o município de Ribeirão Preto, que a ferrovia viabilizou (articulando-a ao Triângulo Mineiro e Sul de Minas como via de acesso à capital paulista), e o café transformou em pólo regional e maior receptor de imigrantes. A estrutura agrária concentrada em grandes propriedades monoculturas é outra característica diferenciadora entre esta região cafeeira e a região de Piracicaba.

Entre as décadas de 1950 e 1970, Piracicaba manteve a tendência monocultora e canavieira e sofreu a intensificação dos problemas sociais. O impulso dado ao setor industrial, fez com que o Grupo Dedini, instalado em Piracicaba, ganhasse o mercado nacional e ao final dos anos 60 passasse a ser o pólo dominante do complexo agroindustrial.

No que se refere à Piracicaba, a criação do Proálcool em 1974, dinamizou a produção açucareira. A monocultura canavieira e o setor metal-mecânico, principalmente a produção de destilarias para a fabricação de álcool, a tornaram um pólo de atração de migrantes.

Os efeitos do Proálcool não se fazem sentir somente em Piracicaba. A região de Ribeirão Preto sofrerá uma expansão vertiginosa, tanto na área plantada de cana de açúcar, quanto do número de destilarias e usinas que praticamente dobram em quantidade.

De fato, Piracicaba, assim como outros municípios acompanharam e tomaram parte no processo de modernização promovido pelo 'milagre econômico' (década de 1960-1970 do século XX) seja através dos efeitos do Proálcool, seja pelo curso da interiorização da indústria. Estes municípios estavam na rota dos 'Corredores Industriais' interligados pela extensa malha rodoviária que leva a capital do Estado e se torna uma vertiginosa rede de escoamento de mercadorias, com as rodovias Bandeirantes, Anhanguera e Washington Luiz.

De acordo com vários estudiosos a economia brasileira, a década de 80 foi chamada de 'década perdida'. O que explica esta conceituação foi o fato de que os saldos da balança comercial não eram mais suficientes para pagar os juros da dívida externa.

Assim, em que pese o fracasso do II PND e a crise que se segue nos anos 80, ao lado do agigantamento dos problemas gerados pelo processo de modernização conservadora – dívida externa crescente, concentração pessoal e regional da renda, deterioração dos recursos hídricos e demais recursos naturais,

caos urbano – a dinâmica paulista ganhou contornos cada vez mais nítidos, com o fortalecimento de centros e subcentros regionais onde se criaram condições de absorção da força de trabalho.

Da mesma forma, estas cidades não ficaram ilesas às conseqüências deste surto modernizante, cujo efeito mais imediato foram os processos migratórios, promovidos tanto pelo êxodo rural, quanto pelos deslocamentos de população das regiões e estados menos dinâmicos do país em direção ao interior paulista, o que inverte a proporção entre população rural e urbana, a partir da década de 1960.

Em Piracicaba, várias conseqüências são decorrentes do processo de modernização e industrialização, alterando a vida urbana e o crescimento desordenado do município, gerando dois graves problemas; a poluição do Rio Piracicaba e a falta de moradia, com o surgimento de favelas. A situação de moradia se tornou a principal questão social da década de 80 e a Prefeitura para amenizar esta questão social, criou o Programa de Habitação Popular, incentivando o PROFILOURB (Programa de Financiamento de Lotes Urbanos).

A Economia de Piracicaba se fortaleceu, fazendo parcerias com indústrias de capital japonês, e como exemplo podemos citar o Grupo Dedini e a empresa Votorantim Celulose e Papel (VCP), que desenvolveram pelo menos uma parte de suas produções com tecnologia japonesa.

Em 1973, as empresas japonesas C. Itoh, atualmente denominadas Itochu e a Kawasaki, entraram como acionistas da Dedini. Na época, a empresa produzia apenas para indústrias de açúcar e álcool, e as parcerias japonesas proporcionaram a expansão das atividades para a siderurgia e mineração, entre outras áreas. A partir da década de 1980, com a expansão do capital da Dedini, essas empresas diminuíram o espaço acionário.

Atualmente, a Kawasaki mantém com o Grupo Dedini apenas uma parceria tecnológica, na área de equipamentos pesados.

Na década de 1990, as empresas Dedini implantaram o programa KPS de produtividade da fábrica com orientação das parceiras Kawasaki e Itochu, permitindo o treinamento sobre esta tecnologia de alguns profissionais do Grupo.

A empresa VCP, antiga Papel Simão, passou a se utilizar de tecnologia japonesa para produção de papéis especiais, somente em 1990. Até 1989 a empresa direcionava sua produção de acordo com a tecnologia americana, mas com

o término do contrato, a antiga Papel Simão desencadeou um projeto de implantação de tecnologia japonesa.

A parceria começou com a empresa Kanzakai Japan Paper, que, posteriormente se fundiu com a Oji. A VCP continua parceira da Kanzakai e com frequência, profissionais da empresa brasileira vão ao Japão ter treinamentos e atualização dos processos de produção.

Nesse sentido, consideramos que o progresso que chegou ao interior do Estado, especificamente a Piracicaba, a partir da década de 1970, conduzido pela industrialização e pelas modernas rodovias estaduais, num movimento intensamente positivo, trouxe novas indústrias e com elas a promessa de novos empregos. Com isso atraiu também novos moradores em busca de empregos, com seus hábitos e sotaques igualmente destoantes das tradições caipiras. Ao mesmo tempo, as rodovias levavam as mercadorias rumo aos centros consumidores e aos portos de exportação.

O intercâmbio profissional entre Brasil e Japão, a implementação de tecnologia avançada em empresas locais é um dos fatores que atraiu para Piracicaba um grande número de nikkeis com alto nível de especialização. Esta vinda contribui também para o desenvolvimento qualitativo da colônia nipônica piracicabana e para ligeira elevação do nível sócio-econômico do município.

Não somente as indústrias que mantêm parcerias com tecnologia japonesa, mas também várias empresas estabelecidas em Piracicaba como as do setor de açúcar e álcool, energia elétrica, telefonia, áreas médicas e várias outras de prestação de serviços, em paralelo com excelentes colégios e universidades locais, trouxeram muitos nikkeis, profissionais de alto nível para o município.

CAPITULO V

OS JAPONESES NO ESPAÇO GEOGRÁFICO PIRACICABANO NA ATUALIDADE

Pela população local do município, cerca de 350 mil habitantes, a participação quantitativa dos descendentes japoneses, estimada em aproximadamente 450 famílias, é modesta, cerca de 0,8% da população. Esta média é inferior à nacional que está por volta dos 0,9%, considerando a população brasileira em aproximadamente 170 milhões de habitantes, e a de habitantes nikkeis de 1 milhão e 400 mil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

A colônia japonesa piracicabana é pequena se comparada a outras do Estado, onde a imigração ocorreu intensamente nas primeiras décadas do século. Como exemplo podemos citar alguns municípios, como; Registro, Lins, Marília, Ribeirão Preto, regiões da grande São Paulo; Mogi das Cruzes, Suzano, Poá, Cotia entre outras.

No entanto, gostaríamos de salientar que, embora o número de habitantes japoneses e seus descendentes não seja elevado, estes contribuíram para a caracterização do espaço geográfico do município e esta pesquisa tem como escopo focaliza a importância destes imigrantes independentemente do número total deles.

A partir do final da década de 1940, as famílias que moravam na área rural, começaram a deixar a atividade agrícola para se estabelecerem na área urbana em definitivo. O ramo comercial se destacou como sendo um dos que mais absorveram japoneses.

A agricultura, atividade inicial dos imigrantes japoneses foi sendo substituída por atividades urbanas e atualmente um número muito pequeno de famílias descendentes de japoneses praticam atividades agrícolas. Entre estas famílias podemos citar a da Sra. Kikue Mori, cujos filhos cuidam do sítio da família, em Ártemis que produzindo horti-fruti, comercializados em Piracicaba.

Das raízes agrícolas para novas frentes de trabalho, os japoneses e descendentes que vivem em Piracicaba se destacam como comerciantes, profissionais liberais e prestadores de serviços (médicos, dentistas, advogados, engenheiros,

professores, etc.). Caracterizando um nítido processo de ascensão social na sociedade piracicabana.

A partir da década de 1970, atraídos pelo mercado de trabalho, muitos nikkeis chegaram a Piracicaba e fortalecem a colônia. Muitos também vieram em busca da alta qualidade de ensino oferecida pelas universidades locais e após o término do curso permaneceram em Piracicaba.

Conforme relação fornecida pelo Departamento de Recursos Humanos da Esalq- USP, os primeiros descendentes de japoneses se formaram nesta unidade universitária na década de 1940. Considerando, através do sobrenome a ascendência japonesa, em 1942, [hisuto José Muriama foi o primeiro a concluir o curso de engenharia agrônoma.

Dentre os que vieram estudar na ESALQ-USP e se fixaram em Piracicaba, contribuindo amplamente para o desenvolvimento da comunidade nipônica, podemos citar o Sr. Shunhiti Torigoi, um dos proprietários do Colégio Luiz de Queiroz – CLQ, filho de Hiroshi Torigoi, imigrante da província de Fukuoka. Veio de Lins para estudar Agronomia em 1961. Já no primeiro ano de faculdade, começou a lecionar Física no cursinho do Centro Acadêmico da ESALQ. Ao se formar em 1965, não seguiu o costume dos formados que deixavam de lecionar no cursinho e continuou se dedicando às aulas, até fundar em 1977 o Colégio Luiz de Queiroz.

Alguns anos antes, em 1969, sua família veio de Lins e se estabeleceu em Piracicaba. Suas atividades com o colégio se expandiram e atualmente o CLQ, é um dos maiores colégios e cursinhos privados de Piracicaba, com mais de dois mil alunos.

Juntou-se a Torigoi, como sócio no colégio, o nikkei Wilson Saito, vindo de Paraguaçu Paulista, que também estudou agronomia. A esposa de Torigoi, Satie Ishii Torigoi, veio de São Paulo para estudar Agronomia e se dedica à coordenação do Colégio.

Além de outros exemplos semelhantes a este acima citado, o desenvolvimento da colônia soma os nascimentos de novos descendentes, que contribuem para o crescimento quantitativo e a miscigenação dos japoneses. Há ainda a população de nikkeis flutuantes, que são estudantes das universidades do município.

Na Esalq, é de aproximadamente 15% a média de alunos nikkeis. Por outro lado, não temos uma estimativa específica, mas na Universidade Metodista de Piracicaba –

Unimep e na Universidade de Campinas – Unicamp (campus de Odontologia), milhares de alunos nikkeis, procuram sua formação nos níveis de Graduação e Pós-Graduação.

A participação de nikkeis na política de Piracicaba não é significativa. Alguns nikkeis já tentaram se candidatar a Câmara de Vereadores mas, não obtiveram sucesso. Entretanto, em diversos cargos públicos encontramos nikkeis, como exemplo o nosso depoente **Toshio Icizuca**, que ocupou o cargo de Secretário de Trânsito e Transportes e também o cargo de Secretário de Defesa do Meio Ambiente de Piracicaba.

Em meio ao histórico da comunidade nipo em Piracicaba, encontramos muitos sucessos e histórias de ascensão social, através do trabalho e do estudo, mas, também, como em todas as comunidades, existiram os fracassos. O objetivo comum seria melhorar de vida, adquirir posses materiais, para dar condições aos filhos, de não terem que se submeter a um trabalho tão árduo quanto o da lavoura, por isso a opção das famílias sempre foi investir na educação dos filhos.

Em relação aos fracassos, observamos que a partir da década de 1980, quando o Brasil atravessava uma forte crise econômica que afetaria diretamente o mercado de trabalho, vimos à ocorrência da imigração inversa, os chamados dekasseguis que vão tentar fazer a vida no Japão, atualmente somando mais de 250 mil pessoas.

Em Piracicaba, observamos que o número de dekasseguis é muito pequeno em relação ao de outros municípios.

Observando os descendentes nipônicos de Piracicaba, na atualidade, em relação aos hábitos e costumes religiosos, apesar da tradição budista dos japoneses, a grande maioria da colônia adotou o catolicismo, sendo que só os mais idosos ainda se mantêm nos preceitos budistas. A Igreja Messiânica e a Sheicho-No-Iê também são religiões de origem japonesa difundidas em Piracicaba e com forte participação de não nikkeis. A presidência da Sheicho-No-Iê do Brasil confirma que na região de Piracicaba, os isseis (nascidos no Japão) e brasileiros são a maioria dos adeptos desta religião, ao contrário dos descendentes japoneses.

Atualmente, a contribuição dos imigrantes e nikkeis nos mais diferentes campos da sociedade piracicabana é uma realidade.

A vinda dos imigrantes japoneses e de outros imigrantes para o Brasil, e especificamente para Piracicaba trouxe uma nova perspectiva no uso da terra, pois foram introduzidas várias técnicas de cultivo e manejo do solo, empregando as mais avançadas tecnologias, permitindo assim a expansão da economia do país e do município.

Em 25 de Agosto de 2006, o então Prefeito de Piracicaba Barjas Negri, recebeu o secretário de Cultura de Haebaru, província de Okinawa, Oshiro Kasuki, e sua comitiva, para firmar intercâmbio esportivo e cultural. Neste encontro, ele citou a importância da influência dos japoneses e do Clube Nipo, que desempenham importante papel para o desenvolvimento econômico, social e cultural do município.

Segundo o Prof. Dr. Akihido Ando, do departamento de Genética da Esalq: *“A participação de descendentes japoneses na sociedade piracicabana como um todo, vem crescendo, como também a assimilação e integração dos japoneses como os outros grupos de descendentes de imigrantes que formam esta sociedade. Essa fusão crescente é bastante positiva, uma vez que proporciona uma melhoria na diversidade cultural”*.

Neste trabalho, realizamos a reconstrução da trajetória destes imigrantes, que especificamente no município ainda não havia sido feita no formato acadêmico.

Apresentaremos **(No Anexo III)** um cadastro efetuado pelo Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro de Piracicaba, a nós apresentado pelo então presidente Sr. Naoki Kawai (Pedro). Este trabalho de cadastro, embora simplificado, foi elaborado com grande dedicação pelo secretário do Clube e por colaboradores, no ano de 1995. Atualmente sofreu algumas alterações devido a falecimentos, como também do acréscimo de novas famílias. Nele encontramos a relação dos sócios e de não sócios de Piracicaba – SP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos dedicamos à ciência geográfica, é fundamental considerar as categorias de “tempo e espaço” e nesse contexto, um estudo sobre imigração, que envolve a inter-relação entre os focos geográfico e o das relações humanas que nele ocorreram, nos permitiu algumas reflexões importantes.

A princípio, um de nossos questionamentos era saber: *por que as pessoas migram?*

Para entender esse processo, buscamos apoio na bibliografia especializada, mas também na realidade concreta. A cada contato com um novo texto, a realização das entrevistas com subsídios da História Oral, que foram úteis para uma melhor compreensão do tema e dos aspectos culturais da trajetória desses imigrantes, nos demonstraram o porquê dos deslocamentos feitos pelos imigrantes no ‘tempo-espaço’ que lutaram por conquistar.

As experiências do passado foram de extrema importância, nesse processo sendo encontradas principalmente nos relatos. Seja em cada histórico familiar, ou nos livros, documentos, fotos, trabalhos acadêmicos, discursos políticos, com os quais íamos tendo contato, o escopo de nosso projeto gradativamente tomava forma.

Constatamos que para construir conhecimento científico captando e analisando relações humanas, há necessidade de gradativo aprofundamento das análises. Por isso, apesar do esforço realizado, sabemos que muitos estudos ainda deverão ser feitos para o aprimoramento da discussão sobre imigração, sobre a diversidade cultural e o desenvolvimento econômico do município de Piracicaba.

Para ir ao encontro do estudo do ‘meio-local’, no caso o município de Piracicaba, sabemos que para ser frutífero, diversos estudos em áreas diferenciadas devem se inter-relacionar e nos mostrar o inventariamento das diversidades locais, inseridas nos contextos nacional e mesmo mundial.

Contudo, levamos em consideração dentro de uma certa gama de dimensões espaço-temporais, as relações humanas e as práticas de poder. No âmbito das migrações internacionais do mundo atual, atentamos para a construção de diversas barreiras contra a entrada de imigrantes. Com a globalização, passam a aumentar os mecanismos sociais protecionistas vinculados à manutenção identitária das nações.

Para tanto, o estudo da identidade cultural, da diversidade cultural e do fenômeno migratório torna-se interessante em qualquer área científica. Isto porque, a mobilidade humana é um fato que ocorre, de forma intensa, envolvendo um grande número de pessoas em todo o mundo, gerando em alguns países conflitos além de problemas políticos e econômicos.

Nossa contribuição visa agregar-se a outras que caminhem nas mesmas buscas. Assim sendo, esse estudo pretende oferecer uma pequena contribuição para melhor entendimento sobre o tema.

O mundo moderno, do século XXI, cada vez mais globalizado e apresentando grande desenvolvimento tecnológico principalmente nos meios de comunicação, reafirma a importância deste e de outros trabalhos que caracterizem a preservação da memória sócio-cultural, principalmente aquela dos grupos que não detém o poder.

Procuramos captar a complexidade do real e a diversidade presente no contexto da realidade do imigrante japonês em Piracicaba. Para os nossos entrevistados, em sua grande maioria, o importante foi preservar o que mais fortemente pareceu marcar a cultura japonesa de origem: a união entre as pessoas. E nesse sentido, o grupo japonês, o menos estudado dos grupos imigrantes, tem recorrido aos valores de sua própria cultura de origem para estabelecer os elos com a população nacional e outros grupos de imigrantes.

Os valores da cultura japonesa, destacados pelos nossos depoentes; hierarquias, disciplina, respeito, solidariedade e união, são reinterpretados por cada indivíduo. São eles a base para o enfrentamento das situações de desafio na vida em sociedade, o que tem permitido para a maior parte das pessoas e dos grupos familiares uma melhor inserção sociedade mais ampla, significando uma conquista de posições de prestígio e poder nos variados campos sociais e, principalmente, o sentimento de 'pertencer' a esta sociedade de adoção.

Há uma significativa e constante contribuição dos imigrantes japoneses e seus descendentes ao desenvolvimento agrícola brasileiro, como também, na implementação de novas tecnologias que levaram ao aprimoramento de diversas culturas agrícolas. Nesse contexto, os descendentes de nipônicos de Piracicaba,

também se destacaram, numa longa trajetória percorrida e mantida no tempo e no espaço.

Considerando o pequeno número de pesquisas sobre a presença dos japoneses em Piracicaba e baseada em relatos orais, propomos a divisão da imigração japonesa para este município em três fases:

Primeira Fase: Define a chegada dos imigrantes diretamente do Japão para o município e inicia-se em 07 de setembro de 1918 e vai até aproximadamente 1931. Pela inexistência de registros do número preciso de famílias, mas embasada, nos relatos, acreditamos que esse total não tenha passado de aproximadamente 70 famílias, um número pequeno se comparado com outras regiões do Estado.

Segunda Fase: Da década de 1930 à década de 1960, essa fase pode ser caracterizada pela migração de muitas famílias para outras regiões do Estado onde havia colônias mais estruturadas. A essa fase somam-se as restrições impostas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que dificultou a vinda de novos imigrantes não só para Piracicaba, mas também para outras localidades.

Nesta fase houve uma redução da colônia, mas após a Segunda Guerra, em 1945, observamos o crescimento lento, pois alguns imigrantes que vinham de outras regiões do Estado fixaram-se no município. Segundo registros da Associação Nipo-Brasileira de Piracicaba, em março de 1960 havia 57 famílias japonesas em Piracicaba.

Após a derrota sofrida pelo Japão na Segunda Guerra Mundial, desmorona o sonho da maioria das famílias nipônicas de retornar à Pátria de origem. Então a intensa poupança familiar que financiaria o retorno será redirecionada para a compra de uma pequena propriedade em região onde existam boas escolas, pois o objetivo agora é a educação superior dos seus descendentes, estratégia desenvolvida por eles para buscar a ascensão social na nova pátria.

Terceira Fase: de 1960 até os dias atuais, poderia ser a fase da reconstrução paulatina e constante de aspectos identitários da cultura e aumento da participação japonesa no cotidiano do município. Considerando o crescimento econômico dessa

fase mais contemporânea do município, muitos vieram em busca de empregos nas grandes empresas aqui estabelecidas, outros buscando o alto nível de pesquisa desenvolvida na área agrícola, pela ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) – USP. A maior parte desse grupo veio estudar ou trabalhar na indústria, com destaque para os cargos que exigiam formação superior, e acabou constituindo família, e por isso fixando-se no município. Esse movimento começou na década de 60 e continua ativo até hoje, em especial no que se refere aos profissionais liberais (como médicos, dentistas, advogados) também os executivos contratados por grandes empresas na área de engenharia ou ainda professores e pesquisadores a serviço das universidades entre outras atividades.

Essa constatação permite afirmar que para muitas famílias a estratégia de busca de uma formação educacional que visava a universidade funcionou integrando seus descendentes na classe média intelectualizada do município.

Nos anos 70, pelo menos sete professores nikkeis, lecionavam na Esalq, sendo que esse número cresceu para mais de uma dezena, mas mediante a algumas aposentarias, no ano de 2007 segundo dados do departamento de recursos humanos da Esalq, na ativa se encontravam oito professores nikkeis. Entre os professores nikkeis aposentados, encontra-se Hiroshi Ikuta, que foi o primeiro professor nikkei da Esalq.

Pela cultura e pelo esporte (que envolvem a manutenção da tradição, mas também a busca de inovações) a comunidade de origem nipônica de Piracicaba desenvolveu estratégias eficazes de reafirmação identitária, de manutenção de vínculos fortes entre seus membros de todas as idades e de afirmação social e cultural do grupo na sociedade local. O intercâmbio profissional entre Brasil e Japão, a implementação de tecnologia avançada em empresas locais é um dos fatores que atraiu para Piracicaba um grande número de nikkeis com alto nível de especialização. Esta vinda contribui também para o desenvolvimento qualitativo da colônia nipônica piracicabana e para ligeira elevação do nível sócio-econômico do município.

Não somente as indústrias que mantém parcerias com tecnologia japonesa, mas também várias empresas estabelecidas em Piracicaba como as do setor de açúcar e álcool, energia elétrica, telefonia, áreas médicas e várias outras de prestação de

serviços, em paralelo com excelentes colégios e universidades locais, trouxeram muitos nikkeis, profissionais de alto nível para o município.

Neste trabalho realizamos a reconstrução da trajetória destes imigrantes, que especificamente no município ainda não havia sido feita no formato acadêmico.

Com a proximidade do centenário da imigração japonesa para o Brasil e os noventa anos da imigração para Piracicaba, no ano de 2008, este trabalho ganhará relevância neste contexto de comemoração.

Como forma de retorno à comunidade japonesa de Piracicaba, pretendemos organizar com trechos das entrevistas, com os documentos e fotografias coletados, uma exposição na qual apresentaremos, numa linguagem simples e acessível, alguns aspectos das conclusões que resultaram de nossa pesquisa.

O estudo da memória sócio-cultural, na sua dinâmica entre presente e passado nos oferece percepções que combinam racionalidade e emoções. Ele é marcado por duplicidades, além de escolhas determinadas por circunstâncias internas e externas ao grupo analisado. Com isso, finalizamos nossas considerações, conscientes que o apresentado nesta pesquisa juntar-se-á às outras contribuições sobre a memória dos japoneses no Estado de São Paulo e, como tal, abre-se à apreciação crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P. R. e KOURY, Y. A. **História Oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli**. História & Perspectivas, p. 25-54, (2001-2002).

AMADO, J. e FERREIRA, M.de M., org. **Usos e abusos da História Oral**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

ANTONIO FILHO, F.D. **A Visão da Amazônia Brasileira: uma avaliação do pensamento geográfico entre 1900-1940**. Tese de Doutorado-UNESP/IGCE, Rio Claro-SP, 1996.

_____ Para entender o sentido da Dialética e do Materialismo Histórico. **Diário de Rio Claro**, Rio Claro, 30 jul.1989.

BARROS, A. M. de. **Relembrando**. 1ªed. Piracicaba – SP: C.N. Editora, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Geografia. MEC. Brasília, 1998.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 2ª ed. São Paulo – SP: T.A. Queiroz Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Biblioteca da Folha de São Paulo, 2003.

CARDOSO, R.C.L. **Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo**. Tese de Doutorado-Universidade de São Paulo, 1972.

CASCUDO, C. **História de Nossos Gestos**. 1ª. ed. – São Paulo: Ed. Global, 2003.

CATALOGO, **Atividades do Clube Cultural e Recreativo Nipo Brasileiro de Piracicaba e Cadastro de famílias Nikkeis de Piracicaba**. Publicação da Sociedade Nippo de Piracicaba, 1995.

COMISSÃO de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil – Sociedade de Cultura Japonesa, **Uma epopéia moderna: 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil**, São Paulo: Hucitec, 1992.

CORRÊA, R. L., ROSENDHAL, Z. (org.) **Geografia Cultural: Um Século**. n.01, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2000.

DEMARTINI, Z.de B.F. **Vivências Diferenciadas entre três gerações de Japoneses em São Paulo**. In Revista Travessia, Ano XII, n. 35, 1999.

_____ **Dilemas da vivência em nova terra: a educação, o lazer e o consumo cultural entre japoneses em São Paulo na 1ª metade deste século**. In: MEIHY, José C.S.B. (org.). (Re) introduzindo história oral no Brasil. São Paulo: Departamento de História, FFCLH – USP, 1996.

_____ **Famílias em São Paulo, Vivência na Diferença**. Textos CERU

_____ **Reconstruindo identidades múltiplas: imigrantes portugueses e luso-africanos em São Paulo**. Athenea Digital, 10, 137-153. Disponível em: <http://antalva.uab.es/athenea/num10/fabri.pdf>.

DEMO, P. **Introdução à Metodologia da Ciência**. São Paulo, Atlas, 1985.

DEZAN, M.D.S. **A importância da imigração japonesa no espaço geográfico piracicabano**. In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, n. 11, ano XI, Piracicaba-SP, 2004.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, SP. 12 de dezembro de 1897.

EDITORIAL. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, 2006. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script –acesso em 19 de fevereiro de 2007.

ELIAS NETO, C. **Almanaque 2000: Memorial de Piracicaba-Ungraf** gráfica e editora, 2000.

FERREIRA, M. de M. (org.) **História Oral e multidisciplinariedade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FREITAS, S.M. **E chegam os imigrantes**. 2ª ed. Edição da autora, São Paulo, 1999.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A. 1989.

GUERRA, A. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro, Berthand Brasil, 1997.

GOLDMANN, L. **Dialética e Cultura**, 2ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

_____ **Materialismo Dialético e História da Literatura**. In Revista Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, I (11-12): 108-125,1967.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro, DP & A Ed., 2006.

HANDA, T. **O Imigrante Japonês - História de sua vida no Brasil**.São Paulo, T.A.Queiroz editor, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HIRATA, R. e GARCIA, L.B.dos R. **O papel do Estado na Migração Internacional: o exemplo dos dekasseguis**. Scripta Nova, 94 (57), 2001.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO DE PIRACICABA- IPPLAP.
Disponível em www.ipplap.com.br

JORNAL DE PIRACICABA **O arraial globalizado**. (Piracicaba 236 anos) .01 de Agosto de 2003.

LARAIA, R.de B. **Cultura: Um conceito antropológico**. 1ª.Ed. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1986.

MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. (Feuerbach), 5ª ed., São Paulo: Hucitec, 1986.

MEDINA, C. **Viagem ao sol poente** (coord. e org.) – São Paulo: ECA/USP,2001.

MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo** 2ª ed. São Paulo, ed. Hucitec Polis, 1998.

MORAIS, F. **Corações Sujos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

NOGUEIRA, A. R. **Imigração Japonesa na História Contemporânea do Brasil**. Centro de Estudos Nipo-Brasileiro e Massao Ohno Editor, 1984.

_____. **A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922)**. Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros – USP, São Paulo, 1973.

_____ in **Uma Epopéia Moderna- 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil**. Hucitec, p. 55, 1992.

OLIVEIRA, L. L. **Nós e Eles: Relações culturais entre brasileiros e imigrantes**. 1ª ed. Rio de Janeiro : Editora FVG, 2006.

PASSINI, E. Y. **Japão que país é este?** 3ª ed: Editora Lê, 1998.

PELLEGRINI FILHO, A. YANASE, M. H. (org.) **Encontros Culturais, Portugal – Japão – Brasil**. Barueri-SP: Ed. Manole, 2002.

POLLACK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, 5(10), p. 200-215, 1992.

PORTELLI, A. **Forma e significado na História Oral**. A pesquisa como um experimento em igualdade. In Projeto História. São Paulo: PUC-SP. 14, 1997.

QUEIROZ, M.I.P. de (org.) **Variações sobre a técnica do gravador no registro a informação viva**. 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

RANZANI, G. **Subsídios a Geografia de Piracicaba**. Piracicaba-SP: Ed. Franciscana, IHGP, 1976.

SAITO, H. **Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil**. Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 1973.

_____ (org.) **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz. Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

_____ **O Japonês no Brasil. Estudo de mobilidade e fixação**. São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política, 1961.

SASAKI, E. M. **O jogo da diferença: A experiência identitária no movimento dekassegui**. Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, Campinas – SP, 1998.

SAKURAI, C. **Romanceiro da Imigração Japonesa**. Série Imigração, vol 04. São Paulo-SP: Fapesp, Idesp, Ed. Sumaré, 1993.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira** 2ª ed. São Paulo – SP: Hucitec, 1994.

SILVA, A.P. **Brasileiros sem perder a origem**. Piracicaba-SP: Degaspari Designers, 1998.

STOLCKE, V. **Cafecultura, homens, mulheres e capital (1850-1980)**. São Paulo – SP: Ed. Brasiliense, 1986.

THOMPSON, P. **A voz do passado História Oral**. Paz e Terra, 1992.

_____ **A transmissão cultural, entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida**. In Ciências Sociais Hoje, São Paulo: Hucitec, ANPOCS, 1993.

TERCI, E. T. et. alii. **Desconcentração Industrial – Impactos socioeconômicos e urbanos no interior paulista (1970-1990)**. MB editora, 2005.

TORRES, M. C. T.M. **Aspectos da evolução da propriedade rural em Piracicaba no tempo do império**. Piracicaba-SP: Edição da Academia Piracicabana de Letras, 1975.

_____ **Piracicaba no século XIX.** Piracicaba-SP: IHGP, Ed. Degaspari, 2003.

VIEIRA, F. I. S. **O japonês na frente de expansão paulista.** Ed. Pioneira – São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

VON SIMSON, O. R. de M. **Os desafios contemporâneos da História oral.** Campinas: Área de Publicações CMU/ UNICAMP, 1997.

_____ **Imagem e Memória** In SAMAIN, E. (org.) **O Fotográfico** São Paulo: Hucitec, 1998, p.21 - 34.

ANEXO I :

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) MARIA JOANA NISHIMURA, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.
- b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 04 fotografias da família NISHIMURA, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 04 fotografias da família NISHIMURA sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expresse acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 22 de maio de 2007.

mauro joão nishimura

Licenciante

M. Hezan

Licenciado

Testemunhas:

Nome: _____

Nome: _____

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) KASUE OTSUBO, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.
- b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 05 fotografias da família _____, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 05 fotografias da família OTSUBO sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo


5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expreso acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

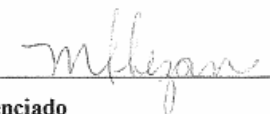
- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 11 de Junho de 2007.



Licenciante



Licenciado

Testemunhas:

Nome:

Nome:

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) NAOKI KAWAI, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.
- b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 04 fotografias da família _____, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 04 fotografias da família KAWAI sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

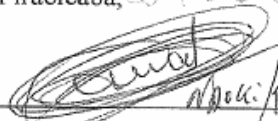
5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expresse acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

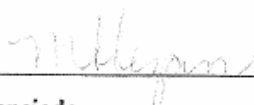
- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 24 de abril de 2007.



Licenciante



Licenciado

Testemunhas:

Nome:

Nome:

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

a) TEREZA TAKAKI SATO, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.

b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 03 fotografias da família TAKAKI SATO, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 03 fotografias da família TAKAKI SATO sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expresso acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 23 de Abril de 2007

Theriza Takaki Sato

Licenciante

Milayan

Licenciado

Testemunhas:

Nome:

Nome:

ANEXO II :

QUADRO VI – Distribuição por famílias de imigrantes japoneses – chegados em Santos entre 1917 e 1922 – pelas fazendas de café do Estado de São Paulo.

Fonte: NOGUEIRA, A. R. (1973) in A Imigração Japonesa para a Lavoura Cafeeira Paulista (1908-1922) – Instituto de Estudos Brasileiros – USP.

ANEXO III:**RELAÇÃO DOS SÓCIOS E NÃO SÓCIOS DO C.C.R.N.B.P. – CLUBE CULTURAL
E RECREATIVO NIPO – BRASILEIRO DE PIRACICABA.**

RELAÇÃO DE SÓCIOS

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem imigr.
1	Abe, Claudio	R. Moraes Barros, 1510 - AP 132	33-0160	13416-740	Piracicaba-SP	10/Mar/46	P+&M: Miyagi
	Abe, Aparecida Gregolin				Piracicaba,SP		
2	Abe, Kiyo	R. Moraes Barros, 1510 - AP 132	33-0160	13416-740	Miyagi,JP	Mai/33	
	Abe, Kiyomi+				Miyagi,JP		
3	Aida, Minoru	R. Men de Sá, 567	33-7743	13403-046	Saitama,JP	Fev/74	
	Aida, Hissako				Anhumas,SP		
4	Aisamoto, Roberto Iwao	Av. Rui Barbosa, 126 - Ap. 602	21-0348	13405-010	Londrina-PR	Dez/80	M: Kagoshima
	Aisamoto, Eliane C. Rezende				Cambei, MG		
5	Ando, Akihiko	R. Dr. Alvim, 1063	33-0330	13416-160	Oita,JP	Jul/59	
	Ando, Masako				Tokio,JP	Set/68	
6	Alencar Marcelo José	R. Acacio do Canto, 1010	21-0512	13405-208	Piracicaba-SP	Ago/68	
	Alencar, Meiry Akie Sugukawa				Guarapes,SP		D&B/P: Todori
7	Airaku, Kenji	R. Santa Cruz, 346	22-7927	13416-760	Olimpia,SP	05/Sel/38	P: Kagoshima
	Airaku, Cleide Haruyo				Jacarei,SP		D: Kumamoto, B: Hiroshima
8	Berto, Orlando José	R. Guerino schievano, 95	21-7292	13405-013	Piracicaba		M: Fukuoka
9	Benites, Antonio C. Miyazaki	R. Gov. Pedro de Toledo, 2040	34-4904	13400-066	Kumamoto, JP		
10	Bonura, Suneo	R. Dr. Francisco Feio, 525	34-2714	13420-440	Nova Paulicéia, SP		
	Bonura, Yoshie				Campos do Jordão, SP		
11	Carvalho, Lúzia	R. Floriano Peixoto, 1396- casa 2		13417-050	Rio das Pedras,SP	1952	
12	Da Silva Jr. Samuel Soares	R. Francisco M. da Silva, 150	22-6741	13420-140	Bastos, SP	Jan/49	
	Da Silva, Maria Yatio Nariyoshi Soares						P&M: Fukuoka
13	De Toledo, Paulo E.N	R. Men de Sá, 452	33-8908	13403-046	Piracicaba,SP	Jul/52	
	De Toledo, Yuly I. Miyazaki				Piracicaba,SP		P&M: Fukuoka
14	Denny, Valderez M. Thame	R. Boa Morte, 1456	33-6946	13400-140	Piracicaba,SP	17/Sel/50	
	Denny, Ercilio Antonio				Indaituba,SP		
15	Dodo, Shizuo	R. Gomes Carneiro, 1474	33-6544	13417-030	Marília,SP	Jan/50	P&M: Miyagi
	Dodo, Maria Ligia Guadagnini				Piracicaba,SP		
16	Donomae, José Yssuo	R. Manoel Ferraz A. Campos, 607	33-8287	13417-120	Bastos,SP	Fev/76	P&M: Hokkaido
	Donomae, Elza Matiko				Bastos,SP		P: Ehime

+ : Falecido - P: Pai - M: Mãe - D: Avô - B: Avô - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem Imigr.
17	Dos Santos, João Jorge H. Dos Santos, Lourdes Suzue Otsubo	R. Haldumont Campos Ferraz, 273	34-6470	13403-052	Piracicaba, SP Piracicaba, SP	16/Jul/53	P + Gifu, M+ Hiroshima
18	Fujice, Hiroshi	Caixa Postal nº 6 - Águas de S. Pedro	981-9695	13575-000	Duartina, SP	Julho/92	P+ Fukuoka, M: Fukuoka
19	Fujice, Margarida Hisayo	R. José Rosário Lesso, 419	22-2845	13403-009	Araraquara, SP	Out/89	P+ Fukuoka+ M: Fukuoka
20	Fujigaki, Masakatsu	R. Tiradentes, 999	25-1617	13400-765	Hokkaido, JP	Jan/81	
	Giatti, Silvio Moacir				São Carlos, SP		
	Giatti, Christiane Q. Gouveia				Piracicaba, SP		
21	Hanaguchi, Shigetoshi	R. Celso Galdino Fraga, 195	21-1853	13405-066	Wakayama, JP	Abr/75	D&B/P: Nigata/Fukuoshima
	Hanaguchi, Marina Kazuo Honma				Adamantina, SP		
22	Hara, Tereza	Av. São Paulo, 662	22-6654	13401-000	Duartina, SP	Mar/63	P+&M+: Kumamoto
	Hara, Jorge+				Piracicaba, SP		P&M: Nagano
23	Harada, Takao	Av. Primeiro de Agosto, 115	21-8361	13414-030	Piracicaba, SP	Mar/93	
	Harada, Shizuko				Kumamoto, JP		
24	Hashizume, Susashiro	R. Gov. Pedro de Toledo, 1447	34-2839	13400-075	Shizuoka, JP	Mar/57	P: Wakayama, M: Hokkaido
	Hashizume, Cecília Ferraz				Pompéia, SP		
25	Hatanaka, Luiz Ricardo	R. Acácio Leite do Camo, Jr., 99	21-1344	13405-043	Piracicaba, SP	Fev/53	D&B: Hyogo
	Hatanaka, Linda Lie				Indonésia		
26	Higa, Kashi	R. Santa Catarina, 1730	26-2396	13425-090	Lins, SP	1977	P&M: Okinawa
	Higa, Luiza				Campinas, SP		P&M: Okinawa
27	Higashi, Alcides Hideo	R. Dr. Alvin, 779	22-4303	13416-160	Bastos, SP	Dez/81	P: Ehime, M: Nara
	Higashi, Neuzo J. Tamiguchi				Bastos, SP		M: Hokkaido
28	Horibe, Sumako	R. Dr. Paulo Pinto, 2584	22-4921	13418-050	Lins, SP	Dez/54	P: Yamanshi, M: Kumamoto
	Horibe, Kazumi+				Kumamoto		
29	Horita, Eiichi	R. Gov. Pedro de Toledo, 1351	33-7230	13400-075	Wakayama, JP	Out/78	P&M: Kumamoto
	Horita, Helena				Lins, SP		P: Wakayama
30	Horita, Orlando Kiititi	R. Gov. Pedro de Toledo, 1351	33-2230	13400-075	Pacaembu, SP	Abr/76	
	Horita, Ayako Katayama				Nova Esperança, PR		P: Gunma, M: Ibaraki
31	Icizuka, Toshio	R. Almirante Barroso, 684	34-5220	13418-250	Londrina, PR	12/Dez/80	
	Icizuka, Rosa Maria				São Paulo, SP		P: Fukuoshima, M: Saga
32	Ikari, Norio	R. Dom Pedro I, 747 - AP. 122	33-8989	13400-410	Mogi das Cruzes, SP	Mar/79	P: Kumamoto
	Ikari, Maria Keiko Kawano				Arapongas, PR		V/P: Kochi, V/M: Hiroshima
33	Inomoto, Mario M.	R. Fernando F. da Costa, 2584	34-5448	13416-256	Santo Anastácio, SP	Fev/82	

+: Falecido - P: Pai - M: Mãe - D: Avô - B: Avó - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem imigr.
34	Inoue, Saiki	R. José Ferraz de Carvalho, 605	34-8634	13400-550	Mirandópolis, SP	Fev/88	P. Fukushima
	Inoue, Leonilde M. Katano				Inapuru, SP		P. Fukushima, M. Yamaguchi
35	Ishiya, Shirou	R. Cristo Redentor, 193	21-3594	13405-200	São Paulo, SP	Jun/87	P.&M. Shiga
	Ishiya, Vilma M. da Silva				Campina Verde, MG		
36	Ito, Carlos Akira	R. Antonio Ferraz de Arruda, 192	26-2154	13425-160	Terra Roxa, SP	Jun/74	P. Hokkaido, M. Kagoshima
	Ito, Elisabeth Ap. Vicentini				Piracicaba, SP		
37	Ito, Seiti	R. Mem de Sá, 550	22-8079	13403-046	Aichi, JP	1933	
	Ito, Maria Takaki				Piracicaba, SP		P. Nagano, M. Hyogo
38	Ito Takeyoshi	R. Antonio Ferraz de Arruda, 192		13425-160	Hokkaido, JP	Jun/74	
	Ito, Mitsuko				Kagoshima		
39	Iwanura, Naoyuki	R. Fernando de Noronha, 95	26-3282	13420-508	Kumamoto	18/Jun/68	
	Iwanura, Hisako Mizuhira				Hokkaido		
40	Iwanura, Paulo Yukisada	R. São Francisco de Assis, 549	33-2775	13400-590	S. Miguel Arcanjo, SP	Jul/69	P. Kumamoto, M. Hokkaido
	Iwanura, Maria do C. Zotelli				Piracicaba, SP		
41	Kanachi, Yoshiniko	R. Gov. Pedro de Toledo, 1227	34-3360	13400-070	Fukuoka	01/Ago/72	
	Kanachi, Katsue				Kyoto		
42	Katayama, Pedro Shigeru	R. Heitor Villa Lobos, 141	33-1553	13420-130	São Paulo, SP	Nov/77	P. Osaka, M. Nagano
	Katayama, Ruth Albuquerque				Botucatu, SP		
43	Kato, Kenjiro	Av. Edgar Conceição, 619	33-1557	13401-100	São Paulo, SP	1964	
	Kato, Miquelina Hara				Campinas, SP		P.&M. Tokio
44	Kawaguti Chii	R. Moraes Barros, 441	22-5473	13400-353	Niigata	1961	
	Kawaguti, Masao+				Shizuoka		
45	Kawai Kenji	R. Carlos Zanota, 1273	34-4342	13401-220	Rancharia SP	1958	P. & M. Okayama
	Kawai, Neide V. M. (Paula)				São Pedro, SP		
46	Kawai, Naoki	R. São João, 2107	34-1077	13416-790	Rancharia, SP	Jun/64	P.&M. Okayama
	Kawai, Ines Terezinha Furlani				Piracicaba, SP		P.&M. Okayama
47	Kawai, Takaki	R. Benjamin Constant, 2105	22-6788	13400-056	Rancharia, SP		P.&M. Okayama
	Kawai, Ines Casarin				Piracicaba, SP		
48	Kawashima, Irio Takami	R. Frei Henrique de Coimbra, 116	26-1815	13417-560	Piracicaba, SP	Ago/86	P. Tottori
	Kawashima, Shiraishi Teru				Piracicaba, SP		P. & M. Furuoka
49	Kinoshita, Kenji	R. Silvio Servelino, 272	21-6929	13405-000	Lins, SP		P. & M. Kumamoto
	Kinoshita, Miyuki Fujigaki				Sertãozinho, PR		
50	Kinoshita, Yoshinori	R. Monte Pascoal, 465	34-8046	13401-503	Hokkaido, JP	Set/77	
					Kumamoto		

+: Paletido - P: Pal - M: Mãe - D: Avô - B: Avó - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem Imigr.
	Kinoshita, Chisayo				Fukuoka		
51	Kobashigawa, Masayoshi	R. Jose Rosário Lasso, 87	34-5537	13403-009	Fukuoka	Ago/72	
	Kobashigawa, M.K. Kamachi				Gêtuma, SP		P: Fukuoka, M: Kyoto
52	Kobayashi, Kioshi	Av. Armando de S. Oliveira, 1524	33-6419	13400-001	Piracicaba - SP	06/mar/38	P.&M: Fukuoka
	Kobayashi, Maria Harue Horibe				Piracicaba, SP		P+: Kumamoto
53	Kohatsu, Mario Iwao	R. Antonio A.B. Penteado, 239	26-5527	13417-380	Cambará PR	Set./82	P: Okinawa
	Kohatsu, Luisa				Cambará, PR		P&M: Okinawa
54	Komatsu, Francisco	R. Luiz Razera, 450	26-3668	13417-530	Piracicaba - SP	15/nov/46	P. & M: Miyagi
	Komatsu, Edite Garcia				Sorocaba, SP		
55	Komatsu, Kohki	Av. do Café, 622	22-2313	13401-090	Miyagi JP	14/ago/34	
	Komatsu, Nobuko				Yamagashi		
56	Komatsu, Koji	Av. do Café, 622	26-1470	13401-090	Piracicaba SP	03/jun/51	P: Miyagi, M: Yamagashi
	Komatsu, Shigeko						
57	Komatsu, Tilara	R. Bom Jesus, 712	22-4772	13417-000	Miyagi,	1933	
	Komatsu, Yoko Salo				Ijuverava, SP		
58	Koroiva, Ossaruu	Av. Armando Cezare Decini, 470	21-4067	13.405-150	São Paulo SP	Set/76	P. & M: Fukuoka
	Koroiva, Sonia Guedes de C.				Varginha, MG		
59	Koshimizu, Luiz Hiroshi	R. João Oliveira Algodão, 410	26-1053	13.417-430	Bastos - SP	Jul/87	P: Shizuoka, M: Hokkaido
	Koshimizu, Olga		26-1053	13417-430	Bastos, SP		M: Fukuuma
60	Kotaka, Kazuyoshi	R. dos Sabias, 132	21-7786	13.405-100	Pereira Barreto - SP	Out./74	P+&M+: Nagano
	Kotaka, Vania H. Bagatini				São Paulo, SP		
61	Lembi, Vanderlei	R. Dr. Celso Galdino Fraga, 143	21-8039	13.405-066	Piracicaba SP	23/mar/57	
	Lembi, Doraci M. Hiraki				Pindamonhangaba, SP		Avos P: Hiroshima
62	Lochoski, Renato	R. Nelson Godoi, 580 - B. Verde	34-1938	13.420-820	Birigui SP	Abr/81	
	Lochoski, Carla M. Antonio				Birigui, SP		
63	Lochoski, Roberto	R. Cinco, 117 - Jd. Vila Verde	34-5987	13.420-825	Birigui SP	Ago/78	
	Lochoski, Fada Olivia M.M. Oliveira				Birigui, SP		
64	Maeda, Yukiko	Trav. Caracas, 42	33-6163	13.401-515	Tochigi	19/jan/91	
	Maeda, Tsuyoshi+				Santos, SP		P&M: Hiroshima
65	Maranhão, Tabajara José S.	R. São João, 206	34-1026	13.416-790	Piracicaba SP	19/Nov/50	
	Maranhão, S. K. O. Teramoto				Piracicaba, SP		P: Kumamoto
66	Matsubara, Hiroshi	R. Prudente de Moraes, 451	33-8811	13.400-310	Tokyo	Mar/74	

+- Falecido - P: Pai - M: Mãe - D: Avô - B: Avó - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem Imigr.
67	Matsubara, Hisa Matsuno, Isao	R. Prof. Helio P. de Castro, 628	26-3582	13.417-740	Hokkaido Nagasaki	Mar/85	
68	Matsubara, Paulino Koiti	R. São José, 822	33-9666		Jacarezinho, PR		P: Yamamashi, M Shimane
69	Matsuo, Nelson Hiromi	R. Antonio L. do Carmo, 79 - Ap. 33	34-4394	13.417-750	São Paulo	Jan/80	P: Aichi, M. Mie
70	Matsuo, M. J. C. Bernardino Matsuo, Osvaldo Yasushi	R. XV de Novembro, 216 - Ap. 64	34-0094	13.400-370	Piracicaba, SP Mogi das Cruzes, SP	Jun/86	P: Kumamoto, M. Akita P: Fukuoka, M. Osaka
71	Matsuo, Alice Sanae Matsuo, Haruo+	R. Matias de Albuquerque, 443	34-4157	13.403-040	Gifu	1978	
72	Matsuoka, Tadao Matsuoka, Helena M. Bovi	R. Campos Salles, 1462	34-0803	13.416-310	Coroados, SP Piracicaba, SP	1978	P+ & M: Gifu
73	Mazuco, Waldemar Mazuco, Natalia Takaki	Av. Dona Jane Conceição, 1762	33-3994	13.403-030	Tambau, SP	Fev/56	
74	Missawa, Clovis Missawa, Dora Kiyoka	R. Vicente de Carvalho, 259	34-6304	13.417-630	Piracicaba, SP Itaquacetuba, SP	Dez/80	P: Nagano, M. Hyogo M: Fukuoka
75	Miyaesi, Mario Miyaezi, Mara Souto	R. Manoel Chada, 110	21-5655	13.405-020	Rio Claro, SP Fernandópolis, SP	Mar/74	V/P: Kumamoto
76	Miyaji, Pedro Susumu Miyaji, Hideko Tanoue	Av. Armando Cezare Dedin, 503	21-2221	13.405-150	Dracena, SP São Paulo, SP	Mai/76	P: Kagoshima P&M: Kumamoto
77	Miyata, Massaru Miyata, Sueli Bortoletto	R. Alexandre Fleming, 75	34-2696	13.424-052	Piracicaba, SP	12/Mar/53	M: Kumamoto
78	Miyata, Nelson Miyata, Neusa M. Takagi	R. Paschoal Guerini, 636	34-8578	13.400	Piracicaba, SP	10/Jul/58	M: Kumamoto M: Fukuoshima
79	Miyata, Susumu Miyata, Tomiko	R. Fernando Souza Costa, 2802	22-4802	13.401-190	Conquista, MG		
80	Miyazaki, Kazuo Miyazaki, Eiko	R. Mem de Sa, 452	33-8908	13.403-046	Kumamoto Fukuoka	Nov/29	
81	Miyazawa, Jorge Miyazawa, Eliza L. Takeshiro	R. Alburnia, 261	26-2559	13.417-480	Fukuoka Fukuoka	Jul/94	D: Hiroshima
82	Mizuhira, Kiyoshi Mizuhira, Haru	R. João Botene, 329	34-4374	13.416-640	Mandaguari, PR Akita	Mar/33	Hokkaido
83	Mizuhira, Rosa Salo	R. Luiz Razera, 450	34-2025	13.417-530	Akita Piracicaba, SP	17/Set/36	P & M: Miyagi

+: Falecido - P: Pai - M: Mãe - D: Avô - B: Avô - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem Imigr.
	Mizuhira, Hiroshi+						
84	Mizuhira, Sadao	R. Inacio Martins, 74	21-2938	13.405-350	Nova Europa, SP		P&M: Akita P & M. Hokkaido
	Mizuhira, Tomiko						
85	Mizutani, Pedro Issamu	R. Prudente de Moraes, 1395 - ap 72	34-2384	13.416-720	Ribeirão Preto, SP	Jan/83	P: Aichi, M. Hiroshima
	Mizutani, Eunice M. Kurossawa				Ribeirão Preto, SP		P: Saitama M. Fukuoka
86	Mori, Inari	Av. 9 de Julho, 1213	22-8601	13.402-036	Piracicaba, SP	01/Jun/31	P & M. Kagawa
	Mori, Lucia Takaki				Piracicaba, SP		P: Nagano, M. Hyogo
87	Mori, Kiiti	Av. Edgard Conceição, 990	22-4490	13.401-100	Piracicaba, SP	18/Mar/43	P & M. Kagawa
	Mori, Yneko				Teacando, SP		P: Kagoshima, M. Nagasaki
88	Mori, Kintiti	R. Dr. Paulo Pinto, 2404	22-5557	13.418-050	Piracicaba, SP	Mar/35	P & M. Kagawa
	Mori, Kikuko Mizuhira				Hokkaido		
89	Mori, Mitsuo	R. Sud. Memucci, 2428	22-2314	13.401-130	Kagawa	Apr/30	
	Mori, Koo				Ishikawa		
90	Mori, Nivaldo	R. Mem de Sa, 570	34-0638	13.403-046	Praticicaba, SP	08/Jun/57	V/P: Kagawa, D/M: Nagano B/M: Hyogo
	Mori, Kiyono Otsuk				Santa Mariana, PR		M. Fukuchima
91	Mori, Sadao	R. Sud Memucci, 2410	33-0027	13.401-130	Praticicaba, SP	06/Fev/40	P: Kagawa, M. Ishikawa
	Mori, Lourdes Setsuko				Nova America, SP		P&M: Hiroshima
92	Mori, Sergio M.	R. Dr. Paulo Pinto, 2390	22-5557	13.418-050	Praticicaba, SP	27/Jun/61	M. Hokkaido
	Mori, Sandra Ap. Idalgo				Praticicaba, SP		
93	Mori, Toshio	Av. 9 de julho, 1213	38-1135	13.402-036	Kagawa	1929	
	Mori, Kikue				Kagawa		
94	Muraoka, Takashi	R. Santos Dumont, 714	22-7231	13.418-120	Valparaíso, SP	Mar/65	P: Yamaguchi, M. Akita
	Muraoka M. Inês Gonçalves				Praticicaba, SP		
95	Nagai, Filomena	R. Moraes Barros, 855 - Ap. 41	22-7034	13.400-356	Praticicaba, SP	04/Fev/18	
	Nagai, Yoshito				Fukuoka		
96	Nakagawa, Shigetoh+	Travessa Cristovao Domals, 9	33-6529	13.416-644	Promissão, SP	Fev/70	P: Hokkaido
	Nakagawa, Anelia				Akita		
97	Nakagawa, Kirichaburo	R. Moraes Barros, 1428	22-4552	13416-740	Tokyo	Mar/58	
	Nakagawa, Celta Emiko				Araçatuba, SP		P&M: Okayama
98	Nakahodo, Tuko	R. Regente Feijó, 774 - ap 43	33-9276	13400-100	Marília, SP	31/Jan/73	P: Okinawa
	Nakahodo, Lucia Nakano				Campo Grande, MS		
99	Nakashima, Katsuzo	R. B2, 215 - Beira Rio IAA	25-1869	13411-140	Kunamoto	Dez/86	

+: Fallecido - P: Pai - M: Mãe - D: Avô - B: Avô - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem imigr.
	Nakashima, Momoe				Kumamoto		
100	Narimoto, Fukujiru	R. Bento Dias A. Botelho, 41	22-8172	13417-180	Oita	Jan/73	
	Narimoto, Yoko				Yamagata		
101	Niime, Hiroto	R. Treze de Maio, 1376	33-2930	13416-710	Taiuva, SP	Dez/69	P: Hiroshima, M: Okayama
	Niime, Julia Itumi Tanaka				Pindorama, SP		
102	Nishide, Noboru	Av. 9 de Julho, 1286	22-3623	13402-036	Isukawa	Set/25	
	Nishide, Toshie				Hyogo		
103	Nishide, Syoiti	Av. 9 de Julho, 1286	34-9005	13402-036	Piracicaba, SP	01/Jun/39	P: Ishikawa, M: Hyogo
	Nishide, Pedrita J.				Tietê, SP		
104	Nishimura, Kazuki	Av. Armando Cesare Dedini, 800	21-7837	13405-150	Campinas, SP	Dez/73	P: Fukuoka M: Hiroshima
	Nishimura, Maria Rosa				Borda da Mata, MG		
105	Nishimura, Mussashi+	R. São José, 628	22-3691	13400-330	Saga	Ago/41	
	Nishimura, Iku				Miyagi		
106	Nishioka, Mikako	R. Dom Pedro I, 2097	33-6767	13416-780	Ehime	Jul/59	
	Nishioka, Isamu+				Ehime		
107	Okabayashi, Helio	R. Domingos Mazoneto, 143	21-7062	13400	S. Caetano do Sul, SP	Dez/79	
	Okabayashi, Solange Alves				S. Caetano do Sul, SP		
108	Okazaki, Jorge	Av. Manoel Conceição, 1027	21-0530	13405-230	São Paulo, SP	Out/68	P: Osaka, M: Kyoto
	Okazaki, Yolanda Hitoi				Lucélia, SP		P: Fukuoka, M: Mie
109	Onishi, Juti	R. C, 8 - Glebas Califórnia	27-1348	13403-298	Piracicaba, SP	08/Ago/36	P: Osaka, M: Hokkaido
	Onishi, Shuko				Hokkaido		
110	Onishi, Kinji	R. Benjamin Constant, 2400	22-3460	13401-050	Hyogo	Out/29	
	Onishi, Kazuko				Ishikawa		
111	Oshiro, Noboru	Sítio do Lago-Serrote-Cx. Postal 435	981-9346	13400	Araçatuba, SP	Jan/92	P: Okinawa
	Oshiro, Takeko				Bauri, SP		V/P & V/M: Okinawa
112	Ota, Henrique Issao	Av. Barão de Serra Negra, 764	21-5650	13405-120	Dracena, SP	30/Jan/68	P: Hiroshima
	Ota, Ivanilde A. de Godoi				Piracicaba, SP		
113	Ota, Teruo	R. Rafael Aloisi, 472	21-3235	13405-205	Hiroshima	30/Jan/68	
	Ota, Mitiko				Bastos, SP		
114	Otsubo, Issamu	R. Campos Salles, 446	33-3984	13400-200	Ribeirão Preto, SP	Set/37	P&M: Gifu
	Otsubo, Cecilia Shikano				Ibitinga, SP		M: Hokkaido
115	Otsubo, Kazue	Artemis	38-1116	13400	Piracicaba, SP	24/Jun/39	P: Gifu, M: Hiroshima

+: Falecido - P: Pai - M: Mãe - D: Avô - B: Avó - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem Imigr.
116	Otsubo, Minoru	R. Rangel Pestana, 253	34-2195	13400-380	Rinção, SP	Set/37	P&M: Gifu
	Otsubo, Fumiya				Piracicaba, SP		P: Hyogo, M: Kagawa
117	Otsubo, Nobuo	R. Bon Morte, 1524	34-9544	13400-140	Gifu	Set/37	
	Otsubo, Tiyoko+						
118	Otsuk, Massami	R. Mem de Sá, 566	22-4157	13403-046	Itamberrá, PR	Fev/72	P+&M: Fukushima
	Otsuk, Ivani Poutsar				Piracicaba, SP		
119	Oyama, Jaime Takashi	R. Tenente Tomaz Nunes, 300	21-3641	13405-175	São Paulo, SP	Nov/89	P: Kumamoto, M: Hokkaido
	Oyama, Elhana M. Shiga				São Paulo, SP		P&M: Okinawa
120	Pacheco, Sergio J. Dias	R. Silva Jardim, 508 - ap 174	22-8391	13417-230	Piracicaba, SP	16/Dez/51	
	Pacheco, Marcia G.C da C. e Dias				Fortaleza, CE		
121	Padula Filho, Angelo	R. Do Trabalho, 67 - ap 112	33-8650	13418-220	Piracicaba, SP	04/Mar/61	
	Padula, Marcia S. Akatschi				Pacaembu, SP		P: Guanara
122	Rodrigues, Gerson	R. Prof. Leonel Fagim, 45	21-2621	13400	Piracicaba, SP	09/Mar/63	
123	Rosa, Edvaldo A. Ribeiro	R. Dr. Paulo Pinto, 680	34-7402	13416-220	Piracicaba, SP	Jan/67	
	Rosa, Rosimeire Takaki				Piracicaba, SP		D & B: Nagano
124	Saeki, Artissa Mina	R. Dos Papagaios, 64	21-7284	13400	Sorocaba, SP	Jul/94	P: Fukuoka, M: Saitama
125	Saito, Paulo S.	R. João Oliveira Algodoad, 202	26-5492	13417-430	São Paulo, SP	Jan/80	P: Tokyo, M: Hokkaido
	Saiki, Filomena Cardoso				Portugal		
126	Saito, Keiji	R. Fernando Souza Costa, 2763	33-6992	13401-190	Piracicaba, SP	Fev/40	P: Miyagi
	Saito, Vera Mukaida				Abatiá, PR		P: Kumamoto, M: Fukuoshima
127	Saito, Massao	Av. Conselheiro Costa Pinto, 1033	33-7416	13401-060	Piracicaba, SP	11/Ago/48	P: Miyagi
	Saito, Ercilca Caldeira				Piracicaba, SP		
128	Saito, Massay	Av. Conselheiro Costa Pinto, 1008	33-7551	13401-060	Miyagi	07/Jan/31	
	Saito, Maria Hara				Piracicaba, SP		
129	Saito, Massazo	Av. Conselheiro Costa Pinto, 1026	33-3251	13401-060	Sto. Antonio de Posse, SP	Out/44	P: Miyagi
	Saito, Maria Miteko Morri				Piracicaba, SP		P&M: Kagawa
130	Sakai, Emílio	R. Assis Chateaubriant, 283	21-7269	13405-060	Mogi das Cruzes, SP	Mar/85	P: Tokyo
	Sakai, Sonia Maria Buzetto				Piracicaba, SP		
131	Samomiya, Jaciro	Av. Rui Barbosa, 126 - Ap. 402	21-2746	13405-010	Jundiaí, SP	Jun/75	D&B/P: Kochi, D&B/M: Kumamoto
	Santomiya, Maria de F.C				Olimpia, SP		

+: Fallecido - P: Pai - M: Mãe - D: Avô - B: Avó - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem Imigr.
132	Sano, Emílio Hideo	R. 10 de Novembro, 267	33-8579	13416-380	Araguari, MG	Jan/82	P&M: Hiroshima
	Sano, Elena K. Yamaguchi				Alta Floresta, SP		M: Hiroshima
133	Sato, Luiz	R. Justo Moretti, 57	34-6077	13405-434	Rio Claro, SP	Abr/73	P&M: Miyagi
	Sato, Maria de L. Pires				Piracicaba, SP		
134	Sato, Mitsuko	R. 21 de Abril, 102	33-5638	13424-105	Kunamoto	Mar/65	
	Sato, Tsugiharu				Kunamoto		
135	Sato, Nelson Kazuo	R. Catarina Schmidt, 133	34-6388	13417-490	Assai, PR	Jan/76	P&M: Hokkaido
	Sato, Rosa Hiroko				Rolandia, PR		
136	Sato, Shinji	R. Pedro Chiarini, 94	22-7668	13416-330	Lins, SP	1983	P: Oita, M: Fukuoka
	Sato, Mitsue Fuziy				Nhandeara, SP		P: Saga, M: Fukuoka
137	Sato, Sidney	R. Dos Girassois, 70	21-4095	13400	São Pedro, SP	1954	P: Miyagi
	Sato, Maria C. Malosso				Piracicaba, SP		
138	Sato, Susumu	Av. Dona Jane Conceição, 1127	33-1016	13403-030	Miyagi	15/Jun/54	
	Sato Tereza Takagi				Piracicaba, SP		P&M: Nagano
139	Sato, Tamiko	R. Tiradentes, 697	33-9647	13400-760	Miyagi	Nov/53	
	Sato, Yasumitsu+				Miyagi		
140	Shimabukuro, Tocitatsu	R. Visconde do Rio Branco, 1053	34-2064	13416-113	Marilia, SP	23/Dez/82	P&M: Okinawa
	Shimabukuro, Catharina O.				Marilia, SP		P: Okinawa, M: Mie
141	Shiraga, Minoru	R. Ulhôa Cintra, 220	33-9097	13400-430	Guararapes, SP	Nov/59	P&M: Okinawa
	Shiraga, Alice				Guararapes, SP		P&M: Okayama
142	Shirazawa, Eiji	R. Boa Morte, 1560	34-3540	13400-140	Lins, SP	Mar/88	P: Shimane
	Shirazawa, Julia Nishibata				Lins, SP		P: Wakayama, M: Okayama
143	Shirota, Ricardo	R. Dr. Jorge Pacheco Chaves, 2607	33-7117	13401-200	Maratua, PR	Fev/78	D&B: Mie
	Shirota, Eliza				São Paulo, SP		P: Tokyo, M: Miyazaki
144	Silva, Gilberto Pereira da	R. Samuel Neves, 2382	34-2015	13416-305	Pres. Prudente, SP	1970	
	Silva, Sonia Murakami da				Pereira Barreto, SP		P: Kyoto
145	Silva, Vladimir E. Marques	Av. Dr. Kok, 100	21-5491	13405-243	Piracicaba, SP	13/Jan/58	
	Silva, Ana Maria Moreto				Piracicaba, SP		
146	Sugikawa, Kijuro	R. Acácio do Canto, 1010	21-0512	13405-208	Araçatuba, SP	Sat/88	P&M: Toitoti
	Sugikawa, Sakae				Guararapes, SP		P: Okayama
147	Suzuki, Masaaki	Av. Com Luciano Guidotti, 1260	26-2047	13417-370	Campinas, SP	Nov/94	P: Yamagata

+: Falecido - P: Pai - M: Mãe - D: Avô - B: Avó - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem imigr.
148	Takagi, Antonio	Av. 9 de Julho, 1068	22-6645	13402-036	Piracicaba, SP	Jul/28	P&M: Nagano
	Takagi, Yuriko				Fukushima		
149	Takagi, Marcelo	R. Gov. Pedro de Toledo, 673	33-2647	13400-070	Marília, SP	Fev/82	P: Nagano
	Takagi, Cristina M. Lisboa				Marília, SP		
150	Takaki, Angelo	Av. Laramjal Pta- Trav S. João, 4	26-3982	13401-630	Piracicaba, SP	21/Dez/43	P&M: Nagano
	Takaki, Silvia R. Gomes				Avaré, SP		
151	Takaki, Fernando	Trav. Etamir J. Ferrari, 34	33-2965	13424-041	Piracicaba, SP	15/Fev/34	P&M: Nagano
	Takaki, Kiyoko				Monte Aprazível, SP		P & M: Hokkaido
152	Takaki, Helio	Av. Torquato, da Silva Leite, 734	33-9105	13416-210	Piracicaba, SP	12/Jan/48	P: Nagano, M: Hyogo
	Takaki, Sizaê Mizuhira				Mirassol, SP		P: Hokkaido, M: Kyoto
153	Takaki, Irineu	R. Guerino Schievano, 130	21-1908	13405-013	Piracicaba, SP	Set/49	P: Nagano, M: Hyogo
	Takaki, Maria Celia Lara				Piracicaba, SP		
154	Takaki, Julio	Av. Dona Jane Conceição, 1210	22-8537	13403-030	Piracicaba, SP	21/Abr/24	P&M: Nagano
	Takaki, Miyoko				Birigui, SP		P: Fukuoka
155	Takaki, Marcos M.	Av. do Café, 700	22-5360	13401-090	Piracicaba, SP	Dez/43	P: Nagano, M: Hyogo
	Takaki, Maria Abadia				Uberaba, MG		
156	Takaki, Maria Aparecida	Av. 9 de Julho, 1022	34-2112	13402-036	Piracicaba, SP	15/Fev/58	
	Takaki, Tsuguto +	Av. 9 de Julho, 1022	34-2112	13402-036	Piracicaba, SP		V/P: Nagano, V/M: Fukuoka
157	Takaki, Rosário	R. Mathias de Albuquerque, 372	22-7214	13403-040	Piracicaba, SP	28/Mar/36	P&M: Nagano
	Takaki, Margareth de F. V.				Pres. Prudente, SP		
158	Takaki, Ioshio	Av. Dona Jane Conceição, 1210	22-8537	13403-030	Piracicaba, SP	Ago/52	
	Takaki, Helena Saito				Piracicaba, SP		P: Miyagi
159	Takaki, Yukie	Av. do Café, 700	22-5360	13401-090	Hyogo	Out/29	
	Takaki, Shigueri +				Nagano		
160	Takami, Hisayoshi	R. José Vicente Pedreira, 1299	26-2561	13425-010	Fukushima	Jul/52	
	Takami, Shimeko				Ivate		
161	Takami, Orlando Yoshio	R. Jose Vicente Pedreira, 1299	26-2561	13425-010	Adamantina, SP	Jul/52	P&M: Fukushima
	Takami, Verônica, Scardua				Ilaguançú, ES		
162	Takara, Silvio	R. Mameel F. de Arruda Campos, 893	22-7159	13417-120	Bastos, SP	1957	P&M: Okinawa
	Takara, Hatsu				Marília, SP		P & M: Okinawa
163	Tamura, Chindi	Av. Dona Jane Conceição, 1764	34-1662	13403-030	Marília, SP	Abr/74	P&M: Yamaguchi
	Tamura, Singueco				Piracicaba, SP		P: Nagano, M: Hyogo

+: Falecido - P: Pai - M: Mãe - D: Avô - B: Avó - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem Imigr.
164	Tanaka, Armando	R. Argentina, 348	26-2532	13420-516	Flórida Paulista, SP	Set/82	V/M: Hiroshima
	Tanaka, Ester Maria da S.				Gonçalves, MG		
165	Tanoue, Mitsuo	Av. Armando Cezare Dedin, 503	21-2221	13405-010	Kumamoto	1987	
	Tanoue, Kumiko +				Kumamoto		
166	Teramoto, Isaura Harue	R. do Vergueiro, 1139	33-4420	13400-770	Pindamonhangaba, SP	Abr/56	P: Kumamoto M: Hiroshima
	Teramoto, Haruji +						
167	Teramoto, Jorge	R. Tiradentes, 490 - Ap. 72	33-3798	13400-250	Garça, SP	1987	P: Hiroshima
	Takano, Rute				Pacembu, SP		P: Nagasaki
168	Teraoka, Artur	R. Bolívia, 56	26-2078	13420-515	Assai, PR	Fev/76	P: Akita, M: Hokkaido
	Teraoka, Maria Ap. Stoco				Piracicaba, SP		
169	Torigoe, Hiroshi	R. Dona Eugénia, 537	22-2480	13416-230	Fukuoka	Jul/69	P & M: Fukuoka
	Torigoe, Tomiko				Avaré, SP		
170	Trijo, Walter Humberto R.	R. Jorge Zohlnier, 209	26-1827	13420-330	Pres. Prudente, SP	Mai/93	
171	Tsuji, Mikio	R. Brasílio Machado, 2360	22-5339	13401-120	Hokkaido	15/Nov/59	
	Tsuji, Yukiko				Kagawa		
172	Tsuji, Nelson Hiroshi	Av. Do Café, 604	34-6468	13401-090	Bandeirantes, PR	1980	P: Hokkaido, M: Kagawa
	Tsuji, Areadne A Komatsu				Piracicaba, SP		P: Miyagi, M: Yamagashi
173	Umebayashi, Emílio Takao	R. das Garças, 135	21-3476	13405-000	Guararapes, SP	Jan/78	P: Kyoto, M: Osaka
	Umebayashi, Dirce Y. Suguiakawa				Guararapes, SP		V/P: Tottori
174	Umeda, Yoichiro	R. das Garças, 21	21-4714	13405-000	Tupã, SP	Set/87	P&M: Hokkaido
	Umeda, Miyoko				Kumamoto		
175	Urushima, Masakazu	Av. Torquato das Silva Leitão, 615	22-5089	13416-215	Kagoshima	15/Fev/95	
	Urushima, Titeco				Nova Europa, SP		P & M: Kagoshima
176	Vitti, Dorinha M.S. Schmidt	R. Bernardino de Campos, 379 - C 2	33-5122	13417-100	Piracicaba, SP	23/Dez/50	
	Marcondes, Paulo N.				Itapetinga, SP		
177	Watanabe, Paulo Ularo	Av. Rio das Pedras, 331	26-1156	13420-520	Guaira, SP	Ago/84	
	Watanabe, Carmem Livia Moriguchi				Guaira, SP		
178	Watanabe, Sidney	Av. Cristovão Colombo, 227	21-1644	13405-465	Piracicaba, SP	30/Nov/49	P: Miyagi
	Watanabe, Meri Fernandes				Piracicaba, SP		
179	Watanuki, Milton Tadashi	R. do Rossio, 120	21-4182	13405-166	Araçatuba, SP	Jan/72	P: Toyama
	Watanuki, Helena M.				São Carlos, SP		
180	Yanada, Tsuyoshi	R. Antonio A B Pentead, 230 ap 141	26-5229	13417-380	Barretos, SP	Jan/62	P&M: Kumamoto

+: Falecido - P: Pai - M: Mãe - D: Avô - E: Avó - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

	Sócio	Endereço	Fone	CEP	Local Nasc.	Data chegada	Prov. origem imigr.
	Yaniada, Mifiko Omoto				Sertaneja, PR		P&M: Hiroshima
181	Yamaguchi, Massami	Av. Dr. Paulo de Moraes, 666	33-4000	13400-620	Kagoshima	Mar/79	
	Yamaguchi, Masumi				Saitama		
182	Yamaguti, Tomeharu	R. José Elías de Moraes, 277	26-2457	13400	Kagoshima	Jan/78	
	Yamaguti, Kii				Kagoshima		
183	Yamashita, Atílio	Av. do Café, 580	22-8117	13401-090	Piracicaba, SP	01/Oct/34	
	Yamashita, Kazuko				Bauru, SP		P&M: Wakayama
184	Yamatogi, Geraldo Kiyoshi	R. Dr. João Sampaio, 2531	34-2926	13416-240	Pitangueiras, SP	Nov/77	P: Okayama, M: Nagano
185	Yamatogi, Maria Yoko M.	R. 6, 46 - Jd. Vila Verde	34-9652	13420-826	São Carlos, SP	1977	P: Miyazaki, M: Kumamoto
	Yamauti, Jorge Yoiti				Guararapes, SP		P&M: Ehime
	Yamauti, Estelita Maria				Salvador, BA		
186	Yassuda, Celso Ryussei	R. dos Papagaios, 64	21-7284	13400	Alibain, SP	Jul/84	D: Ishikawa, B: Saga
	Yassuda, Maria do Carmo M				Cambui, MG		
187	Yokomizo, Kenji	Estrada do Batista, s/n	26-1735	13400	Lins, SP	20/Jul/82	P&M: Fukuoka
	Yokomizo, Kinie				Guaraniban, SP		
188	Yoneda, Amélia	R. Antonio Lourenço Canto, 84	33-7594	13417-750	Avai, SP	Dez/79	P: Kumamoto, M: Hiroshima
	Yoneda, Akira+				Kumamoto		
189	Yonekura, João Shigueo	R. Fernando F. da Costa, 1419	22-8418	13400	Dourados, MS	Fev/88	V/P: Hokkaido, V/M: Kanagawa
	Yonekura, Tereza T.				Praia Grande, SP		P&M: Okinawa
190	Yoshii, Chiriki	R. Carlos de Campos, 66	34-5345	13418-240	Wakayama	1960	
	Yoshii, Waldy T. Degaspari				Piracicaba, SP		
191	Yuashta, Nobuyuki	R. Regente Feijó, 1493	22-6266	13416-620	Pereira Barreto, SP	1962	P&M: Fukuoka
	Yuashta, Shizuko Akahoshi				Brigui, SP		P&M: Kumamoto
192	Yui, Hayashi+	R. Lilia Guerrini Segs, 126	21-0096	13405-174	Nagano	Mai/42	
	Yui, Sumako+				Hyogo		

+: Falecido - P: Pai - M: Mãe - D: Avô - B: Avé - V/P: Avós paterno - V/M: Avós materno

RELAÇÃO DOS NOMES NIPO-BRASILEIROS NÃO SÓCIOS DE PIRACICABA-SP

Nº	Nome	Endereço	Bairro	Cep	Telefone
001	Abe, Sonia Maria Cury	R. Julio Prestes, 219	Vila Monteiro	12417-790	34-9657
002	Abe, Antônio	R. Bom Jesus 670 apto 61	Bairro Alto	13417-000	33-0685
003	Abe, Ricardo	R. Manoel F. de A. Campos 16	Bairro Alto	13417-120	33-3430
004	Ankaru, Milton	R. Do Vergueiro, 1039	Centro	13400-770	26-5076
005	Ankaru, Yoshio	R. Machado de Assis, 630	Nova América	13417-540	26-1571
006	Aoyagui, Eduardo Shiguetoshi	Av. Carlos Martins Sodero, 266ap34	Vila Independência	13416-560	34-2298
007	Arai, Toyonori	R. Leogildo Salvagni, 744	Bosque da Agua Branca	13425-130	26-1075
008	Assano, Issamu	R. Cristo Redentor, 1030	J. Mercedes	13405-200	21-2913
009	Assari, Julio Makoto	R. João Sampaio, 1990	Vila Independência	13416-240	22-2266
010	Batochio, Meire S. Yui	R. Pedro Sacomi, 249	J. Mercedes	13405-325	21-6985
011	Benites, Agostinho Cesar	R. D. Pedro II, 2411	Nova América	13416-710	33-5062
012	Benites, Ariovaldo	R. Mariano Malosso, 152	Higienópolis	13417-300	26-5092
013	Chone, Masakatsu	R. Francisco C. Nascimento, 55	N. Piracicaba	13405-020	21-2086
014	Eisagui, Minoru	R. Sebastião C. Teixeira, 47	Jd. Colonial	13424-712	26-2671
015	Fujigaki, Shoichi	R. José Rosário Losso, 424	Jaraguá	13403-009	22-9582
016	Fujii, Massaru	R. Eliza Gobeth Furlan, 237	Nova América	13417-730	26-2387
017	Fujita, Mario	Av. Rui Barbosa, 257	Vila Rezende	13405-010	21-1286
018	Hama, Kiyokazu	Rua Dom Pedro II, 1840	Bairro Alto	13416-770	33-0063
019	Haraguchi, José Kazuhiro	Rua Iporanga, 53	Balbo	13409-014	29-2377
020	Hashimoto, Oscar Teruo	R. Silva Jardim, 568 ap 113	Bairro Alto	13417-230	34-7903
021	Hashizume, Maria	R. Eça de Queiroz, 2841	Vila Monteiro	13417-800	34-7903
022	Hashizume, Roberto Massao	R. Elvira Rosa Pecorari Pizzagati, 415	Vila Industrial	13412-256	21-7133

Nº	Nome	Endereço	Bairro	Cep	Telefone
023	Hashizume, Taira	R. Ipiranga, 385	Centro	13400-480	22-2908
024	Hatanaka, Tokusaburo	R. Dom Pedro I, 747 ap.121	Centro	13400-410	22-4505
025	Hayashi, Mário Terushiko	R. Padre José G. Pereira da Silva, 112	Santa Terezinha	13411-079	25-1462
026	Horibe, Tereza	Rua Dr. Paulo Pinto, 2584	Vila Independência	13418-050	22-4921
027	Horii, Jorge	R. José Ferraz de Camargo, 666	São Dimas	13416-060	33-4407
028	Ide, Bernardo Yasuhiro	R. Alfêres José Caetano, 855 ap 104	Centro	13400-120	34-2002
029	Ieda, João J. Cardinali	R. Barão de Piracicimirim, 814ap32	São Dimas	13416-150	22-7052
030	Igarashi, Thoyoaki	R. Dois, 21 Cx Postal 61	Dois Corregos	13400-000	33-9988
031	Ikeda, Tutomu	R. Dona Anésia, 135	Paulista	13401-270	22-9712
032	Iko, Célia Mitsue	R. Sud Menucci, 2428	Paulista	13401-130	22-7926
033	Ito, Carlos Masayuki	R. José Rosário Losso, 424	Jaraguá	13403-009	22-9582
034	Ito, Iocío	R. Dr. Morato, 1284	Vila Rezende	13405-260	21-7644
035	Ito, Mário	R. José Riolando Theodoro, 141	Noiva da Colina	13420-700	34-1780
036	Iwakava, Norio	R. Praia Grande, 250	Santa Terezinha	13409-008	25-1264
037	Iwamura, Cristina A. Aida	R. Mem de sá, 567	Castelinho	13403-046	33-7743
038	Iwamura, Edson Tsuyoshi	R. Alfêres José Caetano, 1358	Centro	13416-340	34-9579
039	Iwamura, Tenório	R. Hermínio Mendes da Silva, 83	Nova Pompeia	13425-536	26-4151
040	Iwashita, Yassuo	R. Rondonia, 315	Vila Prudente	13420-513	26-3530
041	Kageyama, Paulo	Av. Dona Ligia, 900 Ap. 51	V. Rezende	13405-130	21-7519
042	Kamachi, Jocimar Mitsuru	R. Gov. Pedro de Toledo, 1227	Centro	13400-070	33-5164
043	Kasaki, Ricardo Masayuki	R. José Gomes da Silva, 105	Santa Rosa	13414-132	21-6227
044	Kassagui, Luis	R. Francisco Salmeron Aguiar, 224	Noiva da Colina	13400-000	34-5946
045	Kato, Edson	Av. Dona Jane Conceição, 864	Paulista	13401-110	
046	Kato, Koiti	Rua Jornalista Breno Silveira, 32	Jaraguá	13403-027	34-9188
047	Kato, Takeshi	R. Mathias Albuquerque, 627	Castelinho	13403-040	33-6149

Nº	Nome	Endereço	Bairro	Cep	Telefone
048	Kawaai, Masanori	R. Coronel Manoel I.M. Pacheco, 1387	Jd. Monumento		22-6788
049	Kawaguchi, Julio	R. Moraes Barros, 441	Centro	13400-353	22-5473
050	Kawaguchi, Katsumi	R. Padre José C. Meirelles, 123	Vila Independência	13416-370	33-3347
051	Kawaguti, Luiz	Av.31 de Março, 1001 Ap. 13	Paulicéia	13424-300	22-7411
052	Kawano, Rui Yutaka	R. Mem de Sá, 580	Castelinho	13403-046	34-0661
053	Kawasaki, Massato	R. Mario Lordello, 101	V. Monteiro	13416-619	33-3494
054	Kimati, Hiroshi	R. Barão de Piracicamirim, 700	Vila Independência	13416-150	22-8287
055	Kinjo, Toshiaki	R. João Crocomo, 149	Nova Piracicaba	13 405-020	21-4706
056	Kishimoto, Pedro	R. Luiz Arzola, 176	Jaraguá	13403-004	33-5096
057	Kishinami, Togo	R. 10 de novembro, 133	São Judas	13416-380	33-1407
058	Kobanawa, Hideki	Av. Dr. Paulo de Moraes, 666	Paulista	13400-620	33-4000
059	Kobanawa, Risaio	Praça José Bonifácio, 825	Centro	13400-340	22-8146
060	Kodawara, Katuzi	R. Napoléão Lauredo, 631	V. Independência	13418-160	33-5350
061	Komatsu, Décio R. Campos	R. Furio Franchischine, 220	Santa Cecília	13420-050	33-4503
062	Komatsu, Jorge	R. São João, 1452	Bairro Alto	13416-790	33-6551
063	Komatsu, Keriji	R. Monte Paschoal, 312	Jd. Ibirapuera	13401-503	
064	Komatsu, Koji	R. Luiz Razera, 1144 Bl. A3 ap13	Nova América	13417-530	26-1470
065	Komatsu, Makoto	R. Santos, 2780	Jaraguá	13401-170	33-5161
066	Komatsu, Shuiyui	R. Dona Eugenia, 2633	Jardim Europa	13416-230	22-5716
067	Konaka, Koichi	R. Anita Garibaldi, 61	Nho Quim	13405-360	21-5273
068	Kondo, Koitsui	R. Pompílio Rafael Flores, 169	Algoóal	13405-454	33-3322
069	Kusunoki, Joji	Trav. Inglaterra, 61	Jardim Europa	13406-540	33-5138
070	Maruko, Motoharu	R. Rafael Ducatti, 422	Algoóal	13405-455	21-6719
071	Maruko, Shiguenori	Rua José Pires Fleury, 55	Vila Industrial	13412-241	21-0711
072	Masui, Nobuo	R. Dona Eugenia, 1733	São Dimas	13416-230	34-9429
073	Matsuki, Tadashi	R. Antonio Stoff, 234	J. Itapua	13402-069	34-8570
074	Matsuoka, Carlos Kazuyoshi	R. Men de sa, 516	Jaragua	13403-046	22-4793
075	Matsuoka, Tetsuo	R. Prof Odilon Nogueira, 84	Jaragua	13403-008	22-9741

Nº	Nome	Endereço	Bairro	Cep	Telefone
076	Miada, Valdomiro Shigeru	R. Fernando F. da Costa, 1419	Bairros dos Alemães	13416-253	33-8796
077	Miake, Vagner Mitsuhiro	R. Angelino Prezoto, 48	N. América	13417-600	26-1047
078	Miaki, Kikui Mori	R. Angelino Prezoto, 48	N. América	13417-600	26-1047
079	Miashiro, Jane Mazeti	R. Dona Olivia Bianco, 475	Jardim Brasília	13420-060	33-7527
080	Minami, Keigo	R. Dona Eugenia, 1627	Jardim Europa	13416-230	33-6993
081	Minoa, Tania	R. Jacob Diehl Neto, 1	Jardim Primavera	13412-021	
082	Misumi, Cecilia	R. Mathias Shimidt, 221 ap 23	Vila Monteiro	13416-615	34-1135
083	Miyazaki, Luiz	R. Antônio A. B. Penteado, 230 ap 112	Jardim Elite	13417-380	26-5372
084	Mizuhira, Ikue	R. Benjamin Constant, 1536	Centro	13400-056	22-7115
085	Mizuhira, Kaoru	R. Coriolano F. do Amaral, 541	Vila Monteiro	13416-680	22-4601
086	Mizuhira, Luciana Soares	R. Inácio Martins, 74	V. Rezende	13405-350	21-2938
087	Mizuhira, Maria E. Fernandes	Rua Cardeal Arco Verde, 244	Nova Piracicaba	13405-020	21-2804
088	Mizuhira, Sadamişu.	R. Dona Elvira, 324	Artemis	13432-000	38-1260
089	Mori, Yoshiko	R. Sud Menucci, 2428	Paulista	13401-130	22-2314
090	Murakami, Nobuyuki	R. Tufic Alexandre Arbex, 153	Jardim Santa Isabel	13400-725	34-5946
091	Nagao, Keizo	R. Vicente de Carvalho, 267	Nova América,	13417-530	26-2539
092	Nagata, Massianori	R. Paulo de Matos, 50	Piracicamirim	13420-562	26-1740
093	Nagumo, Shin	R. Carlos Campos, 56	São Judas	13418-240	22-6994
094	Nakagawa Toshiro U.	Trav. Cristovão Donats, 09	Vila Monteiro	13416-644	33-6529
095	Nakagawa, Jaime S.	Av. São João, 2155	Bairro Alto	13416-790	34-1906
096	Nakagima, Elcio	R. B. s/n	Eldorado		25-1869
097	Nakamura, Nelson	R. Silva Jardim, 568 ap 173	Bairro Alto	13417-230	33-1030
098	Nakandakari, Hatsue	R. Xisto Quadros Aranha, 158	Nova América	13417-610	26-2784
099	Nakano, Octavio	Av. Carlos Botelho, 372	São Dimas	13416-140	22-7780
100	Nakayama, Luiza	R. Gomes Carneiro, 1512	Centro	13400-530	33-0759
101	Narazaki, Massae	Av. Barão de Serra Negra, 1120 ap 21	Vila Rezende	13405-220	21-5562
102	Navarro, Midory Mizuhira	R. João Botene, 319	Vila Monteiro	13416-640	33-3212

Nº	Nome	Endereço	Bairro	Cep	Telefone
103	Nazima, Joair	R. Fernando de Noronha, 95	Vila Prudente	13420-508	26-2270
104	Nishimaru, Domingos	R. Lilian Guerini Segã, 61	Jardim Monumento	13405-174	21-1100
105	Nishimaru, Kazuo	R. Silva Jardim, 47	Bairro Alto	13417-230	34-660
106	Nishimura, Maria J.	R. Bernardino de Campos, 470	Bairro Alto	13417-100	22-5120
107	Nozaki, Mitue	R. Virgilio Furlan, 486	Paulicéia	13424-080	22-7165
108	Ogata, M. Alfredo	R. Feliciano F. da Cunha, 56	Jardim Itapuã	13401-065	34-1346
109	Ogata, Marcelo N.	R. do Vergueiro, 1139	Centro	13400-770	346922
110	Ogata, Mitiko K.	R. Moraes Barros, 250 ap. 306	Centro	13400-350	34-6882
111	Oishi, Katsuno	R. Gonçalves Dias, 312	V. Monteiro	13417-795	33-0223
112	Okamoto, Junji L.	Rua Infante Dom Henrique, 249	Jardim Ibirapuera	13401-510	34-0901
113	Okamoto, Roberto K.	R. Antônio Lourenço do Canto, 200	Nova América	13417-750	
114	Okano, Gilberto	R. Santa Cruz, 455	Bairro Alto	13416-760	
115	Okuda, K. Jose	R. Antônio F. de Arruda, 37	Parque 1 de Maio	13425-160	26-2710
116	Oliveira, Lurdes Gondo	R. Embu, 547	Parque Piraicaba	13409-016	25-1250
117	Omoto, Celso	R. Alfêres José Caetano, 1128 ap 108	Centro	13400-123	33-5391
118	Onishi, Silvio K.	R. Henrique R., 66	Caxambu	13425-050	27-1348
119	Onishi, Yaeko	R. José Jacomo Filho, 75	Vila Verde	13417-340	26-5096
120	Oshiro, Kenji	Av. Presidente Kennedy, 333 ap 22	Vila Rezende	13405-240	21-0821
121	Oshiro, Noboru	R. xFrequêzia, 238	Nova Piraicaba	13405-164	21-7864
122	Oshiro, Takaharu	R. H. J. Benide, 202		13400-183	26-5337
123	Otsubo, Anastácia Y.	R. Almirante Barros, 399	Santa Terezinha	13411-034	25-1131
124	Otsubo, Celso Tadao	Av. Rui Barbosa	Vila Rezende	13405-015	21-8098
125	Otsubo, Kussao	R. XV de novembro, 826	Centro	13400-370	33-1544
126	Otsubo, Sigueo	R. Fioravante Cenedeve, 387	Artemis	13432-000	38-1217
127	Otsuk, Massaji	R. Luiz de Queros, 284	Centro	13400-780	33-3642
128	Ozawa, Léo M.	R. Dona Santina, 758	Vila Rezende	13405-185	21-7501

Nº	Nome	Endereço	Bairro	Cep	Telefone
129	Padoan, Noriko N.	R. Antônio F. do Arruda, 160	Parque I de maio	13425-160	26-4345
130	Pavanelli, Sayuri K.	R. Campos Salles, 2750	Vila Independência	13416-310	34-6947
131	Saito Jorge	R. João Sampaio, 1633	Nova América	13416-240	33-4408
132	Saito, Marcos Massao	R. Catarina Shmidt, 185	Centro	13400-050	26-2166
133	Saito, Shiguo	Av. Dona Jane Conceição, 1117	Paulista	13403-030	34-7115
134	Saito, Wilson	R. Edu. Chaves, 1710 ap 32	Vila Monteiro	13416-625	34-9391
135	Sakai, Lívio	R. Tenente Tomaz Nunes, 309	Jardim Monumento	13405-175	21-5609
136	Sakuragui, Cassia	R. Luiz Camões, 2641 ap 43	Piracicamirim	13417-810	33-1691
137	Sasaki, Júlio Fumio	R. Dr. Adida Costa Romano, 256	Castelinho	13403-050	34-5663
138	Sato, Elena	R. José Pinto de Almeida, 1982	Bairros dos Alemães	13416-750	34-3116
139	Sato, Helena Perche	R. Lázaro Pinto Sampaio, 300	Vila Rezende	13405-138	21-3604
140	Sato, Mitiko	R. R. Capitão Emídio, 805	São Dimas	13416-040	33-7124
141	Sato, Shigueharu	R. 21 de abril, 102	Bairro Verde	13424-105	33-5638
142	Sato, Teruji	R. A. Ortigo, 575			33-1308
143	Shiguenawa, Massafumi	R. XV de novembro, 923	Centro	13400-370	34-1721
144	Shiguenawa, Paulo	R. Paulo Elias Pecorari, 274	Jardim Petrópolis	13420-686	26-2826
145	Shimabukuro, Paulino Akira	R. Quatro, 82	Nova Pompéia	13425-536	26-5678
146	Shimizu, Hiroyuki	R. Hortência, 56	Nova Pracicaba	13405-082	21-3343
147	Shin, Ito Ito	R. Domingos Mazzoneto, 454	Algodão	13400-000	21-7308
148	Shinitaku, Alberto	R. Fernando Lopes, 1733 ap 324	Paulicéia	13421-060	34-3320
149	Suenaga, Yoko	R. Luiz Romanelli, 4	Jardim Primavera	13412-027	21-5611
150	Suyeyassu, Jorge	Av. Mal. Castelo Branco, 817 B-3	Jardim Primavera	13412-010	21-2859
151	Suzuki, Sadako	Av. Rui Barbosa, 600 casa 11	Vila Rezende	13405-015	21-5032
152	Tabai, José Pedro	R. Cor. Inácio M. Pacheco, 1355	Jardim Monumento	13405-183	21-2273
153	Tabai, Kiyomi Yui	R. Cor. Inácio M. Pacheco, 1355	Jardim Monumento	13405-183	21-2273
154	Takahashi, Seiji	R. Santos, 2606	Jaraguá	13401-170	33-1706
155	Takahashi, Shizuo	R. Haldumont C. Ferraz, 155	Jaraguá	13403-052	34-6073
156	Takaki, Mizue N.	Av. Paulo Pinto, 680	São Dimas	13416-220	34-7402

Nº	Nome	Endereço	Bairro	Cep	Telefone
157	Taba, Gilmar Keiko Carvalho	R. Santos, 2669	Jaraguá	13401-170	
158	Takakura, João	R. Uruguai, 206	Vila Prudente	13420-514	26-4578
159	Takami, Américo Haruo	R. José Vicente Pedreira, 1381	Caxambu	13425-010	26-3561
160	Takami, Renato	R. Mathias Schimidt, 57	Vila Monteiro	13416-615	33-5835
161	Takeshi, Hajime	Av. São João, 667	São Dimas	13416-130	22-8150
162	Takizawa, Fausto	R. São João, 70	Limões	13416-000	22-5491
163	Tamashiro, Mario M	Av. 7 de Setembro, 319	São Dimas	13416-190	38-1331
164	Tanaka, Isoroku	Pça Catedral, 1023 ap 302	Centro	13400-150	33-8868
165	Tanaka, Oscar Riuzi	R. Dr. Otávio Teixeira Mendes, 1201ap 83	Centro	13416-760	22-0589
166	Taniguchi, Lucimar D.	R. Dona Santana, 1356	Vila Rezende	13405-185	21-3265
167	Taniguchi, Nelson I	Av. Dr. Mario Elica, 583	Vila Rezende	13405-125	21-1046
168	Tarumi, Mitsuiti	R. Atualpa Vaz de Mello, 835	Vila Rezende	13405-120	21-2019
169	Tazaki, Mitsuyoshi	R. Ana Nery, 370	Nho Quim	13405-368	21-5118
170	Teraoka, Maria A.S.	R. Bolívia, 56	Vila Prudente	13420-515	26-2078
171	Torigoi, Shunhiti	R. Martins Francisco, 160	São Dimas	13416-180	33-0735
172	Tsugami, Edno T.	R. 13 de maio, 1299 ap 23	Centro	13416-716	22-2470
173	Tsujikawa, Hidejiro	R. Antônio Stolf, 109	Itapua	13402-069	34-1137
174	Wakasugui, Luiz	R. Dr. Jorge Pacheco Chaves, 2717	Paulista	13401-200	33-1497
175	Watanabe, Eddy S.	R. José Galucci Filho, 383	Jardim Petropolis	13420-687	26-3399
176	Watanabe, Nelson	R. Dr. Otávio T. Mendes, 1154 ap 21	Bairro Alto	13416-760	33-3498
177	Yamada, Alice K.	Av. Luciano Guidotti, 415 ap 152	Caxambu	13424-540	26-3112
178	Yamaguti, Helena K.	R. José Elias de Moraes	Caxambu	13400-000	26-2457
179	Yamanaka, Roberto	R. Bernardino de Campos, 1846	Bairro Alto	13417-100	34-8924
180	Yamanaka, Sérgio	R. Maoel F. Arruda C., 1255	Bairro Alto	13417-120	33-8774
181	Yanaguimoto, Darcy I.I	R. Municipal, 90	Anhumas	13400-000	38-4165
182	Ydegushi, Carlos Akio	Av. Presidente Kennedy, 1121	Nova Piracicaba	13405-010	21-4246

Nº	Nome	Endereço	Bairro	Cep	Telefone
183	Yeda, Maria A. B.	R. Dona Eugênia, 605	Jardim Europa	13416-230	34-2937
184	Yokoi, César	R. Capitão Mor Goes de Aranha, 450	Nova América	13417-620	34-0844
185	Yokota, Massumi O.	R. Virgílio Furlan, 486	Paulicéia	13424-080	33-4685
186	Yokota, Mauro	R. Jacó Diehl, 288	Morumbi	13420-410	34-5507
187	Yokota, Joji	R. Buri, 81	Santa Terezinha	13409-012	25-1315
188	Yokota, Sumie	R. XV de novembro, 2514	Nova América	13416-756	34-1112
189	Yokotobi, Kenzo	R. Silva Jardim, 568 ap 74	Bairro Alto	13417-230	22-3376
190	Yoneda, Gerson N.	R. Antonia Cobra, 269	Jardim Petrópolis	13420-665	26-1597
191	Yoneda, Iourdes S.	R. Elvira Boyes, 507	Noiva da Colina	13420-670	26-4616
192	Yoneda, Sérgio M.	R. São João, 1751	Bairro Alto	13420-693	33-7124
193	Yonemura, Gilberto	R. Antônio Bacchi, 1246	Paulicéia	13424-070	34-6364
194	Yui, Hiroshi	R. Lilia Guerrini Segs, 126	Jardim Monumento	13405-174	21-0096